

Luana Manzione Ribeiro

**A FESTA E O MOVIMENTO TROPEIRISTA EM SILVEIRAS:
A Cidade Esquecida, A Cidade Relembrada**

Mestrado em História

PUC/SP
São Paulo
2005

Luana Manzione Ribeiro

**A FESTA E O MOVIMENTO TROPEIRISTA EM SILVEIRAS:
A Cidade Esquecida, A Cidade Relembrada**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em História, sob a orientação da Professora Doutora Márcia Barbosa Mansor D'Aléssio.

PUC/SP
São Paulo
2005

Banca Examinadora

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura: _____

Local e Data: _____

O QUE É BONITO?

Lenine e Bráulio Tavares

O que é bonito?

É o que persegue o infinito;

Mas eu não sou

Eu gosto do inacabado

Do imperfeito, o estragado,

O que dançou

Eu quero mais erosão

Menos granito.

Namorar o zero e o não

Escrever o que desprezo

E desprezar o que acredito.

Eu não quero a gravação,

Eu quero o grito

É que a gente vai

E fica a obra

Mas eu persigo o que falta

Não o que sobra.

Eu quero tudo que dá e passa

Quero tudo que se despe

Se despede,

E despedaça.

Dedico este trabalho à meu grande
companheiro, interlocutor e ouvinte,
Leandro. E aos meus pais Celso e Maria
Lucia que estiveram presentes em todos os
momentos dessa longa jornada.

AGRADECIMENTOS

Meus primeiros agradecimentos não poderiam deixar de ser aos depoentes e amigos de Silveiras que compartilharam suas histórias, experiências e memórias. Seu Josias, Seu Joaquim Governo, Seu Ocílio, Anderson, Seu Pitota, Carina, Seu Eugênio, Dona Zazá, Seu Fernando, Marina, Roque, Seu José Ricardo, Rosana, Seu Dedé, Rosângela, Dona Geralda, Dona Nilza, Padre Rivelino, Dona Aparecida que confiaram e me receberam sempre com tanta dedicação.

Gostaria de agradecer aos meus irmãos Fábio e Marina que, sem dúvida, são participantes e responsáveis pela minha formação.

A alguém que foi mais do que um amigo, foi professor e ouvinte de minhas dúvidas e inquietações, Eduardo.

Às amigas Bettina, Mariana, Renata, Letícia, Loice e Renata (faculdade) pelo ombro, conversas, risadas, gestos e atitudes que me confortavam nos momentos mais difíceis.

Aos meus professores de História, do 1º e 2º graus e da faculdade, que foram co-responsáveis por esta escolha. Dona Antonia (1º grau), que lecionou história durante sete anos de minha vida, Vicente Sarubala, que lecionou nos quatro seguintes (2º grau). E aos professores da faculdade que continuaram, cada um à sua maneira, este trabalho, Ana Paula Simione (socióloga), Ana Paula Torres Megiani, Antonio Gilberto Ramos Nogueira, Claudia Callari (*in memoriam*) e Paulo César Garcez Marins.

À minha orientadora e professora Dra Márcia Barbosa Mansor D'Aléssio que me auxiliou nos caminhos desta área nova para mim, a história.

Por fim, à CAPES, instituição financiadora desta pesquisa.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. Cidade Morta ou Cidade Invisível?	19
2.1 Lobato e as “Cidades Mortas”	19
2.2 De Rancho à cidade	28
2.3 Tropeiro: Trabalhador ou Herói?	36
2.4 A construção da memória do espaço de Silveiras e da figura do tropeiro	54
3. A festa na cidade: rituais, usos, funções	67
3.1 A trajetória da festa	67
3.2 Rituais de rememoração.....	82
3.3 Intervenções, incorporações, incômodos	99
4. Lugares de reconstrução das lembranças: ecos e reverberações	107
4.1 A desconstrução do ressentimento	107
4.2 Lugares de qual memória?	114
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	129
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	133
7. FONTES	139

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa da região

Figura 2: Foto de Silveiras

Figura 3: Acampamento Noturno de Viajantes

Figura 4: Cartaz da 2ª Festa do Tropeiro

Figura 5: Cartaz da 18ª Festa do Tropeiro

Figura 6: Cartaz da Programação da 18ª Festa do Tropeiro

Figura 7: Cartaz da 19ª Festa do Tropeiro

Figura 8: Cartaz da 20ª Festa do Tropeiro

Figura 9: Cartaz da 21ª Festa do Tropeiro

Figura 10: Cartaz da 1ª Festa do Tropeiro

Figura 11: Praça do Tropeiro

Figura 12: Rancho do Tropeiro

Figura 13: Casarão do Tropeiro

Figura 14: Portal de Silveiras

RESUMO

A sociedade atual sofre com a gradativa “perda de memória”, devido ao excesso e rapidez com que as informações chegam e se vão. Esta “perda de memória” pode ser percebida quando contabilizamos o número de grupos que se reúnem em prol da exaltação e fortalecimento de sua cultura, origens e história.

Neste estudo buscamos compreender os caminhos utilizados por estes grupos, que se sentem à margem da história e, como emergem os processos de reconstrução da memória. Os processos são sempre pautados na escolha de ícones que sejam representativos para o grupo proponente. E, a partir desta escolha são construídos espaços que façam referência à determinada cultura e sua história, a fim de instaurar e propagar uma memória comum à sociedade em que este grupo está inserido.

Foi interessante percebermos que muitos destes movimentos surgem a partir da década de 1980 e que estes reconstróem suas histórias e memórias com base em seu passado e, buscando recuperar experiências tradicionais, consideradas autênticas, como uma forma de se distinguirem de uma cultura hegemônica que tenta inculcar na sociedade que o desenvolvimento e a modernidade oferecem tudo aquilo que o homem necessita. Esta cultura faz com que grupos e comunidades que não acompanham as transformações efêmeras trazidas pela modernização sejam vistos como um incômodo e um atraso, o que gera um sentimento de ressentimento e a ânsia destes grupos em mostrar a multiplicidade de culturas existentes e sobreviventes.

Partindo desta leitura, escolhemos o município de Silveiras, localizado na região do Vale do Paraíba do Sul, no Estado de São Paulo para discutirmos estas questões. Na cidade ouvimos e aprendemos a importância e os significados da memória para grupos como os silveirenses que pautaram a recuperação de sua memória num dos sujeitos históricos que foi responsável pela fundação da cidade, o tropeiro, através de comemorações e espaços construídos em sua homenagem.

Palavras-chave: festa, tropeiro, memória e história oral

ABSTRACT

Today's society suffers a gradual "loss of memory", because of the excess of information and velocity at which it comes and goes. This "loss of memory" can be perceived when we count the number of the groups that gather to exalt and fortify their culture, origins and history.

In this study we search to comprehend the methods used by these groups, which feel historically marginalized, and how the processes of rebuilding memory emerge. The processes are always based on choices of icons that are a reference for determined cultures and their history, with the objective of establishing and propagating a common memory for the society that this group is inserted.

Interestingly, we perceived that many of these movements have appeared since the 1980's, and that they rebuilt their history and memories based on their past, searching to recover traditional experiences, considered authentic, as a way to be different from a hegemonic culture that tries to convince society that development and modernity offers everything that man might need. This culture causes the groups and communities that do not follow the fast changes brought by modernization to be seen as bothersome and antiquated, which generates a feeling of resentment and an anxiety in these groups to demonstrate the multiplicity of existing and surviving cultures.

From this literature, we have chosen the municipality of Silveiras, located in Vale do Paraíba do Sul in the state of São Paulo, to discuss these issues. In Silveiras we heard and learned of the importance and the meanings of the memory of these groups that base the recovery of their memory on one of their historical figures, who was the founder of the city, the "tropeiro", through the celebrations and places built in his honor.

Key-words: fiest, "tropeiro", memory and oral history

1. INTRODUÇÃO

No último ano da graduação em Turismo a professora de história Ana Paula Torres Megiani convidou-nos a participar de uma pesquisa sobre a Festa do Tropeiro em Silveiras. O estudo teria como problemática a apropriação da festa pela atividade turística e os impactos gerados por esta “turistificação” da comemoração. Não houve a possibilidade de concretizarmos esta pesquisa devido à falta de recursos, o que me incentivou a trazê-la para as discussões ligadas à história.

Quando decidi ingressar na área da história percebi que o caminho trilhado diferia do escolhido na graduação em turismo. A problemática da pesquisa se voltaria para questões ligadas aos porquês do surgimento da Festa e do chamado Movimento Tropeirista e seus significados para a população silveirense. A partir das primeiras visitas ao município de Silveiras percebi a ânsia dos moradores por contarem suas histórias, experiências e memórias. Decidi, portanto, aproximar-me da história do município através da história oral. Ouvir estas pessoas serviu para perceber como os moradores de Silveiras se sentem frente à realidade amarga trazida pela literatura e historiografia do município e da região do Vale do Paraíba.

A região, por ter recebido as primeiras grandes plantações de café no século XIX e se desenvolvido a partir desta atividade, tem parte de sua bibliografia embasada no período de ascensão deste ciclo e sua decadência. A decadência que tomou conta de parte dos municípios do Vale do Paraíba no final do século XIX foi analisada por Monteiro Lobato, em sua obra “Cidades Mortas”, publicada em 1919. Este termo utilizado para se referir aos municípios da região que sofreram com a decadência do ciclo cafeeiro eccou nas obras de autores de áreas como história e geografia ao longo do século XX e nas falas dos silveirenses que desejam “ressuscitar” a cidade.

O ressentimento que moveu os silveirenses a elaborarem a Festa do Tropeiro foi despertado pelas heranças literárias deixadas por Monteiro Lobato, mas também pelas posturas tomadas pelo governo que abandonou estes municípios, ao longo do século XX, pois estes não eram vistos como potenciais

para se adequarem às novas formas de desenvolvimento, porque tinham poucos moradores e eram essencialmente agrários.

A fim de ir na contramão destas leituras, um grupo de moradores, no final da década de 1970, promove mensalmente uma feira de artesanato para apresentar a cidade e sua cultura aos demais moradores do Vale do Paraíba. Esta, após algumas edições com sucesso, passou a sofrer com a diminuição dos visitantes. Após esta frustração, os moradores decidiram buscar algo marcante para a história da cidade e que pudesse compor o movimento de reconstrução de sua memória. Olhando para a história e trajetória de vida de muitos de seus moradores, que trabalharam durante muitos anos como tropeiros, encontraram algo de extrema relevância, pois muitos desses senhores abasteceram Silveiras e cidades vizinhas com mercadorias de subsistência como, alimentos, durante muitos anos. Organizou-se, então, a primeira Festa de Tropeiro de Silveiras, em 1981, que deu início a um movimento de reconstrução da memória do município a partir da trajetória dos tropeiros. Era formado por professores e tropeiros que esforçaram-se para encontrar elementos que fossem representativos para a cultura tropeira. Conheci senhores que trabalham como tropeiros até os dias de hoje, seu Josias, seu Joaquim Governo, também fundadores da Festa do Tropeiro, assim como, seu Maciel, seu Ocílio, seu José Ricardo. Esposas, filhos e netos de senhores que participaram do Movimento Tropeirista da cidade como dona Geralda, Marina, Rosana e Rosângela. Moradores que participam da Festa na cozinha, dona Nilza e Carina e celebrando a Missa do Tropeiro, padre Rivelino. Outros como dona Zazá, seu Fernando e dona Aparecida que criticam os rumos tomados pelos organizadores da festa. Além dos barraqueiros que vendem lanches na festa, Walter, Vínia e William e visitantes da Festa como o senhor José Luiz. Cada um à sua maneira me ajudou a compreender e apreender o que levou os silveirenses a idealizarem uma comemoração pautada na imagem do tropeiro e a multiplicidade de significados do evento.

Além da Festa, outros instrumentos foram criados com o intuito de exaltarem o tropeiro. Houve também, a troca do nome da rodovia que passa pela cidade SP-66, para rodovia dos Tropeiros, a criação da Fundação Nacional do

Tropeiro e da Praça em homenagem a este personagem, todos concretizados na década de 80. Mais recentemente, em 2003, inaugurou-se o Portal do Tropeiro, na entrada da cidade, com uma estátua de uma mula e um tropeiro. Todos estes elementos utilizados para recuperar a memória da cidade resultaram no que hoje é conhecido por Movimento Tropeirista.

O recorte histórico definido na pesquisa é dado pelo seu próprio objeto, a Festa e o Movimento Tropeirista de Silveiras, pois estes surgem no início da década de 1980 permanecendo vivos até os dias de hoje. Assim, o marco cronológico do estudo é o período de 1980 a 2003, porém, em alguns momentos da pesquisa, fatos ocorridos na festa de 2004 emergem com o objetivo de auxiliar na compreensão do espaço, relações sociais e transformações da festa.

Partindo da idéia dos silveirenses de constituir o Movimento Tropeirista, primei por buscar as origens do sujeito social homenageado por este, o tropeiro. Para tal procurei conhecer a maneira como a historiografia relata o seu surgimento, perfil e ofício a fim de apreender se se entrelaçam às narrativas que são transmitidas pelos tropeiros nas famílias silveirenses. Outra indagação é acerca da participação dos demais moradores na festa e no movimento, o que ambos representam para este grupo e quais as tensões ocorridas nesta luta pela reconstrução da memória da cidade. Visitei a Festa durante três anos consecutivos, 2002, 2003 e 2004, além de visitas feitas ao longo do ano, durante a semana e em feriados religiosos como Páscoa e Corpus Christi.

A construção desta memória pôde ser apreendida a partir das conversas ou prosas, como as chamam alguns depoentes, que nortearam a pesquisa em toda sua abrangência, pois toda a transmissão da experiência se dá oralmente e, cada fala, cada olhar, cada “causo” proporcionou uma aproximação com o universo dessas pessoas. A proximidade e envolvimento com a oralidade mostrou que a busca incansável dessas pessoas por uma história, uma memória, que fique marcada no espaço e nas pessoas que vivem na cidade e as razões pela escolha da figura do tropeiro, acontece pois querem deixar o eco de suas vozes, a fim de modificar a memória ressentida que os afligia antes da idealização do Movimento.

Estas vozes, são de suma importância, pois Silveiras, que luta pela conservação e propagação de sua memória, sofre com a escassez de documentação escrita. Apenas duas obras, *Silveiras: História e Tradição*, de José de Miranda Alves, silveirense e historiador e *Voltando às Origens*, de Ocílio Ferraz, silveirense, sociólogo e criador da Fundação Nacional do Tropeiro. Estas obras são escritas em resposta à obra que marca a história da região onde se encontra o município de Silveiras e serviu como base para diversos historiadores ao longo do século XX produzirem seus trabalhos sobre esta porção do Vale do Paraíba, *Cidades Mortas*, de Monteiro Lobato. Anos depois, em 1955, Lobato publica “*Vale do Paraíba – um diamante a lapidar*”, inserido na obra *Idéias de Jeca Tatu* a fim de tentar discutir propostas para a região em que nascera.

A dificuldade de encontrar obras que se referem ao município se estende também a outros tipos de documentação. Não há em Silveiras nenhuma espécie de arquivo. Uma biblioteca municipal pequena e incompleta oferece apenas livros didáticos, literatura infantil, infanto-juvenil e adulta e a da Fundação Nacional do Tropeiro dispõe de bibliografia sobre o tropeirismo no Brasil e no Vale do Paraíba. As obras sobre Silveiras, algumas monografias de Faculdades da região, cartazes de divulgação da festa e a documentação da Fundação como atas e escrituras. Falta espaço e verba para manter funcionários para atender moradores e pesquisadores. Outros documentos escritos sobre a cidade foram cedidos por alguns depoentes, como a partitura de músicas da Missa realizada na festa, panfletos de divulgação da festa e do plano de governo do prefeito que contém as modificações que este pretende fazer na Festa do Tropeiro.

Jornal do Momento e Jornal de Silveiras também não dispõem de arquivo. Sete exemplares do Jornal de Silveiras e um do Jornal do Momento foram consultados no Arquivo do Estado de São Paulo, pois nada foi localizado em Silveiras. O Correio Valeparaibano, sediado em São José dos Campos, jornal de maior expressão no Vale do Paraíba, possibilitou a pesquisa em seu arquivo dos jornais dos meses de agosto de 1980 a 2003.

Analisei, além das fontes orais e escritas, fontes imagéticas como reportagens televisivas da TV Vanguarda (TV Globo regional), que mostram a

festa e a cidade, e o vídeo *São Paulo Antiga – Uma Encomenda da Modernidade*, idealizado por Eduardo Peñuela Cañizal e Ulpiano Bezerra de Menezes. As reportagens elucidam as mudanças realizadas na festa e a participação da mídia na tentativa de compor uma memória para Silveiras pautada na imagem de uma cidade simples, caipira, sem vícios, ou seja, reproduz o discurso da dicotomia entre campo e cidade, o qual é um instrumento que apaga e anula as peculiaridades e subjetividades destes espaços.

A análise e aproximação com as fontes auxiliou no direcionamento e divisão dos capítulos, pois através delas fui definindo os assuntos que deveriam ser discutidos e em quais momentos do trabalho.

Desta forma, o primeiro capítulo “Cidade Morta ou Cidade Invisível”?, procura apresentar as visões e versões dadas à história e memória da cidade, os conflitos e embates existentes. Apresentei as discussões feitas por Monteiro Lobato sobre a região e reflexões de autores que discutem suas posturas políticas como Tania De Luca e Darcy Ribeiro. Num segundo momento aparece o histórico da cidade de Silveiras, seus fundadores e origens. Tentei, portanto, falar dos diversos olhares sobre Silveiras. Este capítulo também discute o tropeiro através da história e como este grupo de moradores se agarram a esta imagem para recuperar sua memória. Uma outra questão colocada pelo capítulo é a tentativa de formação de uma memória acerca do espaço de Silveiras por parte dos meios de comunicação, que exalta um cenário bucólico, do qual exclui a pluralidade e subjetividade de seus atores.

No segundo capítulo, “A festa na cidade: rituais, usos e funções”, é dado destaque à Festa do Tropeiro desde sua criação até o ano de 2003. A festa recebe esta atenção na pesquisa, pois notamos que esta, renova-se e realimenta-se de novos significados e experiências a cada ano de sua realização, pois tem a participação efetiva de moradores de diferentes idades e grupos da cidade em todos os seus rituais, como a Missa do Tropeiro, o Almoço Tropeiro e o Desfile das Tropas. Este dinamismo e democracia presente na festa tornaram o evento o elemento de maior expressão na cidade para a recuperação de sua memória, pois é freqüentada e valorizada por uma grande parcela da população. Ainda que a

Festa tenha se tornado um espaço democrático, sofreu diversas modificações à revelia de seus fundadores e moradores mais antigos da cidade, por isso, busquei pensar sobre as intervenções e incômodos gerados por estas.

O terceiro capítulo, “Lugares de reconstrução de lembranças: a festa dos tropeiros, ecos e reverberações”, consiste na reflexão e apresentação dos demais elementos utilizados pelo Movimento Tropeirista para a rememoração do espaço da cidade e nas dissonâncias e ressentimentos emergentes nesta trajetória de reconstrução da memória de Silveiras.

O diálogo com as fontes, a interface entre estas e o *corpus* teórico dá suporte à sua estruturação. Alguns autores, no caminho de elaboração e construção do texto, foram fundamentais à reflexão. Se pensarmos neste trabalho como um estudo que tem como alicerces a história oral, a memória e a cultura, não podemos nos distanciar das discussões promovidas por historiadores envolvidos com essas temáticas.

Para nortear a trajetória da pesquisa com a História Oral foram lidos autores como Alessandro Portelli (1996; 1997), Alistair Thomson (1997) e textos de Luisa Passerini e Étienne François inseridos no obra *Usos e Abusos da História Oral*, organizado por Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Amado (1996). Estes auxiliaram no processo de percepção e aproximação dos depoentes, no conhecimento dos obstáculos e dificuldades apresentadas ao pesquisador da história oral. Através destas leituras percebi que as fontes geradas a partir das técnicas da história oral nos permitem conhecer uma história que não está presente na historiografia da cidade ou da região. Notamos, também que as narrativas são construídas num diálogo onde o historiador e o narrador imprimem suas impressões, posições, pois a história oral estabelece vínculos entre o historiador e os sujeitos históricos (François, 1996). Desta forma, optei por fazer a transcrição dos relatos na composição original, não realizando intervenções para assemelhá-las às normas da escrita.

No campo da cultura, parti de pressupostos como os colocados pelos autores E. P. Thompson (1998), Raymond Williams (1989), Carlo Ginzburg (1987) e Nestor García Canclini (2003). Thompson, assim como Williams auxiliaram no

desenrolar do trabalho no sentido de dar norte às questões relacionadas a constituição da cultura, pois não a vêem a partir de uma perspectiva engessada, mas construída num processo dialógico, repleto de interferências, intervenções e conflitos entre diversos grupos. Estes conflitos, na leitura de Ginzburg, representam a circularidade na formação e reorganização das chamadas culturas dominantes e culturas subalternas, num processo constante de lutas e embates, os quais se refletem nas reformulações das culturas. Nestor Canclini pensa cultura como algo híbrido e multifacetado, recusando a aceitação de culturas “puras” ou “autênticas”, que supostamente, não sofrem intervenções externas e se perpetuaram sempre da mesma forma.

No decorrer da pesquisa muitas das inquietações relacionadas aos conflitos e hibridismos que compõem as culturas emergiram, pois em Silveiras, ainda que se busque na festa e em seus monumentos em homenagem ao tropeiro a autenticidade da cultura tropeira, ou caipira como a chamam alguns, ocorrem interferências como modificações no modo de preparo dos alimentos da festa que desbancam este ideal de manutenção e engessamento de uma tradição.

Da mesma forma, propus algumas reflexões sobre a memória neste trabalho, porém, embasando-as em outros autores como Alessandro Portelli (1997), Michel Pollak (1989), Santo Agostinho (1980), Pierre Nora (1993), Maurice Halbwachs (1990) e em textos dos autores David Konstan, Jeanne Gagnebin, Pierre Ansart, Paulo de Salles Oliveira e Maria Eunice Maciel inseridos na obra *Memória e Ressentimento*, organizada por Márcia Naxara e Maria Stela Bresciani (2001). A memória, na ótica de Portelli, pode ser compartilhada, como memória comum, que se concretiza na fala individual, com as subjetividades que sobressaem e indicam a quebra da memória coletiva que tem como verdade uma única versão, não respeitando as peculiaridades e ressentimentos presentes nas diversas falas. De acordo com Pollak:

A despeito da importante doutrinação ideológica, essas lembranças durante tanto tempo confinadas ao silêncio e

transmitidas de uma geração a outra oralmente, e não através de publicações, permanecem vivas (1989, p.5).

Assim, as memórias de Silveiras estão presentes, pulsando e não foram soterradas como se pretende pregar em textos, como os de Monteiro Lobato sobre o Vale do Paraíba e suas cidades.

Sobre as cidades primei por compreender quais são as suas respectivas funções e atribuições dadas por alguns escritores como Jacques Le Goff (1998), Ronaldo Roncayolo (1998), Lewis Mumford (1990) e a obra literária de Ítalo Calvino, *As Cidades Invisíveis* (1990). O principal motivo do surgimento do Movimento Tropeirista no município se deu a partir de sua “morte”, como dizia Lobato, ou de dados estatísticos que a consideram como apenas mais um logradouro pobre do Estado de São Paulo. Os autores apontam as múltiplas funções das cidades, desmontando a idéia de que a função econômica é o coração delas. A função econômica aparece como concorrente e ao mesmo tempo componente das demais, pois é na inter-relação com as demais que ocorrem as reconstruções e modificações dos espaços das cidades que as mantêm vivas.

Ainda com o intuito de revisitar paradigmas sobre as cidades, pesquisei trabalhos que os analisassem a partir da realidade do Vale do Paraíba. As obras de Carlos Eugênio Marcondes Moura (2000), Boris Fausto (2000) e Tom Maia e Thereza Maia (1977, 1981) forneceram elementos para esta discussão.

Dos tropeiros muita bibliografia foi encontrada, sendo que, a maioria referia-se a atividade nos estados do sul do Brasil e no município de Sorocaba, exceto as obras de Alcir Lenharo (1979), Maria Sylvia de Carvalho Franco (1997) e Tom e Thereza Maia que discutem o assunto na região do Vale do Paraíba. Estes nortearam o estudo no sentido de mostrar as diversas formas como o tropeiro é exaltado na historiografia brasileira.

Com relação à bibliografia sobre festas os trabalhos que direcionam a pesquisa são a obra de Mikhail Bakhtin em *Cultura Popular na Idade Média* (1987), que discute as conceituações e prospecções da festa para determinado

grupo ou sociedade. Norberto Guarinello em *Festa, Trabalho e Cotidiano*, inserido na obra organizada por István Jancsó e Iris Kantor, *FESTA – Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa* (2001). Jean Duvignaud em *Festas e Civilizações* (1983), reflete sobre os significados e ritualizações da festa. Rita de Cássia Amaral (1995, 1998) que discute a emergência das festas regionais e típicas a partir da segunda metade do século XX, seus usos e funções.

Não pretendi, com este estudo e suas discussões, esgotar as reflexões sobre este assunto, mas apenas deixar minha contribuição para trabalhos futuros. As dificuldades para a realização do trabalho não se resumiram à falta de documentos, mas se estenderam aos obstáculos que foram sendo transpostos à medida em que ia me enveredando pelos caminhos da história, o que, em muitos momentos, me deixou bastante insegura. O que, realmente, me fez perceber que estava, ao menos, tentando trilhar o caminho em direção à minha pesquisa, foram as inúmeras conversas com meus depoentes, que em cada café oferecido, lembrança, sorriso, desabafo, lamento, mostraram as diversas possibilidades que temos de ver a história.

2. CIDADE MORTA OU CIDADE INVISÍVEL?

2.1 Lobato e as “Cidades Mortas”

A quem em nossa terra percorre tais e tais zonas, vivas outrora, hoje mortas, ou em via disso, tolhidas de insanável caquexia, uma verdade, que é um desconsolo, ressurre de tantas ruínas: nosso progresso é nômade e sujeito a paralisias súbitas. Radica-se mal. Conjugado a um grupo de fatores sempre os mesmos, reflui com eles de uma região para outra. Não emite peão. Progresso de cigano, vive acampado. Emigra, deixando atrás de si um rastilho de taperas (Lobato, 1972, p.3).

No instante em que se deseja aprofundar os estudos sobre o Vale do Paraíba do Sul ou qualquer uma de suas cidades, não há como evitar o encontro com Monteiro Lobato. O autor, nascido no município de Taubaté, foi promotor público no município de Areias, e muitas de suas obras tiveram como inspiração a história e realidade vividas pela região entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX. Não por acaso, há na região um município com o seu nome onde um parque com bonecos de seus principais personagens infantis marca sua presença (Camargos, 1997, p.30).

*Cidades Mortas*¹, publicada, em 1919, na Revista do Brasil, retoma a história de cidades do Vale do Paraíba, relatando sua derrocada econômica. Em outras obras, como *Idéias de Jeca Tatu*, onde está inserido o conto *O Vale do Paraíba - diamante a lapidar*, o autor divide a história da região em dois períodos, o da pujança econômica alcançada pelo ciclo do café, de 1820 a 1900, e o de estagnação econômica, sugerindo modificações para que a região volte a ser próspera. Em nenhuma passagem são citados os nomes dos municípios, representados por nomes fictícios, como Oblivion e Itaoca (esquecimento e caverna), mas as caracterizações e indicações geográficas permitem ao leitor o reconhecimento da região. Nos contos, o autor relata as modificações no modo de

¹ *Cidades Mortas* teve sua primeira publicação na Revista do Brasil com o subtítulo de *Contos e Impressões*, os últimos cinco contos foram acrescentados em 1923 na edição das Obras Completas.

vida dos munícipes que sofreram com a decadência do café. A palavra “morte”, do título da obra, indica os problemas e conseqüências da decadência da lavoura cafeeira.

O discurso de Monteiro Lobato repercutiu ao longo do século XX, na formação da memória e identidade do Vale do Paraíba. A historiografia traz informações sobre o desenvolvimento da agricultura cafeeira, seus benefícios e prejuízos no período em que se instaurou na região. Segundo Fausto (2000), a expansão da atividade no Rio de Janeiro, se estendeu à região do Vale do Paraíba, onde alcançou seu apogeu, aproximadamente, em 1850. O produto se tornou o mais rentável da época no país, sobrepondo-se à lavoura açucareira no Estado de São Paulo, produto este que nunca desempenhou um papel econômico de grande representatividade no Estado, como no Nordeste. O êxito da lavoura cafeeira foi significativo, dando origem a empreendimentos como a estrada de ferro Dom Pedro II, iniciada em 1855, na cidade do Rio de Janeiro, chegando a Cachoeira Paulista no Estado de São Paulo, em 1875 (Fausto, 2000, p.199).

O desenvolvimento, tão almejado por moradores da região e por Monteiro Lobato, foi efêmero, pois, a partir de 1880, começaram a surgir os primeiros obstáculos para o crescimento da atividade: como o esgotamento do solo, a abolição da escravatura e a dificuldade das pessoas da região em pensarem alternativas para solucionar os problemas, apresentados em *Cidades Mortas e Idéias de Jeca Tatu*.

A estrada de ferro e o Café transformaram-nas de pousos de tropa em aglomerações urbanas de vulto. A estrada de rodagem com que Washington Luis as ligou deu-lhes nova injeção de vida, com o fomento das pequenas culturas marginais. Porque o problema do vale do Paraíba é o mesmo do país inteiro – transporte. (...) Esse trabalho contribuirá imensamente para que o valor do vale do Paraíba redobre. A natureza o dotou com o que pôde; só lhe falta a dotação humana (Lobato, 1946, p.228-9).

O inconformismo de Lobato perante a postura da população local frente à crise é mostrado de maneira bastante rude em *Idéias de Jeca Tatu*. Recentemente, as questões territoriais levantadas pelo autor foram revistas por estudiosos de outras áreas como geografia e história. O geógrafo Aziz Ab'Saber considera as características geográficas da região como um fator limitante para o crescimento da atividade cafeeira, pois as plantações estavam localizadas entre as serras do Mar e da Bocaina e causaram o esgotamento do solo, que não era apropriado para o plantio do grão, transformando a região num imenso desfiladeiro. Tal relevo e declividades provocaram aceleração do processo erosivo, quando do cultivo do café em larga escala e sem o uso de técnicas adequadas e de contenção do solo, causando o seu empobrecimento (Ab'Saber *apud* Ross, 1995, p.58). Em contrapartida, algumas famílias bem sucedidas na atividade, migraram para o oeste do Estado de São Paulo ao descobrirem que o solo chamado de “terra roxa”, devido a sua coloração, era favorável ao plantio do café.

Nesta região, a mão-de-obra escrava, foi aos poucos sendo substituída pela assalariada, representada pelos imigrantes europeus, aos quais, a partir de 1885, a Lei Imperial, subsidiava as passagens para o Brasil. Moura (2000) relata que os proprietários das fazendas produtoras do Vale do Paraíba não aceitavam os preceitos da Lei Áurea, mas não conseguiram impedir que a mão-de-obra local, essencialmente escrava, migrasse para outras regiões, homens e mulheres que queriam se desvencilhar de seu passado em busca de novas ocupações. No Vale do Paraíba, os fazendeiros que permaneceram na atividade e já sofriam com o seu declínio foram aos poucos abandonando suas propriedades, pois não aceitaram a abolição da escravatura.

Todos esses elementos, segundo Lobato, acarretaram uma série de problemas sociais, como o desemprego, migração em massa, fome, pois os municípios da região investiam apenas na monocultura cafeeira. Ocorreu uma descaracterização do espaço e muitas casas e grandes fazendas foram abandonadas.

A decadência da produção cafeeira trouxe grandes perdas materiais, acarretando a migração de muitos moradores dessas cidades que passaram a ser vistas como espaços decadentes e derrotados. Os textos de Lobato ecoam em trabalhos da segunda metade do século XX e são estudados nas escolas da região até os dias de hoje. O Movimento Tropeirista em Silveiras nos convida a compreender os caminhos e estratégias traçados pelos silveirenses, para manter sua cultura, pois a cidade não existe apenas em função de seus ciclos, econômicos, mas por suas relações sociais que seguem na construção permanente de sua história.

No início do século XX, o discurso hegemônico é diametralmente oposto ao que propõe valorizar as cidades pela sua postura frente à política econômica, apontando outros aspectos que também são relevantes para sua formação e permanência. Lobato, preocupado com a modernização do país, pela industrialização e higienização, viu na criação de uma editora e na Revista do Brasil essa possibilidade (De Luca, 1999, p.60). O positivismo europeu ecoou no Brasil nas novas formas de urbanização, que visavam à reorganização do espaço das cidades a fim de atender aos ideais de higienização das cidades, a que se soma o crescimento econômico trazido pelas indústrias que consolidaram a Revolução Científico-Tecnológica no país (Sevcenko, 1996, p.35). De Luca (1999) em sua obra, *A Revista do Brasil: Um diagnóstico para a (n)ação*, discute o papel assumido pela elite intelectual da época que se via como o único grupo competente para compreender e estabelecer padrões para que o país encontrasse seus *verdadeiros valores*.

Monteiro Lobato, não via os municípios do Vale se aproximarem desta nova perspectiva, pois não haviam sido firmadas nem suas idéias, nem seus produtos. Lobato via aquelas cidades ainda voltadas para uma economia agrícola, sem planejamento, como um acinte às novas propostas de desenvolvimento da sociedade brasileira (Lobato, 1946, p. 230). O personagem Jeca Tatu foi criado pelo autor para ilustrar a mentalidade e as características da população que impediam o êxito das propostas progressistas que circulavam no país. Este foi

inspirado com base nas suas experiências e relações com os caipiras do Vale do Paraíba.

Jeca Tatu extravasou os limites da ficção para encarnar o anti-herói nacional, que incomodava na medida em que comprometia uma determinada concepção da vida cabocla, rompia com o discurso ufanista a respeito do país e de seus habitantes – como já o fizera Lima Barreto em *Triste Fim de Policarpo Quaresma* -, e trazia à tona questões sobre a permeabilidade do Brasil à modernização, os caminhos a serem trilhados para atingi-la, as causas e os responsáveis pelo nosso descompasso; numa palavra, discuti-lo implicava ter por objeto o próprio país (Campos *apud* De Luca, 1999, p.62).

Partidário do discurso ufanista, que vinha acompanhado pelo discurso positivista, *Cidades Mortas* entre outros textos, como *O Vale do Paraíba – diamante a lapidar*, inserido no livro *Idéias de Jeca Tatu*, de 1946, delata e critica a postura dos munícipes diante da crise econômica. Para Sevcenko, muitos autores deste período fizeram questão de renegar o passado e as tradições de grupos populares do país, pois estes se tornaram *fontes de vergonha, mal-estar e indignação, manchas que conspurcavam a ordem e o progresso* (1998, p.31). As características que permaneceram na região geravam a inconformidade de Lobato que a expressava de maneira bastante ardilosa.

Até o ar é próprio; não vibram nele fonfons de auto, nem de cornetas de bicicletas, nem campainhas de carroça, nem pregões de italianos, nem tem-tens de sorveteiros, nem plás-plás de mascates sírios. Só os velhos sons coloniais – o sino, o chilreio das andorinhas na torre da igreja, o rechino dos carros de boi, o cincerro de tropas raras, o trabalhar das baitacas que em bando rumoroso cruzam e recruzam o céu (Lobato, 1972, p.4-5).

Ainda que o título do conto - diamante - seja um elogio à região, o autor não se desvencilha de suas convicções políticas. Trechos, como *não vibram fonfons*

de auto e o *rechino dos carros de boi* demonstram a relevância dada por Monteiro Lobato às expressões e elementos de modernidade. O mais intrigante é a reverberação deste discurso, principalmente, a partir da segunda metade do século XX, pois muitos jovens deixam suas cidades em busca das promessas de uma vida melhor nos municípios vizinhos, como São José dos Campos, Taubaté, que oferecem vagas em grandes empresas instaladas nessas cidades que não mais sobrevivem da agricultura, pecuária ou artesanato, atividades essencialmente manuais. Muitos migrantes, após alguns anos, retornaram para a cidade natal devido à falta das condições e empregos prometidos.

Outros autores também se deixaram seduzir pela literatura e leitura feita por Lobato do Vale do Paraíba. *O Roteiro do Café e outros ensaios*, de Sérgio Milliet, e *Grandeza e decadência do café*, de Stanley Stein, fazem uma análise da economia cafeeira e seu desenvolvimento na região sudeste do país do fim do século XIX até meados do século XX. Nesses textos o termo “cidades mortas” é recorrente. O termo, além de aparecer em textos sobre história econômica, é retomado a partir da segunda metade do século XX na área de geografia, como por Aziz Ab’Saber. Stanley Stein aponta em sua obra a situação econômica do Vale do Paraíba, após a decadência da economia cafeeira:

(...) a decadência do café relegou a região a membro permanente da comunidade das “cidades mortas” do esgotado e devastado Vale do Paraíba (Stein *apud* Meler, 1997, p.333).

O autor refere-se ao município de Vassouras, no Estado do Rio de Janeiro, cidade tema de seu trabalho, uma das primeiras regiões a iniciarem o plantio de café no País. O autor Aziz Ab’Saber partindo de uma exposição que analisava apenas a geografia física da região, insere a discussão sobre os processos que descaracterizaram o solo do Vale.

(...) o abandono das terras, porém, foi geral e o sapé (*imperata brasiliensis*) e a samambaia (*pteridium*, sp) invadiram os solos desgastados dos morros lavados pelas enxurradas em anos e anos de exposição. Definharam os povoados e as pequenas cidades. Instaurou-se a paisagem das “cidades mortas” (Ab’Saber *apud* Melero, 1997, p.68).

Tais posições não devem ser excluídas, mas consideradas numa leitura que aborde outros aspectos além do determinismo geográfico.

O Manifesto Regionalista, encabeçado por Gilberto Freire, em 1926, em Recife pensava o fortalecimento do país a partir da observação de suas diversidades e não do centralismo proposto pelos federalistas.

O Regionalismo – senão criação pura no que assumiu de complexo em suas combinações novas de idéias porventura velhas, sistematização brasileira, realizada por um grupo de homens do Recife, não só de novos critérios regionais de vida, de estudo e de arte como de vagas e dispersas tendências para-regionalistas já antigas no Brasil, mas, quase sempre absorvidos pelo caipirismo ou deformadas em aventuras de “pitoresco” ou “côr local”, está, de modo geral, para a cultura brasileira, que libertou dos excessos de centralização, como o Federalismo está, em particular, para a vida política do país, descentralizada, pelos triunfadores de 89 (Freyre, 1926, p.7).

Os idealizadores do Movimento buscavam na pluralidade e não na uniformização a “cara do Brasil”, contrapondo-se à composição da cultura brasileira somente a partir da realidade paulista. Buscavam uma valorização, principalmente, da cultura nordestina. A exaltação e o conhecimento das *curiosidades etnográficas* e a expurgação da cultura européia importada e embutida na formação do ideário da nação.

Na segunda metade do século XX, Darcy Ribeiro em *O povo brasileiro – A formação e o sentido do Brasil* (1995), analisa o modo de vida tipicamente paulista do caipira, sua relação singular com o tempo e a temporalidade, sua autonomia e relação com as festas que apontam para outras versões significativas para o

período. O caipira, que segundo Darcy Ribeiro, foi marginalizado pelo sistema de trabalho implantado no Estado a partir da década de 1880, que privilegiava a mão-de-obra estrangeira, representada pelos imigrantes italianos, espanhóis, poloneses ou alemães, foi apresentado à elite intelectual brasileira como Jeca Tatu, por Monteiro Lobato.

As páginas de Monteiro Lobato que revelaram às camadas cultas do país a figura do Jeca Tatu, apesar de sua riqueza de observações, divulgam uma imagem verdadeira do caipira dentro de uma interpretação falsa. Nos primeiros retratos, Lobato o vê como um piolho da terra, espécie de praga incendiária que atçava fogo à mata, destruindo enormes riquezas florestais para plantar seus pobres roçados. A caricatura só ressalta a preguiça, a verminose e o desalento que o faziam responder com um “não paga a pena” a qualquer proposta de trabalho. Descreve-o em sua postura característica, acororado desajeitadamente sobre os calcanhares, a puxar fumaça do pito, atirando cusparadas para os lados. Quem assim descrevia o caipira era o intelectual fazendeiro da Buquira, que amargava sua própria experiência fracassada de encaixar os caipiras em seus planos mirabolantes (Ribeiro, 1995, p.390).

Lobato, em 1911, herdou de sua família uma fazenda voltada para a monocultura cafeeira decadente. Após muita labuta e devido à crise do produto, desistiu e vendeu a propriedade. A figura do Jeca Tatu era vista por ele como um dos elementos responsáveis pelas dificuldades para a reestruturação de sua propriedade, pois eram indolentes, preguiçosos e pouco ambiciosos. Este personagem, criado pelo autor no âmbito de suas “cidades mortas”, é um elemento que compõe a construção da identidade vale-paraibana e de Silveiras.

A relação “cidade morta” e “Jeca Tatu” nos leva a pensarmos sob outras perspectivas os espaços das cidades e seus moradores, para apreender as representações e conflitos existentes nestas cidades.

Para muitos historiadores, ao longo do século XX², o fator econômico é apenas um aspecto das inúmeras e complexas funções atribuídas às cidades, como política, religiosa, cultural, industrial, comercial, residencial e turística. Deve-se evitar os reducionismos que vêem as cidades apenas pela composição e modos de geração da sua receita, o que impede perceber questões que são valorizadas pelos moradores de cidades, como Silveiras. Segundo Roncayolo (1986), o termo cidade não é apenas um conceito, mas representa e elucida uma soma de experiências históricas que se reelaboram e modificam os espaços e as relações de tempos em tempos. Neste sentido, podemos pensar na morte de um ciclo ou de uma função referente à determinada cidade, mas não na morte da cidade em si, pois o que a move são as construções e trocas que existiram ou existem em seu espaço, uma simbiose, que reflete em inúmeras dimensões de análise.

Em *As Cidades Invisíveis*, de Ítalo Calvino (1990), retomamos as percepções despertadas em Kublai Khan após as narrativas de Marco Polo sobre as cidades conhecidas em suas viagens de reconhecimento. Os depoimentos do viajante suscitam reflexões sobre os diversos olhares acerca dos espaços das cidades.

- Às vezes, parece-me que a sua voz chega de longe até mim, enquanto sou prisioneiro de um presente vistoso e invisível, no qual todas as formas de convivência humana atingiram o ponto extremo de seu ciclo e é impossível imaginar quais as novas formas que assumirão. E escuto, por intermédio de sua voz, as razões invisíveis pelas quais existiam as cidades e talvez pelas quais, após a morte, voltarão a existir (Calvino, 1990, p.124).

A resposta de Kublai Khan a Marco Polo aponta que os relatos proporcionam ao observador a possibilidade de perceber e sentir todas as facetas oferecidas pelas cidades visitadas, as minúcias e invisibilidades que passam

² Ver: LE GOFF, Jacques. *Por amor às Cidades*. São Paulo: Editora Unesp, 1998. MUMFORD, Lewis. *A Cidade na história*. São Paulo: Martins Fontes, 1990. RONCAYOLO, Ronaldo. *Cidade*. IN: *Região. Enciclopédia Einaudi*. Porto: Casa da Moeda; Imprensa Nacional, vol 8, 1986.

despercebidas quando, não nos deixamos envolver pelo espaço em que vivemos ou estamos.

A observação das cidades implica sua percepção em toda sua abrangência e multifuncionalidade, as razões invisíveis de sua existência e permanência e mostra que dados mensuráveis proporcionam somente uma possibilidade de análise e, portanto, uma visão segmentada.

Silveiras atualmente é apresentada, em dados oficiais, como um dos municípios mais carentes da região. Por estar próxima à região onde se instalaram multinacionais de alta tecnologia, que vivencia um processo de euforia econômica ligada às telecomunicações e estudos espaciais, convive com pesquisas e estatísticas que reforçam a visão depreciativa que se tem sobre essas microrregiões, mostrando apenas parte de sua realidade.

2.2 De rancho a cidade

Embora Silveiras apareça como a mais pobre da região, sua história se assemelha em diversos pontos à cidades de seu entorno. A região se configurou a partir da abertura do Caminho Novo, em 1725, devido à necessidade de outras alternativas à estrada da Serra do Mar, o que deu início ao processo de povoamento para que houvesse a conservação da rota. Dessa forma, a região foi dividida em sesmarias. Logo, muitos trabalhadores e aventureiros passaram a viver nos arredores. Os primeiros habitantes de Silveiras foram Rego Barbosa, Rego de Siqueira, Bento Rodrigues e Bueno da Cunha, que fundaram o povoado de Itagaçaba. Posteriormente, a família dos Silveiras funda o Rancho dos Silveiras. Os ranchos eram pequenas casas construídas em grandes porções de terra e, por isso, ofereciam espaços para montar acampamentos, acolhiam os viajantes e tropas que transportavam mercadorias para serem comercializadas entre as vilas e nos portos. O Rancho dos Silveiras, devido a sua localização privilegiada no traçado da estrada, tornou-se um dos mais prósperos, escolhido pelo maior número de tropas que passava pelas redondezas. Em 9 dezembro de

1830, foi elevado a freguesia, a vila em 28 de fevereiro de 1842 e a cidade em 22 de fevereiro de 1864 (Alves, 1975).

No mesmo período, inicia-se o surto cafeeiro no Vale do Paraíba. As vilas com pouco mais de cem anos e que ainda dispunham de uma população reduzida se tornam atraentes para um grande contingente de pessoas que buscam investir no plantio de café e na compra de terras.

O Vale do Paraíba, durante cerca de 50 anos, foi hegemônico na agricultura cafeeira. Após esse período, passou a ter concorrentes na região Oeste do Estado de São Paulo, o que contribuiu para a crise da economia cafeeira na região. Por volta de 1880, assim como nos outros municípios da região, grande parte da população migrou para outras cidades do Vale do Paraíba, desacreditada de que a cidade se recuperaria de sua decadência. No entanto, o principal eixo de ligação entre o Rio de Janeiro e São Paulo perpassava por essas cidades. Assim, o pessimismo e as críticas, não faziam sentido, pois a movimentação, principalmente comercial, era intensa e muitos moradores permaneceram nas cidades.

O café era o espelho da nação, porque o que fazia o peso na balança comercial era o café. Como, antigamente, o ponto de exportação era Santos pra eles, então se interessavam pela profissão de café aqui no litoral, porque de fato não é o terreno próprio para o café, o terreno mais fácil pro café é pros lados de São Paulo, mas pra lá não tinha acesso naquele tempo, não podia pôr saco novo de café no burro. Aqui era mais perto, então se intensificou muito a produção de café nessas zonas. Meus avós vieram de Minas só para plantar café³ (seu Pitota).

³ Entrevista realizada pela autora em 19 de abril de 2003 na residência de seu Pitota. Seu nome é Clotário Cintra de Andrade, um dos moradores de mais idade da cidade, aposentado e tem 93 anos. O apelido foi dado pela mãe, pois quando menino era menor do que as outras crianças de sua idade. Trabalhou desde a adolescência numa venda da cidade, negociando com os tropeiros que traziam e compravam mercadorias de outros municípios e vilarejos da região. Presenciou a devastação que ocorreu na cidade no período da Revolução Constitucionalista de 1932 e exhibe em sua residência algumas granadas, balas e capacetes de soldados encontrados nas proximidades.

Seu Pitota, 92 anos, um dos moradores mais antigos de Silveiras, teve familiares que migraram para a região para trabalhar na lavoura do café, mas a família conseguiu adquirir apenas uma pequena fazenda. Em seu relato, 1932 é o ano, em que os moradores de Silveiras vêem-se envolvidos no grupo das cidades combatentes a favor da Revolução Constitucionalista de 1932. Silveiras é invadida pelas tropas federais que destruíram parte do patrimônio arquitetônico da cidade e uma parte de sua memória (Ferraz, 1984).

O memorialista Ocílio Ferraz relata um fato marcante para as transformações ocorridas na cidade e na região: a construção da via Dutra, na década de 1950, que substituiu a SP-66, renomeada, em 1982 de Rodovia dos Tropeiros⁴ (Anexo I) que passou a receber apenas o trânsito das cidades que ficam às suas margens.

O processo de decadência econômica de Silveiras iniciado ao final do ciclo do café na região foi constante. A distância da sede do município com relação à Estrada de Ferro Central do Brasil colaborou, e a inauguração da Rodovia Presidente Dutra na década de 50 foi outro duro golpe. Pensando nisto entendi: é urgente e necessário a interrupção deste ciclo de decadência; afinal são quase 100 anos (Ferraz, 1984, p.16).

Tais fatos são lembrados não apenas pelos memorialistas, mas também pelos moradores.

Quando o Dutra ganhou em novembro, abaixou o ordenado dele, baixou tudo quanto é coisa e dentro dos quatro anos ele conseguiu aquela Dutra. Ele abaixou, quer dizer, e até ficou com o nome de Presidente Dutra. (...) A Dutra atrapalhou, né, fracassou o serviço, fracassou Silveiras, porque isso tudo aqui era estrada velha, né. Agora tudo parou de passar por ela, aí você vê, muita gente foi

⁴ O nome Rodovia dos Tropeiros foi instituído pelo decreto governamental nº 20.184 de 15 de dezembro de 1982, substituindo a SP-66, em resposta a uma série de exigências feitas pelas cidades situadas na rodovia. Ver: FERRAZ, Ocílio. *Voltando às origens*. Silveiras: Fundação Nacional em Defesa do Tropeirismo, 1984.

embora, inclusive o João Borges, foi pra Cachoeira, ele era açougueiro⁵ (seu Josias).

As falas mostram que os sujeitos têm consciência de que o município não acompanhou o desenvolvimento econômico, considerado a solução para o país, mas também emerge nos interstícios das narrativas a valorização de sua cultura o que vai na direção contrária do discurso progressista. Não pretendem trazer para Silveiras a mesma realidade que levou muitos moradores a deixarem a cidade, mas criar alternativas a este modelo que estimula o êxodo rural, movimento tão significativo para a consolidação das grandes metrópoles, que captura mais um pedaço das memórias da cidade, pois leva um dos elementos mais importantes para sua construção, os moradores.

O mapa da região ilustra a localização do município de Silveiras no Vale do Paraíba e sua posição em relação à Rodovia dos Tropeiros.

O eixo São Paulo – Rio de Janeiro, representado pelo traçado mais grosso, corresponde à Rodovia Presidente Dutra, onde se localizam as cidades que, na década de 1980, receberam indústrias multinacionais de tecnologia de ponta, o que gerou o crescimento populacional e o “inchaço” desses municípios. Apenas as cidades à margem da rodovia participaram deste processo, com algumas exceções, como Aparecida do Norte, município turístico. Os traçados transversais são as estradas vicinais que levam o viajante às demais cidades do Vale do Paraíba Sul. A última estrada, antes da chegada ao Rio de Janeiro pela Rodovia Dutra, é a Rodovia dos Tropeiros, que leva às “Cidades Mortas”. Silveiras, a primeira cidade da rodovia, tem uma área de 414,7 km², subdividida em dez bairros: Centro, Bom Jesus, Kalunga, Paraitinga, Xadrez, Peitudo, Ponte Nova, Jingau, Macacos e Campos da Bocaina, que excetuando o centro, compõem a zona rural do município.

⁵ Entrevista realizada pela autora em 22 de agosto de 2003, na residência da filha do entrevistado no Bairro de Bom Jesus. Seu nome completo é Josias Florêncio, mineiro, 73 anos, vive desde a década de 50 em Silveiras. Seu Josias faz parte do grupo que fundou a festa, é tropeiro e tem algumas mulas até hoje e desfilava com estas até o ano de 2002. Aposentado, hoje seu principal meio de subsistência são os balaios e a venda de pinhão.

Figura 1: Mapa da Região

Fonte: Ferraz, Ocílio, 1984.

Essas pequenas cidades cresceram ao sopé da Serra da Bocaina, hoje Parque Nacional da Serra da Bocaina (PN) e, Silveiras, inserida no grupo de Áreas de Proteção Ambiental (APA)⁶ tiveram o reconhecimento de seu valor

⁶ Criada pela Lei Estadual no 4.100 de 1984. Ver: *Atlas das Unidades de Conservação Ambiental do Estado de São Paulo.*, São Paulo: Secretaria de Estado do Meio Ambiente.

histórico e natural. Sabe-se que, em muitos casos, só se tombam os patrimônios tidos de grande representatividade. Em Silveiras, o único bem tombado é o casarão que pertenceu ao Capitão Manoel da Silveira, pois muito do que se pretendia recuperar ou restaurar se encontra em estado lastimável devido ao descaso político.



Figura 2: Centro de Silveiras

Fonte: Da autora, 2003.

No município de Silveiras, hoje entre os menores da região, vivem cerca de 5.500 habitantes, maior parte na zona rural, de artesanato de madeira, agropecuária e turismo incipiente. Muitos estudos sobre a região pautam-se no discurso economicista de Monteiro Lobato, outros têm outro olhar acerca das condições desses municípios.

Hoje, sob a ameaça de uma megalópole industrial vale-paraibana, em que chaminés substituem palmeiras imperiais, em que o asfalto esmaga velhas figueiras (...), em que a química elimina as garças do Rio Paraíba e de suas várzeas, em que represas afogam ou mudam cidades, podemos, ainda assim, encontrar neste vale muitas de suas antigas casas de morada, algumas de suas velhas cidades. Não cidades mortas mas cidades que, “num viver menor”, com seus sobrados e casarões, com seus chafarizes e suas tropas de muares, pacientemente esperam dar ainda testemunho dos tempos em que todas as vilas e cidades queriam ser cortes (...) (Maia *apud* Oliveira, 2000, p. 22).

A partir da década de 70 moradores e estudiosos buscam outras versões da história das cidades do Vale, mostrando os malefícios representados pelo crescimento das indústrias na região e remetendo ao seu patrimônio cultural para reafirmar a importância de sua trajetória. Em Silveiras, na década de 1980, alguns moradores voltam-se para a recuperação de suas raízes buscando, além do passado cafeeiro, outros elementos representativos de sua formação e história.

Na maior parte das famílias de Silveiras, ao menos um de seus membros foi tropeiro, modo de vida que deixou seus traços até hoje, com influências na cultura, vestuário, alimentação, música e religiosidade.

Em 1981, um grupo de tropeiros e professores silveirenses deram início à Festa do Tropeiro, a fim de compartilhar peculiaridades de sua cultura e arrecadar verba para a construção e manutenção da Santa Casa da cidade. Cidades como esta aparecem na literatura, em dados e estatísticas como locais de poucos recursos financeiros, baixa densidade demográfica, poucos postos de emprego, sofrendo, ainda, a falta de investimentos que poderiam melhorar a qualidade de vida de seus munícipes. É uma cidade visível apenas aos olhos de parte de seus moradores, visitantes e pesquisadores, ou seja, àqueles sensíveis às diversas possibilidades de organização e preservação da cultura de um povo.

Em 2004, a Festa do Tropeiro, realizada no último fim de semana de agosto, completou sua 23ª edição, sob a responsabilidade da Prefeitura e apenas com o objetivo de arrecadação para a cidade, pois são locados espaços para “barraqueiros” de outras cidades venderem seus produtos. Atrelada à festa veio,

em 1982, a renomeação da rodovia que corta as cidades da rodovia SP-66 conhecida hoje, como Rodovia dos Tropeiros, processo que não envolveu apenas Silveiras, mas todos os municípios da região.

Em 1986 ocorre a criação da Fundação Nacional do Tropeirismo, por um silveirense, Ocílio Ferraz, e um grupo de estudiosos da região, moradores desta cidade. Sediada em Caçapava, anos depois, Ocílio Ferraz, presidente da Fundação, mudou-se para Silveiras e junto com ele a Fundação, registrada no Diário Oficial em 13 de junho de 1986, com os objetivos de: *promover e divulgar atividades de caráter cultural; manter cursos educacionais de qualquer nível e organizar congressos e simpósios e outros certames que visem difundir o Tropeiro e o seu ciclo histórico; firmar convênios com estabelecimentos de ensino ou órgãos do Ministério da Educação e Cultura com a finalidade de realizar cursos de caráter educativo e cultural; estabelecer convênios com emissoras de rádio e televisão, privadas ou governamentais, com o propósito de produzir programas educativos para divulgar o Tropeiro e o seu ciclo histórico; distribuir bolsas de estudos no País e no exterior; fundar editora ou gráfica, ou atuar em conjugação com as existentes ou a que venham a existir, com a finalidade de publicar livros, cadernos, revistas, monografias ou teses que versem sobre o Tropeiro e o seu ciclo; promover intercâmbios com universidades do Brasil e do exterior, visando a realização de seus fins e; estabelecer convênios com empresas comerciais, de serviços, de economia mista, industriais, cooperativas, sindicatos ou entidades classistas, visando recursos especiais à realização de seus fins, excluindo-se qualquer fim lucrativo*⁷ (Anexo II).

Muitos desses objetivos não se concretizaram devido à falta de interesse por parte de parceiros e de participação efetiva da população, pois o conselho era composto por moradores de Caçapava, mesmo esta dispondo de biblioteca e oferecendo cursos, como artesanato, culinária regional, bordados, entre outros, houve pouca adesão e procura por parte dos silveirenses.

⁷ 1º CARTÓRIO DE NOTAS E OFÍCIO DE JUSTIÇA DE CACHOEIRA PAULISTA. Escritura. Livro 149, folhas 57-62, 22/10/1985.

É o seguinte, a base mesmo é entusiástica e, quando eu detectei que no Brasil nada, ou muito pouco havia, não só de publicação mas de referência com relação ao tropeirismo e eu achava, percebi que uma simples associação conforme as leis brasileiras era muito restrita. Então, entusiasmado por amigos, por coincidência de fora daqui, né, de Lorena, de Caçapava, muitos né. Nós achamos por bem criar uma fundação, claro que eu não pensava que fosse tão trabalhoso, tão complexo, é uma loucura isso, né. E hoje, por exemplo, depois de muitos anos às vezes tenho até vontade de extingui-la, como é que eu vou explicar, é tanto preconceito que a própria sociedade entende que a gente pega dinheiro do governo e que deixa de recolher impostos. É que no fundo o que existe de dinheiro do governo, não existe, o que existe é um governo que fomenta a instituição para que seja preservada a identidade do próprio povo⁸ (seu Ocílio).

Ao longo dos anos a postura dos moradores foi se modificando. Muitos passaram a freqüentar os cursos e usufruir do acervo da biblioteca, principalmente os jovens para produzir trabalhos escolares e universitários sobre a história da cidade em que viviam.

A construção de um cenário para a recuperação da imagem do tropeiro, é chamado por muitos moradores de Movimento Tropeirista, uma tentativa de revisão e rememoração de sua história, uma possibilidade de exaltação de seu passado de outra forma, que não o aspecto político e econômico.

2.3 Tropeiro: Trabalhador ou Herói?

A imagem do tropeiro exaltada por diversos historiadores remete a um homem honesto, bravo, de cultura simples, de extrema importância para a formação cultural e geográfica do País, sendo considerado um dos ícones da nação brasileira. Seu ofício foi de extrema relevância para a interligação e comunicação entre diversas regiões do país. Todavia, alguns autores associam a figura do tropeiro à de um herói nacional, fazendo com que sejam anuladas as

⁸ Entrevista realizada pela autora em 15 de março de 2003, no Casarão do Tropeiro. Ocílio Ferraz, professor de Sociologia, memorialista e empresário. Escreveu sobre a história e memória da cidade. Atualmente, no Casarão onde fica a sede da Fundação gerencia uma pousada e um restaurante com comida tropeira.

subjetividades deste grupo social que exerceu sua profissão entre os séculos XVII e XX, realidades diferentes advindas do tempo histórico em que estão inseridos.

A imagem do tropeiro insere-se na proposta de compreender a memória local que vem sendo construída e propagada em Silveiras. Diversos autores, como Sérgio Buarque de Holanda, Carlos Borges Schmidt, Aluísio de Almeida, José Alípio Goulart, Vera Job e outros mostram o tropeiro como um herói, possibilitando a leitura de que essa não se perpetua apenas na literatura regional.

Tom e Thereza Maia, historiadores, que discorrem sobre o Vale do Paraíba, exaltam os tropeiros e outros sujeitos históricos por meio de termos como coragem, heroísmo, entre outros.

Bandeiras e bandeirantes vale-paraibanos, índios, ouro, tropas de muares, comércio de beira de estrada, coragem, heroísmo, lendas e estórias que dinamizaram os primeiros tempos desses núcleos que marcaram e povoaram os caminhos do Vale e as estradas “Minas de Sabará - Bosso”, que também foram “Minas de Taubaté (Maia, 1977, p. 5).

“Heroísmo” já explicita os caminhos trilhados por parte da historiografia no processo de elaboração do personagem. A invenção do herói tem como objetivo mostrar apenas alguns participantes de nossa história e criar normas de conduta, pois este sujeito é tomado como exemplo, seus passos e princípios devem ser seguidos, o que faz o transforma em modelo representativo de determinada cultura⁹. Diana Barros (1995) discute alguns traços de caráter e/ou personalidade que aparecem com frequência na criação da imagem de heróis, como a paixão, benevolência, generosidade, desprendimento, resignação e, paralelamente, irritação, raiva, ódio, formando dois grupos: santos ou loucos e fortes ou poderosos. A autora analisa a posição do herói diante das situações, apresentado

⁹ Paulo Miceli, em o *Mito do Herói Nacional* discute as figuras de Tiradentes, Dom Pedro e Duque de Caxias e as construções feitas acerca dos movimentos e fatos de que participaram e que aparecem em destaque na historiografia oficial, como a Inconfidência Mineira, 7 de Setembro e a Guerra do Paraguai. O autor mostra que o herói e seus feitos são utilizados como instrumentos para a construção da idéia do nacional, pois suas realizações não visavam melhorias e modificações apenas para uma região, mas para a nação.

sempre como sujeito da ação e nunca como seu destinatário, sempre em posição de destaque, em um nível superior dentro da sociedade de sua época. Na leitura de Matos, o herói é aquele que ultrapassou os limites da condição humana, o que o transforma em um semideus. *Detectamos, nos três sentidos, a idéia de que o herói é aquele que detém, suspende o tempo e que por sua excelência supera, por assim dizer, a condição humana* (Matos, 1995, p. 84).

Quanto ao tropeiro, verificamos que sua posição dentro da sociedade e suas características de personalidade vêm sendo questionadas por alguns estudiosos. Alcir Lenharo e Maria Sylvia de Carvalho Franco, por meio de pesquisas em documentos do início do tropeirismo no País, desvelam situações que mostram os tropeiros numa posição privilegiada na sociedade colonial. Estes, porém, não aceitavam essa denominação para não serem confundidos com membros de outros grupos que exerciam o mesmo ofício, como escravos, índios e homens livres, mas pobres.

Acresça-se nestes comentários introdutórios o fato de que a bibliografia sobre o tropeiro se ressentia da falta de análises que o discutam no contexto mais amplo da sociedade; ao contrário, ela tem preferido recriar um panorama sentimental do tropeiro, onde o seu "heroísmo" frente às condições adversas de trabalho, para não dizer dos valores de honestidade/lealdade, vistos como imanentes ao tipo humano do tropeiro, aparecem como temas prediletos (Lenharo, 1979, p. 91).

Tais estudos apontam que a bibliografia pesquisada sobre o tema, em sua maior parte, foi produzida a partir da década de 1950 e embasada em textos estrangeiros que visitaram o País no século XIX, como Saint-Hilaire, Hercules Florence, Jean Baptiste Debret, Daniel Kidder, Spix e Martius¹⁰ e nos trabalhos de

¹⁰ Segundo Ana Maria Belluzzo (1999), em *O Brasil dos Viajantes*, ao revisar nossa história através dos olhos dos viajantes estrangeiros, nos olhamos a partir de um olhar vocacionado, que analisava aquilo que se via sob a perspectiva da cultura européia.

Afonse D'Escragnole Taunay¹¹, que conferem ao tropeiro a imagem do caipira brasileiro. Uma leitura dos trabalhos pesquisados possibilita perceber a representatividade do ofício do tropeiro desde o seu surgimento até os dias de hoje e as elaborações sobre o seu papel na sociedade e as apropriações e construções feitas acerca da sua imagem. Autores do sul do País e da região de Sorocaba, cidade que sediou, desde o século XVIII até meados do século XX, a feira para o comércio de mulas, contribuem para a discussão do ciclo do tropeirismo no Brasil.

Em Silveiras, pouco encontramos de documentação escrita sobre as atividades realizadas pelos tropeiros. Alguns textos, como o do historiador e silveirense José de Miranda Alves, relatam sobre a formação da cidade e a contribuição dos tropeiros para que o rancho que deu origem ao município se desenvolvesse.

Silveiras desde sua fundação, até 1830 foi dominada por uma cultura rústica, cuja base econômica assentava-se sobre modesta agricultura, cuidando-se apenas dos produtos necessários para a vida da casa e da família, com alguma sobra para viajantes e tropeiros, hóspedes de ranchos (Alves, 1975, p.78).

Em nenhuma passagem do livro de José Miranda Alves é dado destaque ao tropeiro e sua importância para Silveiras. Este é sempre citado como um dos sujeitos históricos que transitavam pelo território do município, mas nunca entendido como um herói. Já o memorialista Ocílio Ferraz, em obra publicada dez anos depois, apresenta o tropeiro de forma diferenciada de seu conterrâneo. No

¹¹ No vídeo *São Paulo Antiga – Uma Encomenda da Modernidade*, idealizado por Eduardo Peñuela Cañizal e Ulpiano Bezerra de Menezes e dirigido por Adilson Ruiz, são retomadas as discussões sobre a responsabilidade de Afonso D'Escragnolle Taunay na criação do imaginário do Centenário da Independência Brasileira. Boa parte desse trabalho foi construído a partir de telas, baseadas nos retratos de Militão de Augusto Azevedo, sendo que Taunay pedia que os artistas modificassem o conteúdo quando reproduzidos. Um de seus personagens prediletos eram os tropeiros, suas mulas e carros de boi que substituíam os automóveis e os senhores que moravam na cidade. Taunay exalta os elementos representativos da colônia: o tropeiro, as igrejas coloniais e os carros de boi, todos os sinais de modernização desaparecem. O tropeiro neste trabalho aparece como o principal representante de cultura simples e rústica.

segundo capítulo de seu trabalho, *Resgate histórico de um herói - ... O Tropeiro* (1984), o memorialista delata a falta de atenção à figura do tropeiro e reivindica o seu posto dentro da história que, segundo o autor, teve a mesma relevância ou mais que outros sujeitos históricos imortalizados.

Na verdade, o seu lugar é devido, o seu espaço está reservado, esperando um reconhecimento que o colocará junto ou mesmo acima daqueles identificados nos compêndios históricos: o bandeirante, o gaúcho, o mineiro, o sertanejo, o boiadeiro, o seringueiro, o garimpeiro estão testemunhados e identificados. E o tropeiro? (Ferraz, 1984, p. 88)

O movimento em busca de um sujeito significativo para a região e para o município de Silveiras se confunde com a preocupação de pesquisas sobre o tropeirismo no Vale do Paraíba, iniciadas a partir da década de 1970 com um grupo de historiadores e sociólogos da região, com *O folclore das tropas e tropeiros no Vale do Paraíba* (1981), de Tom e Thereza Maia. As pesquisas são transformadas em boletins e cadernos culturais, a partir da década de 1980, em universidades e escolas particulares da região. A cultura vale-paraibana e a homenagem aos tropeiros ampliaram-se com a fundação do Museu Frei Galvão, no município de Guaratinguetá, idealizado e coordenado por Tom e Thereza Maia. Entretanto, as fontes encontradas sobre a história e trajetória dos tropeiros em Silveiras ainda se reduzem às obras dos autores Ocílio Ferraz e José Miranda Alves e de Tom e Thereza Maia. Apenas a partir dos depoimentos conseguimos nos aproximar da trajetória dos que foram tropeiros ao longo do século XX. Dona Geralda, esposa de um dos fundadores da festa, seu Osvaldo Cardoso (conhecido como Vardão), relembra o início de sua vida com o marido e as dificuldades enfrentadas no ofício de tropeiro.

A gente começou a vida assim muito pobrezinho, a gente não tinha nada e começou a trabalhar. Nesse tempo não tinha estrada, não tinha carro pra puxa as madeira, os mantimento, tudo era pelo lombo da tropa, aí trazia pra cidade a madeira e levava carne pra

fazenda (...). Depois começou a entra carro, trator e aí foi enfraquecendo o serviço, mas a gente ainda continuava, depois nós veio pra cá e trabalhou dois anos. Depois fomos pra São Paulo, teve uns desfile lá, muito bonito. Aí Deus lembrou de levar meu marido, aí a gente ficou só, a tropa continuou. A tropa tá lá no pasto nosso, o material tá todo arrumadinho, guardado, mas a gente não tem aquela coragem de lutar com aquele serviço, teve um filho que fez, mas fez chorando¹² (dona Geralda).

Os depoimentos apontam a representação do tropeiro construída a partir das vivências dos senhores e famílias que participaram da atividade em conjunto com o discurso cunhado pela historiografia. Assim, julgamos necessário retomar as origens do tropeirismo no Brasil para compreender os significados dados ao tropeiro na história do país e de alguns municípios, como Silveiras.

O ciclo do tropeirismo iniciou-se no fim do século XVII com a criação de muares no sul do País, devido à proximidade com os centros de criação do sudeste da atual Argentina para os carregamentos de prata que eram levados pelos espanhóis. Estes animais foram trazidos da Península Ibérica para o atual Canal do Panamá que fez com que essa atividade proliferasse em toda a América do Sul, a começar pelo Peru, para as Minas de Potosí, seguindo para a região onde atualmente se localiza a Colômbia, depois para a atual Argentina, e chegando ao sul do Brasil (Job & Vieira, 1997, p. 13-18).

O Brasil inicia a criação de muares no final do século XVII, período em que a região de Minas recebia um grande contingente de pessoas em busca do “Eldorado” brasileiro. Dessa forma, enquanto a região das minas sofria com a fome e a escassez de todo tipo de mercadorias de subsistência, o sul desenvolvia a criação de muares que se adaptaram bem às condições climáticas devido à sua pelagem grossa.

¹² Entrevista realizada pela autora em 18 de abril de 2003 na Praça da Matriz. Dona Geralda Vaz, 70 anos, viúva de Osvaldo Vaz, conhecido como seu Vardão, um dos fundadores da Festa do Tropeiro. Dona Geralda contou sobre sua vida ao lado de um tropeiro, o preparo da viagem, o retorno, o feitiço da comida e sua conservação. Após o falecimento do marido só participa da Missa do Tropeiro, no domingo pela manhã, pois diz não ter ânimo para se envolver na festa sem o seu companheiro.

A mula é um animal de muita resistência para longas, íngremes e estreitas caminhadas. *O uso de animais, como os burros e os bois, também é freqüente; o animal percorre instintivamente as curvas de nível, definindo o trajeto de um caminho em terreno com declividade acentuada* (Mendes, 1994, p.54). Os escravos suportavam menos peso e os carros de bois não conseguiam transitar por todos os caminhos da colônia. *Mas, devido à aspereza dos caminhos, que o acidentado do relevo tanto acentuavam, só dois meios de transporte a eles se adaptavam: o carregador humano e o burro* (Goulart, 1961, p.37).

A mula é um híbrido, gerado a partir do cruzamento do burro com a égua. Todos os machos, ao atingirem certa idade, são castrados para que não se reproduzam.

Existiam dois tipos de tropas: a xucra e a arreada¹³. Na primeira as mulas iam sem carregamento algum para ser comercializadas, enquanto a tropa arreada transportava todo o tipo de mercadorias que seriam vendidas nos pousos e vilas visitadas. O número de animais conduzidos por tropa, dependia da mercadoria que seria transportada e para onde ou se as mulas iam ser vendidas ou não.

No entanto, apenas a criação e venda dos animais não eram suficientes. Estes eram conduzidos por homens que cuidavam para que não adoecessem ou empacassem ao longo do trajeto.

Até a metade do século XVIII homens e animais foram responsáveis pelo abastecimento de grande parte da Colônia, principalmente das Minas Gerais, que sofreu com o aumento vertiginoso de seus habitantes ao longo desse período. Os animais eram negociados em Sorocaba que, em 1733, recebeu Cristóvão Pereira de Abreu¹⁴, o primeiro tropeiro do Brasil. A partir dessa data diversas tropas

¹³ Tropa arreada ou cargueira é a que transporta as cargas de uma região para a outra e exige que o tropeiro comercialize estes produtos em diferentes locais, diferente da tropa xucra que tem como finalidade apenas a venda dos animais. Ver: JOB, Vera. Tropas cargueiras na Hispano-América e no Brasil. IN: *O tropeiro e a integração geográfica e cultural do Brasil*. Sorocaba: Secretaria de Educação e Cultura, 1997.

¹⁴ Diz-se que Cristóvão Pereira foi o primeiro tropeiro do Brasil, pois, a partir de uma rota aberta por Francisco de Souza Faria em 1727, conduziu uma tropa de mais de duzentos animais até a região de Sorocaba em 1733. Ver: JOB, Vera. Tropas cargueiras na Hispano-América e no Brasil. IN: *O tropeiro e a integração geográfica e cultural do Brasil*. Sorocaba: Secretaria de Educação e Cultura, 1997.

faziam paradas na região, que era propícia para a alimentação dos animais e oferecia boas pastagens. A região tornou-se um ponto de encontro e originou as feiras de Sorocaba, para onde vinham comerciantes e tropeiros de diversas partes da Colônia para fazerem negócio. A Coroa Portuguesa instituiu, então, em 1750, o Registro de Animais em Sorocaba para cobrar os impostos e fiscalizar o número de animais vendidos na feira (Goulart, 1967, p. 42).

Em 1761, uma Carta Régia proibiu a criação de muares na Colônia, devido a pressões dos criadores de cavalo do nordeste preocupados com o grande crescimento de muares que ameaçava seus negócios.

Ainda em 1761 ordena expressamente uma carta Régia que não se dê despacho algum “a machos e mulas, e que mais antes pelo contrário, todos e todas as que se introduzirem depois de publicada essa total proibição deles, sejam irremediavelmente perdidos e mortos, pagando as pessoas em cujo poder se acharem, a metade do seu valor para os (que) denunciarem da clandestina introdução deles e que nas mesmas penas incorrerão as pessoas que uzarem de semelhantes cavalgaduras passado o ano que para o consumo das que tiverem, se lhes concede (Holanda, 1989, p.361).

Dois anos depois, a Carta Régia foi revogada, pois os criadores de mulas argumentaram junto ao governo sobre os prejuízos que seriam gerados: os dízimos iriam reduzir-se espantosamente. A atividade já trazia bons rendimentos à Coroa, embora muitas tropas utilizassem rotas alternativas para não realizarem tal pagamento.

Em 1790, a Coroa Portuguesa, ao perceber a amplitude da atividade, e a precariedade dos caminhos e trilhas, o que gerava o déficit na cobrança de impostos, promulgou um alvará para a construção de novas estradas.

Foram tomadas medidas para melhorar este quadro, durante o reinado de D. Maria I. Em 1790, foi criada a Superintendência Geral das Estradas, em Portugal, e um alvará de 28 de março de

1791 tratava da construção de novas estradas, canais e instalação de faróis de sinalização marítima (Goulart, 1967, p.45).

No início do tropeirismo na Colônia, as tropas de mulas eram utilizadas para suprir o grande número de migrantes das Minas e conduzir parte do minério e o açúcar para os portos. No final do século XVIII, com a derrocada das minas, as tropas continuaram a transportar produtos alimentícios tanto para regiões carentes de alimento como para a exportação. O açúcar e o café eram exportados e o milho, arroz e o feijão eram vendidos ao longo do percurso em ranchos, vilas e vendas, onde se faziam as paradas ou pousos. Debret, em um desenho os chama de Acampamento Noturno de Viajantes, mostrando a estrutura e o cuidado com os animais e as imponentes vestes dos tropeiros.

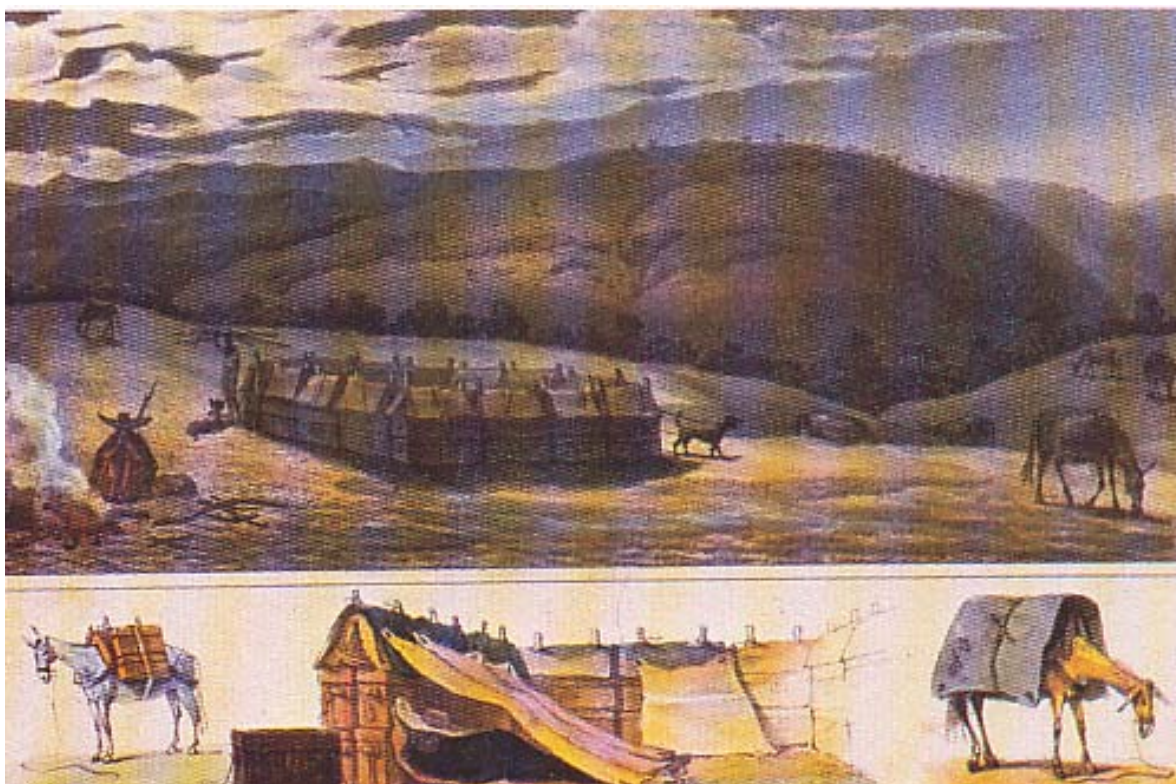


Figura 3: Acampamento Noturno de Viajantes

Fonte: Debret, 1940, p.112.

Os relatos do viajante Debret exaltam os tropeiros e os estrangeiros que se arriscam e se embrenham nos “campos desertos”.

O estrangeiro que tenha residido no Brasil, observa aqui sem espanto a tenacidade infatigável do paulista que, através dos campos desertos, prossegue sem cessar na sua faina. Mas como não admirar mais ainda o naturalista europeu, levado pelo amor à ciência a compartilhar das dificuldades do nômade, abandonando voluntariamente as doçuras do bem-estar sedutor do centro da civilização para enriquecer um dia com seus achados os museus de história natural e as bibliotecas das grandes potências européias (Debret, 1940, p.198).

Embora Debret se concentre mais na exaltação do povo europeu, admira e exalta também os tropeiros; como o fizeram outros viajantes, como Saint-Hilaire, Spix e Martius e Daniel Kidder. São recorrentes os termos que qualificam e exacerbam este ofício, como *tenacidade infatigável* e *faina*. Daniel Kidder, em viagem pelo Brasil, descreve os trajés dos tropeiros que o acompanham e elogia sua honestidade.

O chefe era um homem alto, de porte atlético, aparentando cerca de trinta anos de idade. Suas feições eram rudes e o enorme bigode que usava, tornava o seu falar quase incompreensível. Levava as mangas arregaçadas, os pés descalços e as pernas nuas até os joelhos. Logo que partimos arrancou a camisa, pondo à mostra a pele amarelo-bronzeada. Seu companheiro que parecia irmão mais moço, não era tão desenvolvido, mas externava o mesmo temperamento. Estava melhor vestido e andava com os ombros inclinados para a frente. (...) Tem uma certa rudeza no olhar que, combinada com a inteligência e, às vezes, benignidade, de que são dotados, empresta ao seu aspecto uma expressão peculiar. Rudes, mas sérios. Um cavalheiro que por muitos anos se tinha servido exclusivamente de tropeiros, para o transporte de suas mercadorias, informou-nos de que raramente, ou talvez nunca, tinha tido conhecimento de que determinada encomenda não tivesse chegado ao seu destino (IN: Schmidt, 1959, p.110).

Novamente, termos que conferem ao tropeiro uma imagem idealizada, como benignidade, inteligência e honestidade, aparecem na obra de um viajante europeu e contribuem para a discussão sobre o tropeiro na historiografia brasileira.

Os viajantes europeus também relatam que, além de alimentos, os tropeiros levavam informações de uma vila para outra, sendo os primeiros “jornais” do país.

Além de sua função característica de transportador, o tropeiro tornou-se indispensável em outras atividades. Era o emissário oficial. Era o correio e o transmissor de notícias. Era o intermediário de negócios. Era o portador de bilhetes, de recados, o aviador de encomendas e de receitas. Servindo onde parava ou por onde passava, ia êle prestando inestimável ajuda e prestimosos serviços aos que se haviam embrenhado nas vastidões sem fim dos sertões brasileiros (Goulart, 1967, p.107).

Goulart utiliza em sua pesquisa os trabalhos dos viajantes europeus como fonte principal, mas também aparecem traços da inserção dos tropeiros em grupo mais abastados. O autor diz que eram chamados tropeiros apenas os donos das tropas, ou seja, aqueles que as lideravam. Os índios, escravos e homens livres que tocavam as tropas eram nomeados peões, camaradas, ajudantes, não tropeiros. O número de homens que trabalhava na tropa variava de acordo com o de animais conduzidos. O grupo de sete animais era chamado de lote e tinha um peão responsável. Uma questão que se coloca é: se o nome tropeiro em algumas obras refere-se aos proprietários das tropas e, em outros, aos índios, escravos e homens livres, como compreender a análise feita pela historiografia? Este sujeito histórico, representativo de nossa cultura, foi construído, olhando-se apenas para um dos atores responsáveis pela atividade, a fim de criar uma identidade *una*, excluindo-se as demais vozes que teceram a construção de sua trajetória.

Tom e Thereza Maia, historiadores e moradores da região, atêm-se às descrições das diversas funções exercidas durante o percurso e outros ofícios, como ferradores e artesãos que forneciam instrumentos para a tropa. Para a

elaboração da obra foram realizadas entrevistas com senhores da região do Vale do Paraíba, esta, portanto, disserta sobre o tropeirismo na região ao longo do século XX.

Dentre os que realizavam a viagem estavam o madrinheiro, que era o condutor da tropa, normalmente um menino de quinze anos, que ia montado na madrinheira, uma égua de idade avançada e respeitada pelas mulas, que levava no pescoço guizos para que os outros animais a seguissem. O madrinheiro, por ser o primeiro a alcançar o pouso, montava a trempe¹⁵ e acendia o fogo para cozinhar. A parada no pouso ou rancho era feita antes do sol se pôr para cozinhar, ajeitar um espaço para descansar e encontrar um pasto para alimentar os animais. O pouso, no século XVII, era um terreno que oferecesse bom pasto para os animais e para encostar as cangalhas¹⁶ e repousar. A partir do século XVIII muitos pousos eram em terrenos de pessoas que viviam ao longo do trajeto, que construíam ranchos de sapé.

O tocador, responsável pelo lote e pela carga, ia a pé, tocando os animais e descarregava as mulas na chegada. O arreador era o dono da tropa, ou o seu representante, que acompanhava a tropa, observando o trabalho dos outros¹⁷. Dentro da tropa cada qual tinha sua função durante o trajeto e a parada. O madrinheiro, responsável pela alimentação, acendia o fogo e preparava a comida que consistia em arroz, feijão, carne seca, farinha de mandioca ou de milho e o café tropeiro¹⁸. Todos, ao longo da noite, revezavam-se na vigília dos animais e, antes de o sol nascer seguiam viagem para o próximo destino.

¹⁵ A trempe era o fogão do tropeiro, feito com três estacas formando um tripé para sustentação da panela e o fogo era aceso embaixo desta estrutura.

¹⁶ As cangalhas são cestos feitos de fitas de bambu trançadas e, por serem resistentes, iam nos lombos das mulas com os carregamentos de mercadorias.

¹⁷ Ver: MAIA, Tom. *O folclore das tropas, tropeiros e cargueiros no Vale do Paraíba*. Rio de Janeiro: MEC-SEC: FUNARTE: Instituto Nacional do Folclore; São Paulo: Secretaria do Estado da Cultura: Universidade de Taubaté, 1981, p. 43-46.

¹⁸ Esta é a refeição preparada na Festa do Tropeiro de Silveiras e é um de seus principais atrativos. Dedicar-se atenção especial para o preparo do café do tropeiro, pois este não é coado, mas preparado com água misturada ao pó de café e encorpado com uma brasa que é colocada e depois retirada da panela.

A marcha oficial da tropa são três léguas. De três a três e meia. Não pode passar disso. Ganhando a estrada, a tropa seguia, indo à frente, montado na égua com seu sininho, o menino madrinheiro. Mais atrás, batendo o peitoral de cincerros, a besta dianteira. Depois, uma a uma, as bestas de carga, indo por último a culatreira. Um pouco distante, na besta melhor arreada, e exibindo suas botinas ferradas, cavalgava o arreador. Iam todos passo a passo. A carga era pesada, e longa era a jornada (Maia, 1981, p.67).

Muitas vezes, o único que ia montado a cavalo era o arreador, o dono das tropas, enquanto os outros iam a pé, tocando as mulas. A atividade carecia de alguns utensílios produzidos pelos artesãos, como o cangalheiro, que preparava a sela; o seleiro, que fazia todo o arreamento de couro; o trançador, que fabricava laços, rédeas e chicotes; o jacazeiro ou balaieiro, que com taquara e bambu faziam os cestos onde se levavam as mercadorias; o funileiro, que fazia desde os guizos da égua madrinheira até as painéis e os canecos utilizados para a alimentação, e o ferreiro e o ferrador que faziam as ferraduras e as colocavam nos animais para sua proteção (Maia, 1981, p. 47-64).

Maia identifica uma hierarquização nas funções e atividades ligadas à tropa, não aprofundando a discussão acerca da figura social e política do tropeiro, vendo-o como o responsável pela formação e propagação dos elementos da cultura da região, como alimentação, música e religiosidade, ou seja, um herói, mas regional, pois a pesquisa foi realizada com os tropeiros do Vale do Paraíba. O autor se ateve à cadeia produtiva que dá suporte e alicerça o tropeirismo, aos diferentes ofícios envolvidos e suas relações, mostrando que para as viagens exigiam um contingente grande de trabalhadores oriundos de diferentes grupos, o que coloca o tropeirismo como uma atividade complexa e repleta de relações sociais, o que dá elementos para explorar o mosaico que é a figura do tropeiro transcrita nos livros.

Parte dos tropeiros se tornaram grandes negociantes, responsáveis por impasses entre a colônia e a metrópole, como os relacionados aos impostos, e que empregavam outros homens livres, escravos e autóctones para progredir na atividade. Todavia, não estão presentes nos textos os escravos, índios e homens

livres que não recebiam o nome de tropeiros. Estes aparecem apenas em algumas gravuras de Debret, o que nos conduz a repensar sua posição na sociedade colonial e recuperar as discussões propostas pela micro-história.

Para Sérgio Buarque de Holanda, *o tropeiro é o sucessor direto do sertanista e precursor, em muitos pontos, do grande fazendeiro* (Holanda, 1995, p.158). Para o autor, tropeiro é um homem simples que realiza transações comerciais, baseando-se apenas na palavra empenhada e se rende com facilidade aos prazeres e luxos na medida em que sua profissão proporciona ganhos altos entre os séculos XVII e XIX. Não há nesta caracterização traços de heroísmo, apenas o reconhecimento da relevância do ofício e a visão do tropeiro como um homem rústico e simples.

Alcir Lenharo (1979) relata que a tropa era composta por homens de diferentes grupos sociais. Também chamava-se tropeiro aquele que trabalhava para algum fazendeiro e transportava suas mercadorias para vender em outra região. O tropeiro é sempre exaltado como um sujeito pobre e leal (...) *quando muito no gesto simbólico de trocar um fio de barba em sinal de assentimento, casa-se melhor com as noções feudais de lealdade do que com o conceito “moderno” de honestidade e crédito comerciais* (Lenharo, 1979, p.363). Dessa forma, o tropeirismo era uma atividade exercida por diversos grupos. A sociedade rural, composta por fazendeiros do café, não aceitaria receber a mesma denominação dada a um índio, escravo ou homem pobre, por isso grande parte da literatura refere-se ao tropeiro como homem pobre, simples e rude.

Dado que a categoria tropeiro fosse compartilhada por elementos de fora dela – até por escravos, como se tem visto -, o autor não se permite introduzir a mesma categoria no interior de seu universo social, preferindo ocultá-la, como se ela não fosse desempenhada por elementos de sua própria família.

Ocorre que, na reconstituição da memória, o autor trabalha dentro da visão ideológica de sua classe social, selecionando e manipulando valores de modo a atribuir ao tropeiro um papel social de significado menor, excluído do universo de sua classe, embora presente nela (Lenharo, 1979, p.99).

Maria Sylvia de Carvalho Franco, em *Homens livres na ordem escravocrata* (1997), afirma que o ofício do tropeiro era realizado apenas por homens livres e pobres, não despertando o interesse em homens de classes mais abastadas. Para a autora, havia possibilidade de o tropeiro ascender socialmente, em alguns casos, até se tornar um político de determinada cidade, o que o destitui da posição de homem simples e sem luxo, qualidades embutidas na imagem do tropeiro herói.

Muito embora preso a esse mundo, o tropeiro foi um dos tipos humanos para o qual mais se abriram as possibilidades de integração ao outro lado da sociedade. Especialmente o comércio de burros constituiu um importante canal de ascensão sócio-econômica. Bem-sucedido em seu lucrativo negócio, o tropeiro “algumas vezes deixa-se seduzir pelo orgulho de fazer de seu filho um doutor (Franco, 1997, p.72).

A relação comercial entre tropeiros e fazendeiros que era de interdependência, onde aqueles necessitavam dos fazendeiros para vender suas mulas ou transportar as mercadorias e estes, para escoarem o café, pois não conseguiriam vendê-lo em vilas distantes, a não ser no lombo de mulas.

Na fase de abertura das fazendas, o próprio fazendeiro esteve preso ao tropeiro, dependendo de suas decisões em fornecer-lhe os animais, dentro dos prazos e dos preços convenientes. Nesse período, os controles pessoais, ao que parece, foram eficientes para garantir ao fazendeiro a regularidade dos suprimentos e, ao tropeiro, a formação de sua clientela.

Ata-se assim a tênue, mas forte, linha de dependência do tropeiro em relação ao proprietário. Pouco importa que essa ligação seja interrompida e que, vendido o seu estoque, o tropeiro readquira seu espaço aberto e sua autonomia: “quando todos os seus burros são vendidos, ele torna a partir seguindo os mesmos caminhos, faz novas compras, e reaparece no ano seguinte com uma nova

tropa”. E aí renova as suas ligações com o fazendeiro, o seu débito e suas obrigações (Franco, 1997, p.69).

Assim, a figura do tropeiro parece a de um sujeito histórico multifacetado, ao qual são atribuídas inúmeras características de personalidade, posição social e práticas, com base na documentação escrita e oral, que são os depoimentos de homens que, ainda no século XX, exerceram este trabalho. Em alguns estudos há confusões e transposições da figura do tropeiro do século XX para o tropeiro do século XVIII nos municípios de Silveiras, Castro (Paraná), Sorocaba (São Paulo), e outras cidades que pautam sua história nos tropeiros. Há que se observar que o tropeiro, entre os séculos XVII e XIX, difere dos tropeiros homenageados em comemorações e celebrações atuais. O ofício é o mesmo, pois ainda existem locais a que só se chega com mulas. O que se deve evitar é a mesma postura de Monteiro Lobato com relação aos municípios do Vale do Paraíba, pois exclui os diferentes olhares da história. Há a possibilidade de se perceber essa confusão entre as temporalidades a partir dos depoimentos por nós coletados que se referem aos tropeiros como homens pobres. Na segunda metade do século XX, com o advento da ferrovia, o fim da Feira de Sorocaba, devido a uma epidemia de febre amarela e, posteriormente, com o surgimento do automóvel as tropas de muares foram gradativamente perdendo sua importância para o transporte no país (Almeida, 1981, p.47).

Não se pode afirmar que essa transição foi rápida, pois os muares persistem até metade do século XX (Trindade, 1997, p.13), suprimindo diversos municípios, principalmente no interior do Brasil que ainda não dispunha de vias adequadas. Trindade e Almeida delimitam o fim da atividade por volta de 1960¹⁹, sem atentar para pequenos municípios que não foram atendidos nem mesmo com a construção de pequenas estradas, o que propiciou mais alguns anos da atividade.

¹⁹ Tropeiros da cidade de Silveiras, quando necessário, ainda transportam leite e outras mercadorias para pequenos mercados da cidade.

Silveiras, inserida na Serra da Bocaina, apresenta trajetos muito íngremes. Muitos moradores, como seu Josias, que caminharam durante anos por algumas cidades do Vale para levar alimentos, dizem que, em algumas estradas, quando chove, somente as mulas conseguem passar.

Antigamente eu caminhei pra Queluz, caminhei vendendo mantimentos que tinha bastante que a gente colhia muito, caminhei pra Cachoeira algum dia, agora depois foi fracassando, caindo, agora só pra gente, só por aqui, daqui de Silveiras. Eu carregava naquela época, milho, feijão, batata, depois passei a carregá carne até o tempo que pude (seu Josias).

Esses homens, que se denominam tropeiros, não podem ser relacionados à figura do tropeiro construída historicamente, pois suas realidades são diferentes. Continuam a prestar seus serviços num período em que houve o desenvolvimento e crescimento das primeiras rodovias brasileiras e o investimento massivo em meios de transporte, como automóveis e ônibus. As viagens não eram feitas para grandes fazendeiros, mas para pequenos agricultores e famílias que não tinham acesso à cidade mais próxima ou meios de deslocamento para adquirir produtos, como alimentos, remédios e outros.

Em muitos casos os chamados de tropeiros, nos dias de hoje, não eram proprietários das mulas, mas trabalhavam para pequenos fazendeiros que vendiam feijão, milho, batata e leite, como relata seu Joaquim Governo.

Não tinha mula, mais o Jorginho tinha um burro e eu não tinha nenhum burrinho, trabalhava com fazendeiro, tinha patrão²⁰ (seu Joaquim).

²⁰ Entrevista realizada pela autora, na residência de seu Josias em 19 de abril de 2003. Conhecido como Joaquim Governo. Tropeiro, trabalhou durante muitos anos para fazendeiros poderosos da região, sempre conduzindo as tropas e mercadorias para diversas vilas e cidades da região. Até os dias de hoje tem disposição para ajudar o amigo Josias no carregamento de mulas na Serra da Bocaina. Vivenciou todas as transformações da cidade acarretadas pela construção da Rodovia Dutra e foi um dos fundadores da Festa do Tropeiro ao lado de seus companheiros.

Seu Josias, companheiro de viagens de seu Joaquim, conseguiu, ao longo da vida, comprar três mulas, pois mora numa área isolada da cidade, em meio à Serra da Bocaina. As mulas o auxiliam a transportar mercadorias e, durante muitos anos o acompanharam no desfile das tropas da festa. Marina, filha de um tropeiro, rememora as histórias contadas pelo pai.

A mercadoria era deles mesmo, era tudo eles que faziam em casa, a vó e a tia que fazia, muito fumo também, o fumo era a mãe que fazia, né. Café, arroz, tudo plantado em casa, sabe, então, era sofrido, mas era feito com amor, vou fala procê. Aí, assim quando chegou na lagoa, como eu tava contando procê, o pai conta até hoje que ali era um brejo que o burro não conseguia atravessar com a carga, aí tinha que pegar, tirar e cobrir com uns couro de boi e jogar um atrás do outro pra calçar pros burro passá²¹ (Marina).

O que se chama tropeiro hoje se assemelha aos peões ou camaradas de antigamente, que trabalhavam arduamente, pois faziam as viagens a pé, enquanto os chamados tropeiros, nos séculos XVII, XVIII e XIX, viajavam montados em seus cavalos seguindo a tropa.

Quando se valoriza a experiência do outro, não há necessidade de recorrer à uma historiografia para comprová-la. No imaginário criado acerca da figura do tropeiro no município de Silveiras, os termos lhe conferem uma posição de prestígio perante os outros sujeitos históricos (Benjamin, 1935).

Como compreender um fenômeno que se perpetuou ao longo de três séculos, sofreu inúmeras transformações e, hoje tem apenas um de seus sujeitos retratado pelos historiadores, como um herói nacional? Parece que equívocos historiográficos suplantam as vozes de outros representantes do tropeirismo e,

²¹ Entrevista realizada pela autora na residência da entrevistada em Marina da Silva Costa, 38 anos, silveirense, filha de ex-tropeiro. Casada com Roque Celso Costa, tem dois filhos. Hoje trabalha com gado leiteiro em sua fazenda herdada pelo marido no bairro dos Macacos. Entre seus relatos da infância estão as pequenas viagens realizadas nos jacás, pequenos cestos carregados no lombo do burro, de onde caiu algumas vezes, quando quase foi “perdida” pelo pai. Viveu toda a sua infância nos Campos da Bocaina, um dos locais de mais difícil acesso da cidade, agora explorado pelo ecoturismo.

são reproduzidos em festas, seminários em pequenas cidades, que utilizam-se dessa imagem para recuperar sua história e tradição.

2.4 A construção da memória do espaço de Silveiras e da figura do tropeiro

Artigos de jornais, reportagens televisivas, cartazes de divulgação e folhetos da programação da festa possibilitam conhecer e compreender os elementos presentes no processo de constituição da figura do tropeiro.

A participação dos meios de comunicação no percurso de construção e divulgação da imagem do tropeiro, da paisagem bucólica da cidade e de uma identidade dos munícipes com estes elementos clamou por um olhar atento a esta prática a qual propiciou a compreensão das transformações que a festa sofreu ao longo dos anos de sua realização. Parafraçando Jedlowsky²² a mídia influencia na memória dos grupos e cria uma memória comum, que não é a memória que surge a partir das relações existentes em um grupo, mas da veiculação de determinado episódio. A mídia procura suplantar as memórias advindas do feixe de relações sociais geradas a partir da experiência de cada munícipe, de sua vivência no espaço da cidade, no festejar e celebrar a festa. Assim, forja-se a memória coletiva (Halbwachs, 1990) a fim de promover aquilo que deve ser lembrado. A mídia seleciona os fatos que lhe convêm de acordo com os interesses políticos e econômicos dos grupos hegemônicos.

No entanto, a análise dos relatos orais aponta as subjetividades e leituras individuais, que, por vezes, desmontam padrões estipulados pelos meios de comunicação e, em outros instantes, se confundem com eles, pois alguns fatos não são lembrados em sua totalidade, apenas alguns aspectos. É nessas lacunas que a mídia pode exercer sua influência na reconstituição de lembranças fragmentadas.

Os instrumentos utilizados para divulgar a festa e o movimento tropeirista diferem em seu nível de abrangência, conteúdo abordado e “objetivos”. Os artigos

²² Palestra proferida por Paolo Jedlowsky, sociólogo italiano, em 11 de setembro de 2003, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

do jornal Correio Valeparaibano, por exemplo, com sede em São José dos Campos, diferem do conteúdo apresentado no Jornal de Silveiras e Jornal do Momento ambos direcionados a Silveiras, embora, atualmente, sejam publicados e escritos por jornalistas de cidades vizinhas, como Cachoeira Paulista. Estes visam públicos distintos e a informação volta-se para os anseios de cada grupo, ou seja, em Silveiras não há necessidade de divulgar a Festa do Tropeiro, pois é a mais esperada ao longo do ano pela maior parte de seus moradores. Assim, os artigos e notas relatam as histórias da festa, o número de visitantes, prestam contas de custos, doações, receita e benefícios gerados pela arrecadação. Já, em cidades, como São José dos Campos, se oferece maior variedade de atividades de entretenimento, as manifestações e histórias são veiculadas ao longo do ano em pequenas notas e artigos com o intuito de propagar a imagem e a memória dos pequenos municípios, as “culturas e festas populares” da região.

Nos jornais locais, são freqüentes reportagens com os prefeitos e vereadores, exaltando seus feitos e as melhorias. A Festa do Tropeiro passou a ser tema das principais reportagens, pois após alguns anos de sua realização trouxe muitos benefícios. Estes benefícios eram vistos pelos governantes como uma forma de incrementaram suas campanhas e apareciam nas entrevistas dadas à imprensa local.

O Movimento tropeirista alargou nossas fronteiras, a comarca que perdemos em 1939, deverá voltar brevemente como vara distrital, chegaremos a Dutra, que outrora fomos isolados, dentro em pouco teremos acesso seguro²³.

Os promotores acenam para os visitantes com comida caipira e da roça, hábitos sadios e puros, vida simples impregnada de amor e alegria nas coisas simples da vida, sem a sofisticação dos grandes centros, sem poluições e sem vícios²⁴.

²³ CARDOSO, José. *Silveiras, 150 anos*. IN: Jornal do Momento, Silveiras, Edição Especial 150 anos, 28/02/1992, p.1-2.

²⁴ Ver: Silveiras promoverá dias 11 e 12 mais uma Silveirarte. Jornal Correio Valeparaibano, São José dos Campos, ano, p. 5, 02 ago 1979, Primeiro Caderno.

As narrativas mostram que o discurso político contribui para a construção do imaginário do tropeiro e de Silveiras, pois o Movimento tropeirista é destacado como o grande redentor do município e responsável por diversas ações concretizadas pela Prefeitura. O ex-prefeito José Cardoso (1992), no *Jornal do Momento*, a partir de todos os ícones bucólicos referenciados e utilizados para caracterizar o campo, reforça a dicotomia entre este e a cidade. Tal visão sobre o campo e a cidade parte de cenários e atores inexistentes, criando preconceitos negativos e positivos sobre esses dois espaços²⁵.

Para dialogar e compreender algumas colocações presentes nos depoimentos e reportagens sobre Silveiras retomamos trechos de Monteiro Lobato a fim de discutir a representatividade de sua obra para a região, porque em muitos textos e falas o discurso do autor aparece em meio a pensamentos divergentes dos propostos em sua obra, mostrando como as remontagens feitas pelos meios de comunicação trazem confusões e corroboram com uma idealização de um espaço inventado.

Compreendi. Como nos Grupos não se admitem crianças de pé-no-chão, inventaram as mães pobres aquela pia fraude. Um pé vai calçado; o outro, doente de imaginário mal crônico, vai descalço. Um par de botinas dura assim por dois. Quando o pé de botina em uso fica estragado, transfere-se a doença de um pé para outro, e o pé de botina de reserva entra em funções (Lobato, 1972, p.15).

²⁵ *O campo passou a ser associado a uma forma natural de vida – de paz, inocência e virtude simples. À cidade associou-se a idéia de centro de realizações – de saber, comunicações, luz. Também constelaram-se poderosas associações negativas: a cidade como lugar de barulho, mundanidade e ambição; o campo como lugar de atraso, ignorância e limitação. O contraste entre campo e cidade, enquanto formas de vida fundamentais, remonta à Antiguidade clássica.* Williams em *O Campo e a Cidade – Na História e na Literatura*, traz reflexões acerca da idealização do campo propalada pelos literatos ingleses nos séculos XVI, XVII e XVIII, a qual se baseava em toda a literatura da Antiguidade Clássica. E, não divergindo de seus ancestrais busca-se a criação de uma “tradição bucólica”, a qual, segundo o autor, não fica isenta da seletividade imposta a qualquer tradição inventada.

Cidades Mortas representa uma intensa e voraz crítica aos rumos dados à economia local e à postura de seus moradores diante da crise do café. Anos depois, em 1946, em *Idéias de Jeca Tatu*, o autor novamente traz à tona a discussão sobre o Vale do Paraíba, enumerando qualidades da região, porém, mesclando denúncias e elogios aos municípios e culpando o governo por não saber detectá-los e revertê-los em melhorias.

O vale do Paraíba possui em grau dos mais elevados tudo quanto gera a prosperidade de uma zona: clima dos melhores, ausência de endemias, terras aráveis, abundantíssima água para irrigação, sistema de transporte precário, mas já criado, população civilizada e capaz de iniciativas, culturas aclimadas e comprovadas – e ainda a sua situação estratégica entre os dois maiores centros consumidores do Brasil (Lobato, 1946, p.230).

Lobato retoma, a partir da década de 1950, sua fala sobre as possibilidades de transformar a região em um grande pólo econômico pelo desenvolvimento dos transportes, inserção de indústrias e novos produtos agrícolas, como o arroz, o que ocorreu apenas em alguns municípios, como Taubaté e Guaratinguetá. Os demais, a seu ver, ainda amargavam a perda do café. Percebemos, assim, que a fala de Lobato sobre o Vale do Paraíba não modificou, pois suas idéias ainda estavam pautadas em um discurso positivista, neste momento, de forma menos ardilosa.

Assim, de um lado, os jornais locais fazem referências às modificações e melhorias na cidade, de outro, um texto literário sobre a região do Vale do Paraíba, que inclui Silveiras, e é um dos responsáveis por essa necessidade dos moradores e governantes em, constantemente, mostrarem seu êxito após os períodos de crise. Enquanto Lobato lhe deu o atestado de óbito, como afirmam alguns munícipes, a mídia e alguns moradores exaltam e se gabam da vida simples e pacata, realidades exploradas pelas reportagens televisivas.

Reportagens produzidas pela TV Vanguarda, afiliada à regional da Rede Globo, instalada na cidade de São José dos Campos, desde outubro de 1988, apresentam uma “colcha de retalhos” com informações e tradições reproduzidas ao longo dos anos. Citam Cidades Mortas, de Monteiro Lobato, comentam sobre bucolismo, o ritmo, a pureza e simplicidade dos munícipes, como se fossem idéias convergentes.

Foram analisadas sete reportagens dos anos de 1996, 1997, 1998, 1999 e 2003; as dos anos anteriores não estavam disponíveis no Cedoc (Centro de Documentação), pois não foram transpostas para as fitas utilizadas atualmente. Apenas duas reportagens divulgavam a festa, enquanto as demais relatavam a história e representatividade do ofício dos tropeiros para a cidade e seu modo de vida.

Alguns instrumentos utilizados para a criação deste cenário são a música sertaneja ou moda de viola, a reprodução de alguns dos roteiros das tropas e os alimentos consumidos ao longo da viagem, sempre destacados com um tom melancólico e nostálgico.

Em Silveiras o tempo passa mais devagar²⁶.

Em tempos de transportes mais rápidos Seu Osvaldo insiste em manter a tradição porque sabe que esse talento não é pra qualquer um²⁷.

Na mesma reportagem seu Osvaldo relata:

Isso aqui não dá mais não, não dá mais resultado mexê com isso não.

²⁶ Voto Tropeiro. Produção de Aparecida. São José dos Campos: TV Vanguarda, exibido em 28/09/1996, reportagem, (06 min).

²⁷ Tropeiros / Silveiras. Produção de Alex. São José dos Campos: TV Vanguarda, exibido em 22/08/1998, reportagem, (04 min e 19 seg).

As frases do documentário, separadamente, dão a impressão de que são matérias feitas e produzidas em diferentes períodos, pois se contradizem. O repórter, para reproduzir a imagem de Silveiras como uma cidade “simples”, “caipira” e “pacata”, ignora a fala do seu entrevistado. Segundo Sarlo (2001), estas situações são possíveis, devido à simultaneidade com que a informação é transmitida, o que dificulta a elaboração por parte do telespectador. Essas posturas são extremamente irresponsáveis. Em uma “Sociedade da Imagem” (Sant’anna, 1997), onde a televisão é um dos mais significativos meios de comunicação, que alcança áreas longínquas, tais reportagens exercem o papel de documento histórico, que cria e recria histórias que se sedimentam ao longo do tempo. A mídia assumiu o papel de “guardião da verdade”, sem assumir toda a carga de responsabilidade que isso implica. Os documentários e reportagens são feitos e produzidos em poucas horas. A equipe da TV Vanguarda, presente na cidade em agosto de 2003, filmou apenas um dos tropeiros da cidade, ignorando seus fundadores, por viverem em bairros distantes do centro.

A televisão, assim como a *internet*, na última década prega que é necessário buscar o maior número de informações possíveis, no entanto, o que faz surgir vários problemas relativos à qualidade da informação. A divulgação de “festas e tradições populares” aparece nas reportagens carregadas das tradições seletivas, conforme mencionado por Williams, e frases romantizadas na tentativa de reafirmar e reforçar o cenário criado pela mídia. Os meios de comunicação acreditam que a qualidade se sustenta a partir da variedade de notícias fornecidas e não de seu conteúdo e veracidade.

Os cartazes, em menor escala, também são responsáveis pela construção da figura do tropeiro. Foram produzidos inicialmente pela Fundação Nacional do Tropeirismo, com o apoio do Governo do Estado de São Paulo, mais especificamente, a Secretaria de Cultura do Estado, Prefeitura Municipal e Sociedade Amigos de Silveiras. Analisaram-se os cartazes de todas as festas ocorridas ao longo dos últimos 23 anos, de 1981 a 2003, compilados e conservados pela Fundação.

Os cartazes de divulgação de 1981 a 1999 só diferem com relação à data, colaboradores e alguma atração acrescentada àquele ano. Com ilustrações de Tom Maia, todos representam uma tropa carregando mantimentos e guiada por tropeiros.



Figura 4: Cartaz da 2ª Festa do Tropeiro

Fonte: Da autora, 2003.



Figura 5: Cartaz da 18ª Festa do Tropeiro

Fonte: Da autora, 2003.



Figura 6: Cartaz da programação da Festa

Fonte: Da autora, 2003.



Figura 7: Cartaz da 19ª Festa do Tropeiro

Fonte: Da autora, 2003.

A escolha da ilustração justifica-se pela representatividade da obra do autor-desenhista que tem uma série de livros publicados sobre a região e sobre as tropas, entre elas, *o Folclore das tropas cargueiras no Vale do Paraíba* e *Vale do Paraíba: Velhas Cidades* e o contato próximo com alguns dos fundadores da festa como Ocílio Ferraz. A partir de 2000, a ilustração de Tom Maia é substituída por fotos dos participantes com suas mulas e um cartaz pintado com cores primárias, onde anteriormente se via um cartaz branco com os desenhos em tinta marrom.



Figura 8: Cartaz da 20ª Festa do Tropeiro

Fonte: Da autora, 2003.

Em 2001, ocorre radical modificação. Os cartazes passam a ter a foto de peões boiadeiros, shows sensacionalistas, como o do cantor Frank Aguiar, e a Festa do Tropeiro passa a ser Festa Nacional do Tropeiro com o subtítulo *A mais importante manifestação tropeirista do Brasil*. Não coincidentemente, esta alteração se deu após o início da gestão 2000 a 2004.

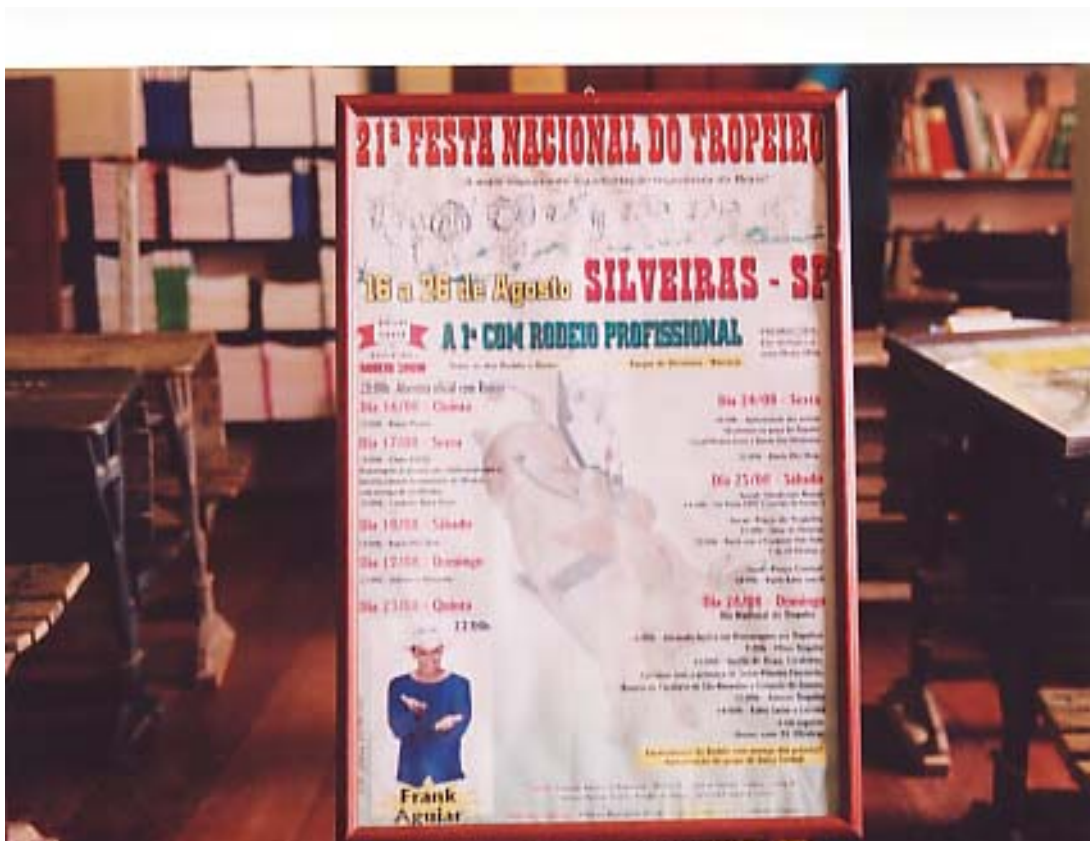


Figura 9: Cartaz da 21ª Festa do Tropeiro

Fonte: Da autora, 2003.

Tais modificações não foram mencionadas pela mídia em nenhuma reportagem impressa ou televisiva, o que demonstra mais uma vez o descaso em discutir ou conhecer a produção e propagação da cultura.

A inserção dos cartazes é feita nos municípios mais próximos de Silveiras, como Areias, Queluz, São José do Barreiro e Bananal e nas cidades da região do Vale do Paraíba, ao longo da Rodovia Presidente Dutra.

Seis cartazes continham a programação, dois nos moldes antigos, ou seja, separada do cartaz de divulgação. A partir de 2000, conforme cartaz colocado na página 55, todas as informações aparecem no mesmo cartaz. Em dois cartazes a exaltação da memória e história da cidade onde aparecem as falas reproduzidas a partir dos olhares e leituras de alguns fundadores, pois muitos são analfabetos e não participam da elaboração do cartaz, mas sim da realização da manifestação, como mostram os textos:

SILVEIRAS, é uma pequena cidade do interior paulista, mas grande em preservação da arte, cultura e tradição. Possui um artesanato rico e variado; folclore; cantadores e violeiros; além, é claro, de seus patrimônios culturais e de suas tradições...

O povo silveirense é um povo simples, mas que possui nas veias uma enorme hospitalidade e uma vontade incrível de não deixar morrer seu passado. Desta forma, promove eventos para que essa sua arte, cultura e tradição seja revivida em clima festivo.

Além de outras festas durante o ano, em agosto comemora-se o DIA DO TROPEIRO, uma homenagem ao sucessor dos Bandeirantes e fundador da cidade. COMPAREÇA.....²⁸.

Retrospectiva de nossas Conquistas²⁹.

Em alguns textos não se percebe a valorização das experiências dos participantes e fundadores da festa, pois são escritos por alguns fundadores que são letrados, sociólogos, professores, que exaltam e celebram a vida e o ofício dos tropeiros, sem se dar conta de que perpetuam um discurso uníssono, pois não conseguem se desvencilhar dos modelos discursivos sobre determinados espaços, como o campo. Frases, como *é um povo simples*, denotam a assimilação do “discurso competente”, conceito construído por Marilena Chauí.

A sistematicidade e a coerência ideológicas nascem de uma determinação muito precisa: o discurso ideológico é aquele que pretende coincidir com as coisas, anular a diferença entre o pensar, o dizer e o ser e, destarte, engendrar uma lógica da identificação que unifique o pensamento, linguagem em realidade para, através dessa lógica, obter a identificação de todos os sujeitos sociais com uma imagem universalizada, isto é, a imagem da classe dominante (Chauí, 2000, p.3).

A palavra “simples” no texto do cartaz vem acompanhada de toda a carga de preconceito cunhada no discurso ideológico, que utiliza o termo para evocar um povo humilde, de poucas ambições, puro, que, conforme o Dicionário Aurélio (Holanda, 1977, p.42) *se deixa facilmente enganar*. Os fundadores assimilaram o

²⁸ FERRAZ, Oclio. *Reviva Silveiras, Arte, Cultura e Tradição*. 1984. Cartaz da Programação

²⁹ Prefeitura Municipal de Silveiras. *20ª Festa do Tropeiro*. 2000. Cartaz de Divulgação.

discurso competente, da mídia e de literatos, os quais não podem ser despidos de seu caráter político.

De acordo com Chauí, devemos estar atentos às constantes tentativas de anular as diferenças e as vozes dos sujeitos que permeiam e tecem os diferentes olhares, formas de expressão e condutas que promovem a não desconstrução e apropriação de suas culturas, crenças, valores e tradições. Termos e frases - padrão construídos a partir de discursos fechados que os utilizam em sentido preconceituoso e depreciador, pois se colocam numa posição de destaque e distanciamento da realidade, devem ser substituídos pelas vozes, sentimentos e experiências de todos os fundadores, moradores e participantes da festa, pois, somente a partir das diversidades, há a possibilidade de transpor e superar os inúmeros golpes do paradigma dito dominante.

Assim, faz-se necessário discutir os documentos e discursos produzidos e vivenciados por seus autores, a fim de responder a uma série de indagações.

3. A FESTA NA CIDADE: RITUAIS, USOS E FUNÇÕES

3.1 A Trajetória da Festa

A Festa do Tropeiro se iniciou com um grupo de doidos querendo modificar a situação de Silveiras, porque Monteiro Lobato já tachou Silveiras como “Cidade Morta”. Então, havia a necessidade de ressuscitar isso aí. Inicialmente nós começamos com a feira de artesanato, porque não tinha artesanato na cidade, mas nós botava lá, pegava um crochê da veinha, pegava um tricô da outra e começou a vir artesãos de fora, nós tivemos exposição até de artesão de Marajó aqui, era uma vez por mês, com almoço na feira lá atrás (...). E nós tínhamos aqui o Nenê Emboava que é o tropeiro símbolo nosso, ele foi tropeiro, tinha venda, aquele negócio todo. Um dia ele falou: Vamô fazê um almoço tropeiro, e lá onde é a Santa Casa era um terreno baldio, então, nós montamos um ranchinho de sapé lá e uma vez por mês e, todo mês, juntava uns doido e fazia um almoço tropeiro. Era almoço tropeiro e pinga, rodava pinga adoidado. E, era tudo nosso, quer dizer, saía tudo do bolso nosso, nós ficava assim, aí chegou um ponto que não se tinha condição de fazer mais almoço tropeiro, aí nós passamos a cobrar. Então, daquela idéia minha, do Ocílio e de mais uns doidos aí de fazer a feira de artesanato para levantar Silveiras nós viramos pra festa do tropeiro, aí começou o rancho a crescer, já não era mais dado, nós não tínhamos condição de bancar almoço pra cem, né?! Começou uma farra pra chamar povo e, de repente, o negócio cresceu de tal maneira que nós passamos a cobrar a Festa do Tropeiro, porque na verdade aqui foi rota do tropeirismo, rota, centro de tropeiros, Silveiras nasceu de um rancho de tropeiro. Então, levantamos a festa, com as seguintes características: estritamente cultural e apolítica, político não podia usar palanque nosso, cortava mesmo, e não deixava fazer discurso, era um negócio estritamente cultural, tá. Então o negócio foi andando e foi crescendo a tal maneira que nós começamos a perder as rédeas (...)³⁰.

O relato de seu Maciel traz vida aos rituais, ao envolvimento e dedicação dos festeiros, ao interesse dos visitantes e às críticas feitas por aqueles que não

³⁰ Entrevista realizada pela autora em 17 de abril de 2003, no Casarão do Tropeiro. Antonio Terezinha Maciel, mais conhecido como seu Maciel, 68 anos, é um dos fundadores da Silveirarte e da Festa dos Tropeiros. Toca teclado e compôs algumas das músicas da Missa do Tropeiro. É professor aposentado de Português e Literatura.

participam, levando-nos a perceber o sentimento que envolve e move os fundadores e participantes da manifestação.

A Festa do Tropeiro de Silveiras, realizada há vinte e quatro anos, teve como precursora a Silveirarte, feira de artesanato, idealizada em 1979 com o objetivo de mostrar o artesanato em madeira feito por seus moradores, incentivando muitos a se iniciarem neste ofício, atualmente um dos principais meios de subsistência da população. O evento, por ser realizado mensalmente, após alguns meses, deixou de atrair o contingente de pessoas esperado por seus mentores e artesãos. Entretanto, embora não provesse aquilo que se esperava, o evento foi mantido até meados de 1981.

Nesse mesmo período um grupo de moradores passou a promover um almoço tropeiro por mês, como uma confraternização entre amigos, que chamou a atenção de grande parcela da população. Diante desse fato, decidiu-se transformá-la numa data comemorativa para a cidade. Foi escolhido o último final de semana de agosto para celebrar o Dia do Tropeiro, nome dado à primeira manifestação promovida na cidade.



Figura 10: Cartaz da 1ª Festa do Tropeiro

Fonte: Da autora, 2003.

A Festa era realizada no terreno da antiga Santa Casa, pois, além de exaltar a memória tropeira da cidade, tinha como objetivo arrecadar verba para recuperar o único posto de saúde da cidade³¹.

O grupo que custeou e organizou o primeiro almoço era formado por homens que trabalhavam como tropeiros nos arredores da Serra da Bocaina e Vale do Paraíba e professores do município. Os depoentes não sabem ao certo quantas pessoas participaram ou ajudaram nesse primeiro evento, mas dizem que muitas ficaram interessadas em provar o almoço e em ajudar e participar no ano seguinte. Seu Maciel diz que, no segundo ano de realização, a Prefeitura deu apoio à festa, mas não podia utilizá-la como espaço para campanhas ou instrumento para qualquer benefício político.

Seu Josias relembra as primeiras festas e a situação da cidade antes do evento ser criado.

Desda primeira, é eu e o Governo que mora nessa casa aqui, né. Foi nós dois que começamos, eu olho tem foto de tudo quanto é meio que a gente tirou, tem muitas vezes que eu olho ainda me dá muitas saudades de olhar aquelas foto daquele tempo que deve tá com uns 22 ou 23, sei lá. É uma coisa assim porque quando nos criamos a Festa Tropeira essa Silveira aqui não tinha nada de festa (...). Expliquei por que não tinha nada, começou a Festa foi o que, foi eu, Nenê Emboava e se apresentou junto ele o João Miqueca, aí passou um gaúcho e que andou e no Brasil inteiro com uma carroça achou assim e disse, vou fazer o rali da carroça, aí montava o fogão fazia a comida dele, montava na carroça dele e seguia. Aí o Nenê Emboava disse, vamos fazer o rali de tropeiro, o do gaúcho disse que é da carroça, o nosso é do tropeiro, pagou a carroça também e levou, pode perguntar pro governo, levou 1 kg de feijão cozido, 1 kg de arroz, 1 kg de toucinho, 1 litro de pinga, fez aquela comidinha lá juntou aquele povão todo querendo comer, cada um pegou uma colherzinha mesmo porque era brincadeira. Aí entrou o Ocilio Ferraz e um tal de Hernanes Forino que era compositor de música e também tava morando aqui (...).

³¹ Segundo depoimento de seu Josias, um dos que exerceram o ofício de tropeiro na cidade, estava muito doente e, para ser atendido, necessitava ir às cidades vizinhas, pois Silveiras não dispunha mais de um posto de saúde. Vendo a situação do amigo, os primeiros lucros gerados pela venda da refeição tropeira na festa foram revertidos para a reconstrução da Santa Casa de Misericórdia e, durante vários anos, para sua.

A Festa do Tropeiro, não apenas por seu Josias, mas pelos demais idealizadores do evento, foi sentida como um renascimento da cidade, pois proporcionou reviver experiências exaltando a cultura tropeira considerada representativa para a região, pelas comidas típicas, Missa Tropeira e Desfile das mulas e seus condutores, os tropeiros. Este sentimento passou a ser compartilhado com outros moradores que não participaram da fundação da festa, mas passaram a integrá-la e apoiá-la. Nos anos seguintes, muitos silveirenses ajudaram no desfile, os que ainda tinham suas mulas ou eram descendentes de tropeiros participavam do desfile, outros auxiliavam no preparo e doavam alimentos para o almoço tropeiro, como arroz, feijão, torresmo, batata, carne, óleo e sal. O Jornal de Silveiras, publicado em outubro de 1990, traz a prestação de contas dos alimentos doados por moradores e o destino do lucro do almoço do tropeiro.

Este dinheiro (Cr\$ 412.500,00 – Quatrocentos e doze mil e quinhentos cruzeiros) será doado para o pessoal de baixa renda das casas populares, em material de construção, sendo 55.000,00 (cinquenta e cinco mil) lajotas a Cr\$ 7.500,00 (sete mil e quinhentos) o milheiro (Jornal de Silveiras, p. 4 – 1990).

O evento, desde o seu início, apresenta diversas funções e significados, buscando modificações na realidade econômica, social e histórica de Silveiras. Ocorre num momento de crise, sob a ótica de alguns moradores, devido ao fracasso da Silveirarte e ao risco de mais uma vez receberem o título de “cidade morta”. Em texto escrito por Ocílio Ferraz, percebemos que o entusiasmo levou os fundadores da Festa e a população a recuperarem sua auto-estima e se desvincularem das interpretações históricas que permeavam sua visão depreciativa sobre Silveiras. No segundo ano, a comemoração passou a receber o apoio da imprensa regional e ocorreu o lançamento da Pedra Fundamental da Santa Casa de Misericórdia da cidade.

Ao final de agosto de 1982 se realiza a 2ª Festa do Tropeiro e a 2ª Jornada Tropeirista do Vale do Paraíba. Novamente um grande sucesso, a imprensa regional apóia totalmente; são distribuídos 2.000 cartazes convidando os valeparaibanos e residentes em S. Paulo, Rio de Janeiro e sul de Minas Gerais. Uma programação semelhante àquela realizada na festa anterior e sente-se plena confraternização entre os participantes. O grande momento foi o lançamento da pedra fundamental para a reconstrução da Santa Casa de Misericórdia de Silveiras, e o local escolhido foi o mesmo onde funcionou por décadas a entidade; os presentes tomaram conhecimento da planta devidamente aprovada por órgão oficial, responsável pela saúde pública (Ferraz, 1984: 52).

Olhando para o início e desenvolvimento da festa do tropeiro de Silveiras, depreendemos a multiplicidade de significados da comemoração, assim como o desejo de modificar a situação em que vivem os silveirenses, exaltar a memória do município, propagar sua cultura e criar alternativas de melhoria para a população. Esta leitura vai em direção às discussões sobre a diversidade de sentidos que uma festa pode ter³², pois não se pode reduzi-la a uma única função ou uso. É observando, vivenciando e ouvindo a festa que nos aproximamos de uma compreensão deste universo complexo e multifacetado.

Nossa festa, além de ser uma linguagem capaz de expressar simultaneamente múltiplos planos simbólicos é, ainda, uma mediação capaz de tornar compreensível a vida num país em que as contradições de todos os tipos são realçadas diariamente. E, finalmente, a festa pode ser entendida até mesmo como um modo de ação coletiva que pode responder à necessidade de superação das dificuldades dos grupos e das regiões onde se inserem, e, mais ainda, tem se revelado um grande e lucrativo negócio, razão para que as festas cresçam mais e mais (Amaral, 1998, p.11).

Segundo Rita de Cássia Amaral, as festas conhecidas como populares vêm crescendo ao longo das últimas décadas, pois têm-se mostrado instrumento de exaltação de memórias locais e regionais e uma alternativa à geração de renda

³² Ver: AMARAL, Rita de Cássia. *Os significados do festejar no país que não é sério*. Tese de Doutorado apresentada à Universidade de São Paulo, 1998.

em pequenos municípios, além de seu aspecto filantrópico. Na Festa do Tropeiros de Silveiras, essas funções e significados se misturam desde a primeira comemoração realizada na cidade, com o intuito de recuperar e reconstruir a história e memória do município, arrecadar verba para reerguer a Santa Casa de Misericórdia e ampliar as fontes de renda.

Ao longo dos anos foram sendo incorporadas diversas “atrações” à festa, além do desfile das tropas e do almoço tropeiro: Missa em homenagem ao tropeiro, forrós, shows dos violeiros sertanejos, o que fez com que a festa conquistasse prestígio na região. Ampliou-se o número de barracas, que deixaram de ser apenas dirigidas para o artesanato e começaram a vender salgados e doces típicos, café tropeiro e, até mesmo, a refeição tropeira, pois o Rancho do Tropeiro, não conseguia atender ao número de visitantes que procuravam o prato típico.

Eu lembro que no início da festa não existiam tantas barracas assim, eram barracas boas, era só comida típica, não tinha sanduíche e essas bebidas (seu Fernando).

Durantes os dez primeiros anos, a comemoração passou de instrumento de exaltação da memória local a evento reconhecido regionalmente que rememora a história de um dos sujeitos históricos do Vale do Paraíba e é imitado por outros municípios da região. O reconhecimento trouxe de volta para os silveirenses o sentimento de vitalidade que o Movimento Tropeirista visava buscar através da propagação de sua cultura.

O Movimento tropeirista iniciado no final de década de setenta, ainda tem parte de sua história por ser escrita. As feiras incipientes no começo determinadas Silveirarte e posteriormente evoluíram para as festas no final de agosto. Desde 1981 o evento vem se repetindo e a cada ano com mais participantes a ponto da festa hoje ser regional.

Com a sua movimentação a comunidade pode erguer com a ajuda de todos, inclusive do poder público, o prédio de Unidade Mista de Saúde, que está necessitando ampliação.

As festas destes dois últimos anos, a renda auferida foi encaminhada para a construção de casas populares para 52 famílias de baixa renda³³ (Cardoso, 1992, p. 1-2).

Os objetivos iniciais de seus fundadores foram alcançados, embora esta tenha sido incorporada ao discurso político, como uma estratégia para angariar votos. A Festa, que era “apolítica”, conforme relata seu Maciel, e as melhorias trazidas por ela são confundidas com as ações da prefeitura. Para seu Fernando as mudanças passaram a acontecer nos últimos oito anos, pois a festa deixou de ter o envolvimento da Fundação Nacional do Tropeirismo e de seus fundadores. Seu Ocílio afirma que deixou de participar da organização da festa há doze anos.

A comissão da festa era de três ou quatro pessoas, era o Geraldo, o Álvaro, eram pessoas mais idosas, né. O Álvaro já faleceu há muito tempo, mas ele era um dos principais, o Geraldo, também. Hoje, eu vou falar bem a verdade eu nem sei quem são os responsáveis, eu sei que há alguns anos o benefício era para Santa Casa de Misericórdia³⁴ (seu Fernando).

A prefeitura assumiu a festa faz uns doze anos, porque não existe coisa mais complicada que organizar essa multidão de pessoas que vêm pra cá. E tem que pensar em comida, briga, chamar a polícia, é uma coisa de louco. (seu Ocílio)

A mudança dos organizadores da festa aconteceu entre a 9^a e a 12^a edição, sem que a desviassem de sua proposta inicial. Continuava apresentando suas peculiaridades, proporcionando lazer, lembrança, fortalecimento das relações intergeracionais e exaltação da cultura local. Ainda atende a questões

³³ Dr. José Cardoso, como é chamado no texto, era Prefeito Municipal de Silveiras e amigo e colaborador dos fundadores da Festa dos Tropeiros, estes se referem a ele com saudades, pois diz-se que foi um dos maiores incentivadores da realização da Festa. Ver: CARDOSO, José. Silveiras, 150 anos. IN: *Jornal do Momento*, Silveiras, Edição Especial 150 anos, 28/02/1992, p.1-2.

³⁴ Entrevista realizada pela autora em 23 de agosto de 2003 na residência do entrevistado. Seu Fernando é aposentado e, depois que se aposentou começou a trabalhar com artesanato em madeira. Durante os primeiros anos da Festa tinha sua barraca onde vendia suas peças.

que surgem com a modernidade como a atividade turística e problemas que se acentuam ao longo dos últimos anos, como o desemprego³⁵.

Da festa todos participam, pelo menos vão na festa, ver pelo menos, mas não se envolvem, só participam da festa, como se fosse mais uma festa, sem importância nenhuma. Mas têm pessoas que vêm mais por gostar mesmo, moradores e pessoas de fora, porque as festas costumam ser bem grandes então as pessoas vêm por causa do almoço tropeiro, elas vêm pra comer a comida, vêm porque gostam de andar a cavalo, tem a cavalaria e tem a missa, vêm pra prestigiar a cultura mesmo. E, isso faz com que muita gente venha de fora, porque várias pessoas e, às vezes quando a gente fala assim: “Eu moro em Silveiras”. Ah, onde fica a cidade da festa tropeira, as pessoas já sabem onde tem a festa, às vezes nunca veio, mas já ouviu falar que tem a festa aqui, que é de uma cidade divulgada³⁶ (Rosângela).

À manifestação tropeira de Silveiras, comparecem não apenas turistas, mas seus moradores por causa dos bailes (forrós), shows (violeiros) e para encontrar os amigos que moram em bairros distantes e só vêm para o centro no dia da festa. Outros vêm à Igreja e participam do coral e da Missa.

Rosângela, neta de tropeiro, um dos fundadores da festa, fala acerca das diversas funções da Festa e a participação dos moradores. Embora todos de alguma forma reverenciem o tropeiro pela participação na Missa, almoço tropeiro ou Desfile das Tropas e Cavalarias, cada um busca aquilo que seja representativo para si: lazer, a exaltação de sua cultura ou até mesmo a Missa para se aproximar de Deus. Para Marina, filha de tropeiro e moradora da zona rural, em

³⁵ O autor do artigo Festa, inserido na Enciclopédia Einaudi (Religião - Rito) recupera os diversos sentidos atribuídos às festas desde o século XVII, por estudiosos como Voltaire, Rousseau, Michelet, Freud, entre outros e discute os diversos sentidos do festejar como: a transgressão, momentos de lazer, exaltação da cultura ou história de determinado grupo, associação ou confraria e, até mesmo para reafirmar a ordem vigente.

³⁶ Entrevista realizada pela autora em 18 de abril de 2003 no Casarão do Tropeiro. Rosângela é neta de dona Geralda e seu Osvaldo (conhecido como Vardão). Seu avô foi tropeiro na região e um dos fundadores da Festa do Tropeiro. Conhecemos Rosângela no Casarão do Tropeiro, pois ela estava fazendo uma pesquisa sobre o tropeirismo na região para apresentar na faculdade onde estuda.

local bastante afastado do centro, a Festa do Tropeiro, passou a ser mais conhecida nos últimos anos, devido aos investimentos feitos pela prefeitura na divulgação, nos rodeios e nos shows de cantores famosos trazidos para a Festa. Comenta que a Festa é importante porque relembra a memória dos tropeiros.

A Festa do Tropeiro é muito bonita de ocê vê, tem cada cavalo bonito, não, cada um mais bonito que o outro, né memo. Os burro é muito bonito, e a recordação pro povo de hoje em dia, o pessoal mais novo que não viu o sofrimento do povo antigo. Então, isso é muito importante pra não deixar acabar e cada vez aumenta mais (Marina).

Guarinello disserta sobre a conceituação de festa, entendendo que não surge como um elemento contrário ao cotidiano, mas como integrante deste e que perpetua a vivência e a experiência das pessoas.

Proponho-me, portanto, a ver a festa, não como realidade oposta ao cotidiano, mas integrada nele. E, só como parênteses, penso cotidiano, não como uma dimensão particular da existência humana, mas como tempo concreto de realização das relações sociais (Guarinello, 2001, p. 971).

Para Rita de Cássia Amaral, a festa exerce (...) *simultaneamente o papel de negar e reiterar o modo como a sociedade se organiza, justamente selecionando o que deve ser lembrado e o que deve ser relegado ao esquecimento; o que deve ser transformado e o que deve permanecer* (1998, p. 109).

A Festa do Tropeiro foi criada com a proposta de perpetuar a memória da cidade, contar a história do município sob o viés de um de seus sujeitos. A busca

de uma identidade para Silveiras é vista como a solução para os problemas da cidade que, em alguns depoimentos e textos, aparecem atribuídos a Monteiro Lobato. A construção da identidade e todas as atividades atreladas a ela trouxeram benefícios materiais para o município, porém excluem fragmentos e dissonâncias da história, uma vez que a imagem do tropeiro nos proporciona múltiplas leituras.

Eu acho que a festa tem uma dimensão didática, porque se você não considera o passado você não percebe o presente e nem tem perspectiva do futuro. Então, eu acho que a festa tem essa dimensão de mostrar os origens, a identidade tropeira, acho que tem isso³⁷ (seu José Ricardo).

A identidade tropeira também aparece em monumentos e nomes de espaços públicos da cidade, como a praça e o portal, locais que a maior parte dos moradores visita e dos quais têm orgulho. Todavia, um grupo da cidade retoma a criação e idealização do Movimento Tropeirista, o que faz com que a identidade atinja os mais diversos grupos da sociedade, como crianças, jovens e até novos moradores. Embora não se perceba com clareza, o não reconhecimento desta identidade é explicitado pela ausência ou oposição à Festa.

Eu não gosto muito da festa, muito movimento, eu fico dentro de casa, quando passa o tropeiro eu até saio, mas logo entro (dona Aparecida).

Eu tenho um certo receio que futuramente a cidade ficar um pouco mais violenta. Aqui, quando acontece o rodeio e a festa, pode contar, a hora que tiver baile aí na praça você vai ver acontecem 15 ou 20 ocorrências, vem polícia de fora, leva, pega tudo. Num

³⁷ Entrevista realizada pela autora no Casarão do Tropeiro em 23 de agosto de 2003. Silveirense, professor aposentado de Filosofia, um dos fundadores da Fundação e vice-presidente desta. Retoma a importância do sertanejo para a cidade sempre tocando suas modas ao violão, e afirma que todos os moradores da cidade têm raízes tropeiras.

outro carnaval aí, ainda é de graça, todo mundo vem de outras cidades, tiveram 20 ocorrências numa noite (seu Fernando).

Tais atitudes e falas demonstram a fragilidade do ideário acerca do tropeiro criado na comemoração. Contudo, alguns moradores, como seu José Ricardo, sentem a festa como uma forma de manutenção da tradição e resgate de identidade de Silveiras partilhado por todos os municípios.

Foi um acontecimento assim de resgate, eu acho que foi isso. Foi pra buscar as tradições da gente e, no fundo o que *todo mundo busca* (grifo meu), penso eu, é um desfrute, é uma fruição da alegria. Festas, no meu entender, têm uma conotação universal, eu acho que o principal acontecimento daqui é o encontro, realmente, se você for procurar, não tem nada, nada de especial em termos de show, show business, não tem, mas eu acho que é isso que mantém a autenticidade da festa, é o encontro de pessoas se acotovelando natural, legal, e você encontra todo mundo, tá celebrando, tá alegre, eu acho que esta festa aqui no fundo é celebração da alegria (seu José Ricardo).

Seu José Ricardo traz novamente a questão da memória coletiva (Halbwachs, 1990) e identidade que se produzem nessas manifestações. Esta memória tem um poder simbólico de extrema eficácia, que anula as demais leituras que são feitas sobre a festa e a memória da cidade, como as de dona Aparecida que não conhece a Fundação tampouco tem parentes que exerceram esta profissão. Em muitos casos, o apego à memória coletiva tem como único objetivo manter determinado grupo no poder. Em Silveiras esse poder simbólico (Thompson, 1998) tem como intuito registrar, divulgar e consagrar uma história definitiva para o município, a fim de receber o respeito e admiração dos municípios da região.

Estamos de volta com a 10ª Festa do Tropeiro, que neste ano vai ser iniciada na quarta-feira do dia 22 ao 26 deste mês.

Trata-se de um evento que vai se tornando tradicional pelas suas características a ponto de estar sendo imitada por outros municípios, o que não deixa de ser gratificante.

Os organizadores, em conversa com a redação do Jornal de Silveiras, esperam contar mais esta vez com a colaboração dos munícipes, no sentido de pelo menos fazer repetir o brilho das nove festas anteriores (Lima, 1990, p.2).

O sentimento de pertencimento a um grupo representativo da cidade vem sendo desmantelado, pois a memória produzida pela festa foi apropriada pelo poder público, o que indica novos rumos e grandes transformações. Esses indícios podem ser percebidos, quando olhamos para as primeiras edições da festa, seus ideais e objetivos.

Aí fomos lutando com aquilo, lutando e, de repente, virou um palanque político, isso faz uns dez anos. Há uns dez anos atrás virou palanque político, aí nós, os malucos que criaram nos afastamos, porque não era essa a nossa idéia, agora, em época de eleição a Festa Tropeira enche de políticos lá pra fazer promessa e discurso. (...) Nós não vamos assumir isso aí, né, patrocinando campanha política, mas nós temos um fruto nisso, porque a festa ficou conhecida nacionalmente. Outra coisa, com a brincadeira de começar com o artesanato, quantos artesãos nós temos trabalhando aí hoje, muita família vivendo de artesanato, você anda na rua e não vê uma criança pedindo esmola e enchendo seu saco na rua. Toda criança tá trabalhando, tá lixando um passarinho, pintando um passarinho (seu Maciel).

A festa do tropeiro buscava a modificação de uma situação vivenciada em Silveiras e queria mostrar ao poder público vias alternativas para a melhoria do espaço e condições onde vivem e uma forma de propagação, recuperação e permanência de sua história e cultura. Para Canclini, *a ruptura da festa não liquida as hierarquias nem as desigualdades, mas sua irreverência abre uma relação mais livre, menos fatalista com as convenções herdadas* (2003, p.222). Seu Josias mostra o descontentamento dos representantes do poder público, por não

poderem utilizar-se da festa para promover-se politicamente, o que levou a tentativas de abolir a comemoração.

Fizemos o desfile na prefeitura ali e ficou e foi aumentando daí já entrou artesanato no meio tudo com o mercado de tropeiro, foi aumentando o movimento (...). Agora é o ditado que o Governo fala, o nosso privilégio de tropeiro não acabou, mas da fama da festa não vai ter orgulho, porque olha só a Santa Casa tudo desviado com isso aí, a Santa Casa se um dia forem acertarem lá, já viu, né. Desde o governo do João Mendes, o prefeito passou a implicar com nós, que disse que ia prender nós lá na Festa porque o cara, Tomé Careca era inimigo de Nenê Emboava. Bom, mais só que eles falaram errado porque quando eles pensou em falar isso já tinha uma cobertura boa, mas eles dizia que tava sujando a cidade de bosta de burro demais (seu Josias).

A Festa visava à reconstrução e manutenção da Santa Casa e da história dos moradores representada na imagem do tropeiro. Dessa forma, o espaço da Festa, além de tecer e ser um elemento do cotidiano, delimita as lembranças e esquecimentos, ou seja, tudo o que se deseja manter aparece nos cartazes, nas falas e nos rituais. Portanto, a apropriação da festa pelo poder público remete a um período de crise que acarretou profundas modificações na Festa.

Então, eu acho que foi um idéia válida, mas nós temos vereador que tem raiva da Festa do Tropeiro, porque cavalo fica cagando na rua. É, minha filha, é vereador que já tá aqui há uns trinta anos e não assimilou porque isso aqui melhorou. Se hoje fosse viver do leite, tá falido, aqui tá todo mundo vivendo da tradição tropeira, porque todo mundo vem procurar isso, todo mundo que estuda e a gente tá vivendo de artesanato nosso, às custas dessa loucura nossa de começar com alguma coisa pra rasgar esse atestado de óbito que Monteiro Lobato nos deu (seu Maciel).

A Festa emerge num período de crise, em que mais uma vez um projeto de exaltação da cultura local e de novas fontes de renda não se sustenta. O espectro

da “cidade morta”, de Monteiro Lobato, que ronda a cidade, na visão de seus habitantes, instiga nesse grupo a necessidade de se sentir reconhecido a partir de algo significativo.

Por aqui era tudo tropeiro, meu pai era cargueiro e meus avós serradores. Ah! Por aqui tinha muitas, muitas tropas, conheci um Gerson tropeiro profissional mesmo, conheci o Josias Mendes, João Mendes, Cristiano tropeiro, Joaquim Governo e nós naquele tempo, se não tivesse a tropa, não tinha outra condição, não tinha não, depois é que saiu essa história de estrada de rodagem³⁸ (seu Dedé).

Os fundadores da festa desejam recuperar um ofício representativo no período de ascensão econômica da região, o tropeiro. Os que exerceram a profissão, ao longo do século XX, e professores do município convidam a população a participar desse movimento como possibilidade de redenção da cidade. Bakhtin comenta sobre o instante em que determinadas festividades aparecem, suas causas e relações com o tempo histórico.

As Festividades têm sempre uma relação marcada com o tempo. Na sua base, encontra-se constantemente uma concepção determinada e concreta do tempo natural (cósmico), biológico e histórico. Além disso, as festividades, em todas as suas fases históricas, ligaram-se a períodos de crise, de transtorno, na vida da natureza, da sociedade e do homem. A morte e a ressurreição, a alternância e a renovação constituíram sempre aspectos marcantes da festa. E são precisamente estes momentos – nas formas concretas das diferentes festas – que criaram o clima típico da festa (Bakhtin, 1987, p. 8).

³⁸ Entrevista realizada pela autora em 21 de agosto de 2003 na residência do entrevistado. Geraldo Cardoso, conhecido como seu Dedé, é silveirense, ex-tropeiro e, atualmente, sobrevive do comércio do artesanato em madeira. Participa da festa apenas no dia do desfile, mas anos atrás trabalhava na organização desta.

O fracasso da Silveirarte gerou insatisfação e desejo de trilhar um novo caminho para alcançar o que se desejava. Segundo Bakhtin, para lidar com esses ciclos de renovação, o homem idealiza formas de se manter imortal e uma delas é a festa, ainda que estas também passem por alternâncias e renovações constantes. Morte e ressurreição, alternância e renovação estão presentes no clima típico da festa e permeiam toda a trajetória de qualquer sociedade. Morin vê na morte um elo que fortalece e mantém as culturas, pois a morte de antigas gerações dissemina a percepção do encerramento de um ciclo e dá sentido à necessidade da transmissão dos saberes daqueles que se vão (Morin, 1997, p.10). Nesses momentos, considerados de crise, o homem faz emergir novas percepções, concepções a fim de transpor e lidar com as mudanças trazidas pelo encerramento de mais um ciclo. Na cidade de Silveiras parte de seus moradores vivenciam esse momento de crise e término de um ciclo e, a partir dessa experiência, vislumbram o surgir de uma nova fase. Assim, a Festa dos Tropeiros é uma tentativa de exaltação de um aspecto da cultura local, a imagem do tropeiro, já esquecida por muitos de seus conterrâneos.

Embora apoiadas, as feiras mensais de Silveiras entram em rápido processo de desativação devido aos poucos turistas; entretanto, a causa principal foi a alta brutal dos preços dos combustíveis e o fechamento dos postos de gasolina inicialmente aos domingos e logo em seguida aos sábados. (...) aparece o risco de perda do trabalho, risco percebido por raros, principalmente os residentes de fora de Silveiras, atentos às novas ordens da economia brasileira e internacional. Os de dentro da cidade pouco ou nada sentiam, pois muito pouco ou mesmo nada eles tinham. Foi difícil o impasse, e complexo o seu desdobramento (Ferraz, 1984, p.32/36).

Segundo Océlio Ferraz, a Silveirarte, clama por renovação e reorganização, como uma alternativa à história hegemônica da região do Vale do Paraíba que prima olhar somente para os municípios que registram uma ascensão econômica após a derrocada cafeeira que se alastrou na região no início do século XX.

3.2 Ritos de rememoração

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais (Nora, 1993, p.13).

A Festa do Tropeiro cria um “lugar de memória³⁹” onde munícipes e visitantes vivenciam experiências tropeiras incitadas pela Missa, Desfile e alimentação dos tropeiros.

O festejo desde a sua criação acontece ao longo do último final de semana de agosto. Na 18^a e 19^a edições da festa (vide figuras 5 e 6), devido ao seu êxito junto aos moradores e turistas, propôs-se realizá-la durante todo o mês de agosto. Como não ocorreu o público esperado, na 20^a edição voltou-se aos moldes anteriores. Nos relatos poucos se lembram dessa ampliação talvez porque a exaltação e celebração da imagem do tropeiro acontecem apenas no último final de semana de agosto. O cartaz da 20^a edição da festa (vide figura 8) nos mostra que a organização da festa voltou a seguir o calendário inicial, ou seja, ser realizada apenas no último fim de semana de agosto (de 25 a 27 de agosto de 2000).

Na 20^a edição, a gravura de Tom Maia é substituída por fotos das cavalarias que participam do Desfile. A partir da 21^a edição tenta-se, novamente, modificar os cartazes, cronograma e calendário da festa, inserem-se novas atividades (vide figuras 8 e 9). É o primeiro ano em que é colocada no cartaz a imagem do peão boiadeiro, que se manteve até o último evento, em agosto de

³⁹ Segundo Nora, vivemos desde a segunda metade do século XX uma crise de memória relacionada à fugacidade dos fatos gerada pela mundialização e midiática inseridas em nossas casas diariamente pelos meios de comunicação. Nesse sentido, o imediatismo do fato vem acarretando uma “perda” de memória que faz com proliferem movimentos em torno do passado e que se busquem os chamados “Lugares de Memória” que são os arquivos, celebrações, atas, monumentos, museus, bibliotecas, bancos de dados, entre outros que são considerados meios de manter os “restos” de memória. “A criação destes lugares são um reflexo de uma sociedade sem rituais, dessacralizada e que deseja apagar as pluralidades e instituir “sinais de reconhecimento e pertencimento”.

2004. As mudanças ligam-se à nova gestão municipal. Alguns moradores e fundadores se sentiram insatisfeitos com as alterações impostas pela prefeitura, de acordo com a discussão feita no item 1.4.

A realidade é que a festa está piorando no visual, continua vindo bastante gente, mas o visual dela mudou bastante, tem muita coisa nova que não fala do tropeiro. E aí muda as pessoas, às vezes, vem gente que não é boa, mau elementos, vem muita gente assim⁴⁰ (dona Zazá).

Nem eu, nem o Joaquim vamô mais na festa, porque eles tão fazendo uma confusão do tropeiro com o boiadeiro e num é a mesma coisa. Eu num vô mais fazê o café, porque no ano passado eu fui almoçar às cinco da tarde (seu Josias).

Segundo seu Josias, o que propiciou a confusão entre o tropeiro e o peão boiadeiro foi um rodeio que ocorre no fim de semana anterior, No último fim de semana da festa são mantidos os shows de música caipira, sertaneja e forró na Praça do Tropeiro e no sábado ocorre a “fór-mula”, conhecida também como a corrida de mulas⁴¹.

No domingo foram mantidas a Missa, o Desfile das Tropas e o Almoço Tropeiro, mas se perdeu a participação de seu Josias que preparava o café tropeiro no centro da praça e distribuía gratuitamente para os visitantes, e de seu

⁴⁰ Entrevista realizada pela autora em 23 de agosto de 2003 na residência da entrevistada. Dona Zazá é esposa de seu Fernando e ajudava na barraca de artesanato onde eram expostas as peças do marido. Assim como seu Fernando, participou desde a primeira Festa do Tropeiro e deseja fazer com que esta volte a ser realizada como as primeiras manifestações. No ano de 2004 se candidatou a vereadora da cidade.

⁴¹ A fór-mula é uma maneira cômica de homenagear o tropeiro e o animal, pois em muitos dos “causos” contados por estes homens é freqüente o relato sobre os atrasos da viagem ocorridos porque a mula empacou. A corrida das mulas é uma brincadeira, pois as mulas devem correr em um círculo circunscrito no chão, mas sabe-se da dificuldade que encontram em respeitá-lo. Saem duas mulas por vez e vence aquela que terminar a volta primeiro, muitas vão sendo eliminadas e, por fim se chega ao vencedor. Este momento da festa é muito freqüentado pelo público masculino de diversas faixas etárias e, embora não seja uma atividade de rememoração do tropeiro com o mesmo impacto da Missa, o Desfile e o almoço, pois acontece no dia anterior, é uma maneira de aproximar jovens e crianças da realidade que cercou estes homens por seu principal instrumento de trabalho, a mula.

Joaquim Governo no desfile das tropas, entre outros moradores. Apesar de todas as modificações, o domingo ainda é o dia que recebe a maior parte dos visitantes, pois originalmente a festa do tropeiro acontecia neste dia e as demais atrações, que ocorrem durante o fim de semana, foram inseridas ao longo dos anos de realização da festa e não têm o apelo dos rituais dos tropeiros.

Não pretendemos olhar para a festa como algo estático e que deve ser preservado. A própria criação e busca de uma manifestação que representasse Silveiras vem carregada de diversas “invenções”, incorporações e hibridismos (Canclini, 2003), mas, a partir da 21ª edição, constata-se um desrespeito à Festa e suas origens, algo trazido verticalmente a fim de incrementar apenas a arrecadação municipal.

É interessante isto, né, porque o volume da festa foi crescendo de tal maneira, que virou até festa nacional. Nós servíamos duas mil e quinhentas pingas num almoço tropeiro, você não via um bêbado. Nesta época na Festa do Tropeiro tinha até peão de Barretos, gente que não agüentava mais Barretos, porque lá virou dólar. Aqui a característica era Cultura Popular, de pé no chão. E o povo conseguia ganhar o seu dinheirinho, abria as portas das casas e vendia comida tropeira, agora com esse monte de barracas que nós tivemos que aceitar (seu Maciel).

No entanto, a intenção de utilizar o nome da festa do tropeiro em prol de uma festa do peão boiadeiro não vingou, porque o rodeio que antecede o fim de semana principal da festa é freqüentado apenas pelos moradores, não atingindo o público almejado.

O rodeio é legal assim, é mais uma atração, uma coisa nova. Mas quem freqüenta é só o pessoal da cidade, turista pouco, pouco. É mais gente da cidade assim e toda a faixa etária desde criança até senhor, senhora. Quem vem é de Cachoeira Paulista, Cruzeiro, um pessoal mais adaptado, não vem gente de longe pro rodeio, gente de longe mesmo vem no dia da festa, no domingo pra festa. O rodeio eu acho que não tem muito a ver, as pessoas vêm pra “fór-

mula”. Na verdade, o rodeio eu acho que é uma semana antes, é na semana da festa, tá no cronograma da festa, mas assim é um pouquinho antes, mas de fora de longe é só pra festa, pro rodeio é só gente daqui⁴² (Carina).

As celebrações de domingo permaneceram como o marco da festividade. Neste dia chegam à cidade ônibus repletos de turistas da região do Vale do Paraíba ansiosos para participar da missa, assistir ao desfile e saborear a comida tropeira. Assim, percebemos os rituais de rememoração significativos que compõem a festa do tropeiro: a Missa do Tropeiro, o Desfile das Tropas e o Almoço Tropeiro. Indicamos estes três momentos como os de rememoração devido à relevância que têm para a população local esses três rituais e o apelo que tem com os turistas que visitam Silveiras.

Mesmo partilhando do conceito de “lugares de memória” cunhado por Pierre Nora utilizamos a palavra rito para nomear as atividades da festa, porque o entendemos como a reatualização de um mito de grande representatividade para determinado grupo. O que diferencia a mitologia da história é sua reatualização por meio do rito e os significados embutidos em cada um destes termos. Entendemos o mito não no sentido de mentira, mas vinculado ao sacro, à celebração que liga os homens aos fenômenos da natureza e aos deuses. Há algo de místico no mito que é justamente aquilo que cativa as pessoas e as incita a participarem e se sentirem parte dele. Já a história propõe-se a recuperar os fatos e sua razão de ser por aquilo que é factual e pode ser comprovado. Não há nos rituais em Silveiras uma tentativa de sacralização de uma cultura e de exaltação de um herói e uma perspectiva de transmitir uma memória para as demais gerações? (Elíade, 1989) As emoções e sentimentos que permeiam a festa se misturam à história e ao desejo de imortalizar um de seus sujeitos, o tropeiro. Pela mitificação do tropeiro há a possibilidade de a cidade e o grupo tomar o

⁴² Entrevista realizada pela autora em 22 de agosto de 2003. Carina Ricci Tinoco, 25 anos, é paulistana, mas vive no município há cinco anos, já fez parte da equipe da Fundação do Tropeiro, auxiliando no atendimento a grupos de estudantes que visitam a região. Atualmente, trabalha para a Prefeitura como inspetora escolar e ajuda nos preparativos da Festa, principalmente na parte da alimentação.

tropeiro o principal sujeito histórico de Silveiras, o que resulta na formação de uma identidade para o município.

Quando nós começamos a Festa tropeira, não tinha nada, tudo que tiver de coisa boa lá foi às custas dos tropeiro. Os tropeiro construiu essa Silveiras e agora tem a Festa do Tropeiro pra mostrá isso, que começou com ½ quilo de toucinho, arroz e feijão. Depois, quando cresceu, tirava uma parte pra Santa Casa, outra parte para creche e outra eles dão pro asilo. Aquele asilo que tem lá, só tem aposentado (...). Tudo que tem aqui hoje é graças aos tropeiro, Silveiras nasceu dos Rancho dos Tropeiro (seu Josias).

José de Miranda Alves, silveirense, aponta o ressentimento pela falta de história e identidade no município, em prefácio da obra de Ocílio Ferraz.

Terra centenária, marco atuante e histórico no Vale do Paraíba, terra que tem patrimônio ambiental e cultural, e que não deseja perdê-lo, vive a lembrar aos poderes a célebre Declaração de Princípios da Unesco, que recorda não sejam esquecidos os lugares que marcaram fatos históricos. História é o que temos, e a ela nos agarramos de unhas e dentes, pois somos pobres demais para perder nosso único tesouro (Alves, 1984, p.9).

A busca de uma identidade em Silveiras é vista pelos seus idelizadores, tropeiros e intelectuais como instrumento de extrema importância para a elevação da auto-estima dos silveirenses. Embora a celebração tenha sofrido modificações, os festeiros têm interiorizado a importância do tropeiro para a identidade e história do município. Segundo Thompson:

Aqueles que representam esses ritos podem ter esquecido há muito tempo as suas origens míticas. Entretanto, os próprios ritos evocam poderosamente os significados míticos, mesmo que esses sejam compreendidos de modo apenas fragmentário e parcialmente consciente. (...) Mas esse vocabulário não era reinterpretado involuntariamente

pelos campônios da aldeia, como se fossem sonâmbulos possuídos pela “memória popular”. Se devemos sempre rejeitar os significados que os próprios participantes dão a um evento, e procurar um significado ulterior mais em conformidade com a estrutura do mito, essa atitude acaba diminuindo a racionalidade e a estatura dos atores e subestimando a autoconsciência dos iletrados. Eles talvez não tivessem lido *Mitologias*, mas tinham suas próprias noções sobre o que estavam fazendo (Thompson, 1998, p. 382).

Os ritos estão carregados de significados, ainda que muitos de seus representantes não tenham profundo conhecimento daquilo que celebram. A experiência vivida na ritualização traz à tona as diversas leituras possíveis acerca de seus símbolos. Não podemos, portanto, apreender a ritualização como algo que não passa por uma revisão e ressignificação por parte daqueles que a perpetuam através dos tempos.

A Missa celebrada no domingo da festa do tropeiro é uma ressignificação da religiosidade que acompanhava os tropeiros e uma forma de disseminar a cultura tropeira para um número maior de munícipes e visitantes. Pouco se encontrou sobre a religiosidade dos tropeiros, não são mencionadas missas em momentos de grande tensão, como as chegadas e saídas das tropas ou em agradecimento, mas aqueles que exerceram o ofício ao longo do século XX se dizem muitos religiosos e freqüentadores da Igreja Católica. Aluísio de Almeida disserta sobre a religiosidade dos tropeiros, afirmando que, no sul, esta era mais “sentimental do que instruída” e nas demais regiões nos ranchos ou pousos, sempre havia uma pequena capela ou uma cruz (Almeida, 1981, p. 207).

De fato principalmente no centro e no sul do país não havia pouso de tropeiros sem a sua capelinha ou oratório e, em último caso, uma cruz sob um ranchinho de sapé a brasileira “santa cruz”, algo diversa do cruzeiro europeu e mesmo brasileiro das cidades, pois aquela expressão designa um conjunto roceiro (Almeida, 1981, p. 207).

A escassez de fontes sobre a religiosidade dos tropeiros impossibilita uma análise mais aprofundada da relevância desses rituais para o grupo, mas não impede que vejamos a missa como um instrumento de construção e propagação da memória do tropeiro e de sua relação estreita com Silveiras. Numa cidade em que a maior parte da população é católica, o sujeito histórico que é colocado como representante de suas raízes também é lembrado como um seguidor dessa religião a fim de reforçar os elos de ligação entre presente e passado e reafirmar a identidade tropeira da cidade. O padre Rivelino, vigário da cidade, é muito querido e respeitado pela população porque, após sua chegada, por volta de quatro anos atrás, retomou diversas celebrações de datas santas, como a Semana Santa, entre outras.

O Padre Rivelino está fazendo com que muitas pessoas retornem à Igreja, ele faz um trabalho interessante de resgatar festas tradicionais da Igreja Católica como Corpus Christi, Festa do Barro, Festa de São Benedito, e algumas outras⁴³ (Anderson).

Depois que eu cheguei aqui eu comecei a levantar algumas tradições, né, Semana Santa, Festa do Divino Espírito Santo, Festa do Santo Rei, Corpus Christi, Festa de São Benedito e a Festa da Padroeira da cidade⁴⁴ (Padre Rivelino).

Padre Rivelino celebra a Missa do Tropeiro e, devido ao seu carisma, faz com que esta seja cada vez mais participada e prestigiada. O fervor e a devoção⁴⁵

⁴³ Entrevista realizada pela autora no Casarão do Tropeiro em 16 de março de 2003. Estudante de turismo e chefe de cozinha e gerente do Casarão do Tropeiro, restaurante e pousada que fica situada no mesmo Casarão da Fundação. É um estudioso das comidas típicas brasileiras e aprendiz de seu Ocílio. Apesar de estudar em Lorena sua morada se divide entre Silveiras e esta, devido a sua ocupação e envolvimento com o Casarão, conhece toda a trajetória da festa e da fundação e se interessa em promovê-las, buscando uma maior valorização das mesmas.

⁴⁴ Entrevista realizada pela autora em 18 de abril de 2003 na residência do padre. Padre Rivelino é cruzeirense, cidade próxima à Silveiras. Já foi padre em São José do Barreiro, cidade também localizada na Rodovia dos Tropeiros e é um grande conhecedor da história da região. Tenta recuperar em Silveiras diversas festas religiosas a fim de aproximar os silveirenses da fé.

⁴⁵ O fervor e a devoção referentes à Missa do Tropeiro foram percebidas a partir da técnica chamada pela Antropologia de Observação Participativa, pois participei do ritual ao longo dos últimos quatro anos.

na Missa do Tropeiro por parte dos moradores despertam o interesse dos visitantes que também participam e fazem parte do ofertório. Ao longo da missa são cantadas músicas reverenciando o tropeiro e celebrando sua importância para Silveiras.

ENTRADA

Venho lá do meu sertão
Do ranchinho de sapé
A viola vem na mão
Pra mostrar a minha fé

Eu não tenho diferença
Do irmão lá da cidade
Pois eu tenho a minha crença
Crença pura e de verdade

Na viola sonolenta
As dez cordas mandei pôr
Cada corda representa
Mandamento do Senhor

E agora aqui na Igreja
Ajoelhado aos pés do altar (bis)
Com a moda sertaneja
Ó meu Deus eu vou louvar

São apresentados na letra da canção elementos significativos da atividade do tropeiro, um pouco de sua história, exaltando sua fé e mostrando as discussões sobre as riquezas do campo em comparação às da cidade: *Eu não tenho diferença / Do irmão lá da cidade*. Além do cântico da entrada trouxemos, o da saída, complementa as reflexões sobre a relevância da Missa na constituição da memória e identidade idealizada pelos fundadores e mostra como esta participa do movimento de recuperação daquilo que deve ser lembrado e valorizado no município.

SAÍDA**O que tem Silveiras**

O que tem Silveiras
 Tem muitas belezas
 Tem o verde das matas
 Lindas e a natureza
 Eu vejo o sol despontando lá
 na serra.
 E o xororó piando lá na
 Mata
 Vejo o caboclo trabalhando sobre a terra
 E o boiadeiro apertando a reiata
 Eu vejo a tropa caminhando na
 Estrada
 Relembro o tempo que só os antigos viu
 Vejo o Tropeiro na sua longa
 Jornada
 Foi o início do progresso do
 Brasil.

O que tem Silveiras
 Tem muitas belezas
 Tem o verde das matas
 Lindas natureza (REFRÃO)

Vejo as crianças caminhando
 Para escola
 Tão satisfeito aprendendo a
 Lição
 Vejo o caipira pontiando sua
 Viola
 Aos garotinhos ensinando a
 Tradição
 Naquela rua que hoje você
 Passa
 Há muito tempo o tropeiro já
 Passou
 Aquele rancho que está ficando na praça
 É a lembrança do passado que
 Ficou.

REFRÃO

Esses trechos cantados ao longo da Missa remetem à figura do tropeiro e às suas origens caipiras. A Missa consiste num momento de homenagem, agradecimento e bênção da herança cultural deixada pelos tropeiros. As letras dos cânticos de entrada e de saída trazem elementos que compõem o imaginário acerca do tropeiro e da vida caipira dos habitantes de Silveiras, entre eles o “ranchinho de sapé”, a “viola”, a “moda sertaneja”, as “flores do meu campo”, o “luar do meu sertão” e o “piar de cada ave”. As músicas são extremamente pedagógicas e repletas de bucolismo, recorrem ao passado, mostrando a importância do tropeiro para o progresso do país, e recontam parte da trajetória dos tropeiros e a herança deixada por eles, a tradição.

A Missa é totalmente voltada ao tropeirismo, as músicas, as leituras, as celebrações, o ofertório e os animais, é totalmente voltada ao tropeirismo, né. Então, vocês até que podiam participar para verem as músicas, muito bonitas. A letra fala das tropas daqueles povos pobres que andavam pelo campo, pela estrada afora. São os adultos que contam e o repertório é bonito, celebramos tudo da terra e tudo que você tem vem da terra do campo, entendeu, e os animais são mais de 100 e a cidade resguarda tudo isso (Padre Rivelino).

Os mais de cem animais participam do Desfile de mulas e cavalos realizado logo após a celebração da Missa. O Desfile das tropas simboliza os caminhos traçados pelos tropeiros ao longo de suas jornadas. Inicia-se próximo à entrada da cidade e segue em direção ao centro a fim de que todos presenciem a passagem das tropas. Antigamente, a maior parte das tropas que desfilavam eram compostas por silveirenses, o que não acontece atualmente, pois participam grupos de todo o Vale do Paraíba e do interior do Estado de São Paulo, não compostos apenas por mulas, mas, principalmente por cavalos. Diferente da “fórmula”, que é uma atividade recreativa, o Desfile é um ritual formal em que os que foram tropeiros em Silveiras e grupos de outros municípios da região, como Taubaté, Jambeiro, Cunha, que também têm movimento de recuperação da história do tropeirismo, trazem suas tropas e vestes típicas. O ponto de partida é o

portal de entrada da cidade, na Rodovia dos Tropeiros. Durante o desfile não há circulação de carros e a via é interditada. À medida que as tropas vão passando, os espectadores ovacionam os grupos participantes que terminam o desfile em frente a Praça do Tropeiro, onde é servido o almoço tropeiro.

Há dois anos, após o encerramento do Desfile das Tropas, seu Josias, fazia o café tropeiro em meio à Praça do Tropeiro e distribuía para os visitantes. A receita do café chamava a atenção do público porque era feito da mesma forma como o tropeiro fazia durante suas viagens pelo Vale do Paraíba. A garapa era colocada com a água até esta ferver, depois, colocava-se o pó de café e, para ocorrer a diluição, colocada uma brasa. Este ritual deixou de ser feito por seu Josias como sinal de protesto às transformações radicais impostas pela Prefeitura.

Já o almoço tropeiro continua sendo oferecido e, há mais de dez anos, não se sustenta apenas com as doações. A Prefeitura arca com os custos e arrecada os benefícios. Com relação à alimentação servida na festa pode-se afirmar que é o grande atrativo, o ritual mais representativo, principalmente, para os que vêm de fora. Servem-se mais de mil refeições tropeiras ao longo do domingo. Encontramos, em nota publicada pelo Jornal de Silveiras em 1990, um balancete da Festa do Tropeiro:

Tabela 1 – Balancete da Festa do Tropeiro de 1990

BALANCETE DA FESTA DO TROPEIRO DE 23 A 26 DE AGOSTO/1990 SILVEIRAS	
<u>DOAÇÕES:</u>	
Julinho	60 kg de batata
Amauri Bastos	30 kg de arroz
Danilo	35 kg de arroz
Celito	60 kg feijão
Dr. Darci	25 kg de sal
José Leite	30 kg de arroz
Jair Pinto	30 kg de arroz

José Mineiro	50 kg de feijão
João Mequeca	25 kg de sal
Batateiro	30 kg de batata
Revendedor de pó	2 kg de pó de café
Revendedor de arroz	30 kg de arroz
Nilo Lozano	Cr\$ 10.000,00
YMPRIME – ARTES GRÁFICAS	1000 cartazes
Artes Gráficas Santa Rita Ltda	2000 ingressos
<u>DESPESAS:</u>	
202 kg de carne	41.000,00
500 kg de toucinho	40.000,00
2.000 pratos	31.000,00
2.000 colheres	3.200,00
100 kg de courinho	5.000,00
85 kg de arroz	2.930,00
05 kg de alho	2.000,00
35 kg de farinha	1.050,00
37 kg de batata	1.110,00
17 kg de sal	340,00
03 garrações de pinga	750,00
02 kg de coloral	460,00
04 kg de lingüiça	1.000,00
Material de limpeza	1.700,00
TOTAL	131.540,00
Despesa de Refeição do Pessoal do som	10.000,00
BANESPA	
Lanche dos Violeiros	2.980,00
Josias Mendes	8.000,00
16 dias p/ os cozinheiros	8.000,00
TOTAL	28.980,00

TOTAL GERAL DA DESPESA	160.520,00
SALDO POSITIVO DO RANCHO	459.020,00
DINHEIRO DAS BARRACAS	104.000,00
DOAÇÃO DO NILO	10.000,00
TOTAL	573.020,00
DESCONTO DA DESPESA	160.520,00
TOTAL REAL	412.500,00

Fonte: Jornal de Silveiras, 1990, p.4.

Nas primeiras comemorações quem coordenava a cozinha era Nenê Emboava, antigo tropeiro da cidade, já falecido, e a maior parte das colaboradoras eram as esposas dos que foram tropeiros. Dona Geralda, esposa de um dos tropeiros fundadores da festa, conhecido como seu Vardão, relata que participou na preparação dos alimentos durante muitos anos, mas, após o falecimento, do marido a festa se tornou muito triste para ela.

Esses anos nós não veio, vim só na Missa, depois que o marido foi embora dá uma tristeza em participar da festa (dona Geralda).

Atualmente, a alimentação é preparada por senhoras que trabalham como merendeiras nas escolas municipais de Silveiras. Nenhuma teve parentes que trabalharam como tropeiros, mas, por terem amigos, que foram tropeiros, aprenderam as receitas nas prosas. Por ser uma alimentação que tem como base o arroz, o feijão e o torresmo, apenas alguns segredos diferenciam os pratos da culinária de rotina dessas senhoras.

Faz nove anos que eu trabalho aqui no Rancho do Tropeiro fazendo a comida típica. Sou eu mais oito companheiras que trabalham aqui e faz o feijão tropeiro, o arroz, prepara a carne e o torresmo. Aprendi com uns amigos meus que eram tropeiros,

inclusive teve dois anos que eu fui pra São Paulo, lá no Parque da Água Branca apresentando a comida tropeira⁴⁶ (dona Nilza).

Nos diálogos com essas senhoras pudemos aprender o preparo dos alimentos. Algumas modificações foram feitas nos pratos, como a utilização da cebola no arroz, que durante as viagens não ocorria, pois reduz o tempo de conservação do alimento. De acordo com Rogich Vieira, os tropeiros que passavam por Sorocaba se alimentavam de feijão com torresmo salgado misturado à carne seca acompanhado por farinha de milho ou mandioca. O arroz passou a ser consumido somente a partir do século XIX e, mesmo assim, com muita dificuldade, pois só o obtinham, quando paravam em algum sítio ou fazenda.

Os tropeiros passavam muitos meses viajando e se alimentando com o feijão temperado pelo toucinho de porco salgado, tendo como mistura as carnes secas que eram cozidas juntamente, além da farinha de milho ou mandioca, imprescindíveis em qualquer refeição até fins do século passado e que ainda encontramos em muitas mesas da atualidade (Vieira, 1997, p.47).

De acordo com Tom e Thereza Maia, a dieta do tropeiro tinha como base feijão, fubá, farinha de milho, carne de porco ou toucinho, café e açúcar, pois temperos, como a cebola, prejudicavam a conservação dos alimentos. O único tempero utilizado era o sal.

Os trens de cozinha vinham no jacá de caldeirão, alceado sempre no burro culatreiro. (...) Do próprio trançado de taquara saía, de um lado, a tampa, que se fechava para fora. Nele iam os trens de

⁴⁶ Entrevista realizada pela autora na cozinha do Rancho do Tropeiro em 24 de agosto de 2003. Dona Nilza é merendeira da escola municipal e aprendeu a fazer a comida típica com as amigas, pois, não tem nenhum parente que foi tropeiro. Gosta muito de trabalhar na festa e servir a refeição para mais de quatro mil pessoas todos anos, diz que é a festa mais importante da cidade e que a comida do Rancho é a mais procurada, porque é a mais antiga e tradicional.

cozinha, que eram de responsabilidade do madrinheiro: 1 caldeirão de ferro com tampa, para o feijão; 1 panela de ferro de três pés, sem tampa, para fritar o torresmo e fazer o arroz; 1 cicolateira (chocolateira) de cobre ou de folha; o coador e sua armação; as xícaras de folha, ferro batido ou canequinhas esmaltadas; a cuia de meia cabaça. (...) O feijão, o pó de café, farinha de mandioca ou de milho, carne de porco, toucinho, sal e açúcar iam no jacá de munição (Maia, 1981, p. 73-74).

Nos Cadernos Culturais do Vale do Paraíba, produzidos a partir de uma parceria da Fundação Nacional do Tropeirismo com o Centro Educacional Objetivo, todos esses pratos são recuperados e descritos por Paulo Camilher Florençano e Maria Morgado de Abreu. Os trabalhos, embora não tenham como objetivo a recuperação do movimento tropeirista de Silveiras contribuem para a idealização deste cenário, não só no âmbito do município, mas de todo o Vale do Paraíba, pois as receitas da culinária típica da região são disseminadas e se tornam atraentes para aqueles que não convivem com esta cultura.

O cardápio consiste em arroz, feijão tropeiro, vaca atolada e torresmo, servido no Rancho do Tropeiro, localizado na Praça do Tropeiro. O arroz, nas viagens dos tropeiros, era substituído por canjiquinha de milho.

Nas nossa viagem não tinha arroz não, tinha feijão e carne de porco com canjiquinha de milho, além disso tinha uns produto da terra, erva medicinal, pra fazê chá, era tudo da terra (seu Josias).

O feijão tropeiro consiste na mistura de toucinho, feijão e farinha de mandioca ou de milho. Primeiramente, cozinha-se o feijão com pouco caldo, fritase o toucinho e misturam-se os dois ingredientes, jogando por último a farinha para deixar o prato mais encorpado. A vaca atolada consiste em costela de vaca ensopada, temperada com sal e servida com banana nanica madura. O torresmo é feito da pele do porco, que fica secando ao sol durante uma semana e depois é frita.

Muitas residências do centro do município servem o mesmo cardápio, mas a maior parte dos visitantes prefere comer no rancho, o que faz com que se formem filas imensas à espera por uma refeição.

Eu venho na festa só pra comer a comida do rancho, já venho faz uns dez anos, gosto muito. Se você não chegar cedo pode ficar até duas horas na fila, mas mesmo assim vale a pena esperar, porque é comida feita no fogão à lenha⁴⁷ (José Luiz Oliveira).

Outro local onde os visitantes disputam a refeição tropeira é o Casarão do Tropeiro, localizado no mesmo prédio da sede da Fundação Nacional do Tropeiro e também coordenado por Ocílio Ferraz. São servidas também outras opções de alimentos pelos barraqueiros que locam estandes na festa: sanduíche de pernil, pastel, cachorro quente e doces, como, cocada, maçã do amor, bolos e doces com chocolate.

Dona Nilza e as outras cozinheiras dizem saber de sua responsabilidade para com a festa, pois a elas cabe preparar seu principal ícone, a refeição tropeira.

A gente que é daqui vem vê os conhecido da gente, mas é mais pessoa de fora que vem comê, aí começa aquela confusão, porque todo mundo qué comê a comida do Rancho do Tropeiro, porque faz no fogão à lenha, tudo é feito no fogão à lenha, né. Aí eles vêm tudo aqui, aí cê olha. Nossa! Um tumulto de fila. Começa a servi o almoço onze hora e termina ali pras quatro e meia. O povo vem atrás do torresmo, feijão tropeiro e eles fica tudo feliz na fila, menina, por causa da comida eles fica sentindo o cheiro, que cheiro. Só de chegá aqui no Rancho do Tropeiro eles já fala é essa comida que eu vim comê. E muitos vêm de longe e fala, eu vim aqui por causa dessa comida, porque às vezes vem gente e fala que tão servindo comida tropeira em outros lugar. Ah, não! Mas é daqui que eu vim comê (dona Nilza).

⁴⁷ Entrevista realizada pela autora em 29 de agosto de 2004 no Rancho do Tropeiro. José Luiz de Oliveira é nascido em Taubaté e visita a Festa faz quatro anos, diz que esta é a mais tradicional da região e que a visita para saborear a típica comida tropeira.

Pela fala dos visitantes (José Luiz) e moradores (dona Nilza) que esperam até mais de uma hora na fila para saborear o prato típico da Festa, depreendemos que o desejo dos fundadores da festa de instituir a memória de um grupo, principalmente, pela alimentação teve êxito, pois esta se tornou a principal referência da comemoração. José Luiz diz que na festa de Silveiras come a verdadeira comida tropeira, a qual requer um preparo de dias e é feita no fogão à lenha. Por esse motivo compensa esperar para comê-la. A alimentação passa a ser um símbolo e seus significados ultrapassam a dimensão do comer como ato biológico e se torna uma prática de absorção e envolvimento com a cultura do outro.

O alimento é um signo, assim como o signo é digerível. O sustento ofertado em abundância exorciza a penúria e libera o estômago e o ventre da angústia da morte. Ele opõe-se à decomposição, ao provocar aquele decocto químico a que o organismo submete o produto alimentar e reencontra a morte, porque auxilia a natureza a perverter, a corromper, pois a nossa digestão é um apodrecimento controlado que nos enriquece e ajuda a sobreviver. Destruímos para continuar a viver e uma tal destruição é comparável ao ato que faz gerar o filho no ventre da mãe. Os grandes banquetes são festas copulativas; a natureza instala-se no homem, no curso da festa; ao mesmo tempo destruímos e regeneramos (Duvignaud, 1983, p. 63).

A morte e a regeneração, significados dados ao alimento e ao ato de consumi-lo por Jean Duvignaud, acompanham as mesmas teorias ligadas aos processos de formação de culturas (Guinzburg, 1987 ; Canclini, 2003) e ao surgimento das festas (Bakhtin, 1987) trabalhando com a idéia de circularidade e da importância de ciclos que se renovam.

Sob a perspectiva das práticas culturais podemos enfatizar modos de cozinhar, técnicas, utensílios utilizados na preparação dos alimentos, tradições, papéis masculinos e femininos e ainda textos de receitas registrados na oralidade e na memória. As práticas culturais implicam adesão a um sistema de valores e comportamentos que forcem cada um a se conservar por trás de

uma máscara para sair-se bem no seu papel. A maneira de cozinhar e os hábitos de servir a mesa são indicadores de uma adesão aos valores e comportamentos locais. Toda prática alimentar depende de uma rede de pulsões: quanto aos odores, cores e formas, também quanto ao tipo de consistência. O alimento escolhido, permitido e preferido é o lugar do empilhamento silencioso de toda estratificação de ordens e contra-ordens que dependem ao mesmo tempo de uma etno-história, de uma economia regional, de uma invenção cultural, de memórias e de experiências pessoais (Giard *apud* Lucena, 2004, p.200).

O ato de “comer” a cultura do outro implica mais do que o simples saborear de uma refeição diferente da usual, consiste no contato com uma somatória de memórias orais e experiências. Esse contato, ainda que esteja repleto de incorporações e hibridismos, pode ser uma das formas mais intensas para se aproximar e entender o espaço, a trajetória e história de determinado povo e cultura. O alimento que se consome pode indicar valores e comportamentos de determinados grupos. No caso da Festa do Tropeiro, a refeição representa a aproximação com a rotina do tropeiro, os valores representativos para o grupo fundador da comemoração que via na alimentação típica destes homens o desejo de viver uma vida “simples” e sem luxos, consumindo apenas alimentos considerados triviais.

3.3 Intervenções, incorporações, incômodos

Algumas passagens da pesquisa deixam transparecer disputas relacionadas à Festa. Os conflitos ocorrem no âmbito da organização e nos rumos tomados, principalmente, nos últimos quatro anos, que são vistos como desrespeito à cultura da festa.

Para as pessoas que vêm de fora o primeiro sintoma de incorporações à Festa são os cartazes. Nos últimos quatro anos manteve-se o nome da Festa, mas o símbolo se tornou o peão boiadeiro. Esta incorporação foi considerada um ultraje pelos fundadores que pensaram a festa como uma alternativa à memória ressentida resultante de um abandono dos órgãos públicos. E, de repente, um

órgão público, ao qual lhe foi conferida a responsabilidade de organizar e manter a comemoração, desrespeita aqueles que tanto lutaram para erguer a festa e a memória do município. Os protestos rapidamente apareceram, pois muitos deixaram de freqüentar a festa, por causa da imagem colocada no cartaz e pela forma como esta foi divulgada na região.

Eu continuo participando e acho que esse ano deveriam homenagear o tropeiro idoso, porque os tropeiros hoje são todos idosos, mas eles se preocupam mais em trazer banda de música de São Paulo, de forró, música punk. Então, o que eu faço não tem força pra impedir. A gente fica por aqui, porque vem muita gente de fora, mas não é mais o que a gente pensou (seu Ocílio).

A divulgação pela imagem do peão boiadeiro visando atrair um contingente maior de pessoas, consumidores, para o dia do rodeio, atraiu apenas um número maior de barraqueiros, que se tornaram concorrentes dos munícipes que viam na comemoração uma forma de incrementar sua renda. A atitude da prefeitura de inserir na festa o rodeio e aumentar o número de barracas multiplicou as críticas. A construção de uma Santa Casa para atender à população foi o motivo para a criação da festa, mas agora a situação é diferente. Deixou-se de investir a renda gerada pela festa no posto de saúde, faltam medicamentos, os serviços são precários e bons médicos deixaram a cidade por falta de pagamento, segundo alguns moradores.

Em termos de festa ela é um sucesso, em termos de aparência, visualidade, mas em termos de oferecer ao visitante lazer, em oferecer sanitários públicos, isso aí é precário. Às vezes o pessoal das barracas ficam querendo ir tomar banho lá no Ocílio. Nós fizemos há alguns anos atrás, eu fazia parte da organização para mudar o sistema da festa, mas um não apóia o outro, o Ocílio é o único que ainda se esforça pra trazer condições turísticas para a cidade (dona Zazá).

Para dona Zazá, é preciso mudar toda a infra-estrutura da festa, aumentando o número de sanitários públicos, melhorando a limpeza e controlando a entrada dos ônibus na cidade. Outra reclamação é que os moradores que não têm condições de pagar as locações das barracas, que acabam ficando para pessoas que vêm de fora. O descontentamento de dona Zazá e de outros moradores pode ser entendido nas conversas com os barraqueiros, pessoas que trabalham em festas em cidades do interior, como Barretos, Festa do Tropeiro de Jambuí, entre outras. A proposta da Prefeitura é inchar a Festa e transformá-la em um megaevento, atividade que o município não comporta. Em entrevista com alguns barraqueiros, notamos que a maior parte conhece a comemoração apenas há três ou quatro anos e comercializam produtos que não condizem com a sua proposta inicial, voltada para a cultura tropeira.

Conheço a festa há três anos, foi minha irmã (também barraqueira) que me apresentou, este é o meu segundo ano como participante (vende pastel). A gente só vende mesmo no domingo, mas o desfile é muito bonito e o povo daqui é muito legal⁴⁸ (Irene da Conceição Delgado).

A festa do tropeiro, conheci quando me mudei para São José dos Campos, faz mais ou menos dez anos, via no jornal, no rádio e na televisão. Participo vendendo lanche de pernil e calabresa faz três anos. Conheço um pouco da história do tropeiro, porque existe na minha família a mesma tradição, a festa do tropeiro é muito importante⁴⁹ (Vinia Barbieri Bertoco).

Sou de Tremembé, conheci a festa pelos amigos e tv, trago a barraca há dois anos⁵⁰ (Walter Cunha de Lima).

⁴⁸ Entrevista realizada pela autora na Praça da Matriz de Silveiras em 24 de agosto de 2003. Irene tem 34 anos, nascida em Maringá e moradora de São Paulo. Quem a apresentou à festa foi a irmã que já tinha uma barraca e a convidou, este é seu segundo ano como participante, vende pastel.

⁴⁹ Entrevista realizada pela autora na Praça do Tropeiro em 24 de agosto de 2003. 44 anos, nascida na cidade de Primeiro de Maio (é o nome da cidade), no Paraná, vive em São José dos Campos há dez anos. Conheceu a festa no mesmo período em que se mudou para a região através dos jornais, rádio e tv local e, trabalha como barraqueira apenas há três anos, vende lanches de pernil e calabresa. Considera a comemoração muito importante pois diz ter a mesma tradição em sua família.

⁵⁰ Entrevista realizada pela autora na Praça do Tropeiro em 24 de agosto de 2003. dono de barraca, é de Tremembé. Conheceu a festa através de amigos e pela tv, a barraca onde trabalha

Os depoentes conhecem pouco sobre a festa, pois esperam vender suas mercadorias durante todo o período de sua realização, mas isso não acontece porque a maior parte dos visitantes chega apenas no domingo, último dia da festa.

Eu gosto da festa, mas o que me deixa triste é isso, toma o nosso espaço com coisa que não tem nada a ver com a nossa história, mas no momento o que tá acontecendo aqui na festa do tropeiro, tem barraca de roupa, barraca de pão com lingüiça. Antes era bem leve, eu coloquei uma barraca, que eu tinha com o pessoal da igreja, nossa barraca tinha café tropeiro. Eu me lembro que chegou um rapaz de fora e colocou a mão no nosso balcão que era de tábua, sabe, bem original. E ele passou no balcão assim e disse. - Me vê uma pura aí. Pura aqui só tem eu, uma pinga ele queria dizê, o que a gente vende aqui é café, broa de milho, se você quisé é isso. Então, nós montamo isso aí, tinha bolo de fubá, café de garapa, café tropeiro e broa e nós não tivemos prejuízo. E a nossa barraca deveria continuar, mas infelizmente tomou um rumo que é difícil volta agora. Trocar um pão com lingüiça por um prato de comida tropeira⁵¹ (Rosana).

Embora Rosana, professora de História da cidade, já tenha incorporado o discurso da tradição como algo puro e que deve ser preservado, não consegue esconder em sua fala os conflitos presentes na festa que desmantelaram a idéia de alguns moradores que acreditam na exposição da “verdadeira” cultura tropeira. Essa disputa de território, citada por Rosana, não é meramente espacial, é cultural também, não no sentido de oposição do tradicional/moderno, mas no sentido de sobrevivência. A sobrevivência pensada não somente em relação ao poder aquisitivo que possibilita o consumo de bens de primeira necessidade, mas relacionada ao desejo do homem e de seus grupos de se fazer ouvir (Canclini, 2003, p.218).

também vende lanche de pernil e calabresa e, apesar de passar o ano viajando para trabalhar em festas é a primeira vez que trabalha na Festa do Tropeiro de Silveiras.

⁵¹ Entrevista realizada pela autora em 22 de abril de 2004, em sua residência. Rosana Aparecida Cardoso Duarte, 37 anos, professora de História das escolas municipais de Silveiras. Filha de seu Dedé, ex-tropeiro, presenciou em sua infância a lida do tropeiro. Durante o mês de agosto, período em que acontece a festa, discorre sobre a história dos tropeiros e sua importância para a formação da cidade, entre outras atividades, como o aprendizado da culinária tropeira e a produção de brinquedos antigos, como peão, boneca de pano, etc.

Seu Josias deixou de freqüentar a Festa há dois anos em protesto ao desrespeito da Prefeitura a alguns de seus fundadores, como ele e seu Joaquim Governo. Seu Josias relata que, durante vinte e dois anos da festa sempre, fez o café tropeiro após o Desfile das Tropas e distribuiu para quem quisesse prová-lo. Um dado relevante é que seu Josias vive com um salário mínimo mensal e durante todos esses anos arcava com os custos do saco de café para a festa. Fazia isso visto como agradecimento às pessoas que sabiam valorizá-lo e para apresentar parte da rotina da viagem do tropeiro.

O movimento hoje, é um ditado que eu digo, e nem sei quantos sacos de mercadoria o povo cozinha ali, porque lá no rancho o povo cozinha um tanto, os hotéis cozinha, aquela rivalidade. Mais é o que eu digo, eu pelo menos não ganhei nada, só ganhei amizade com todo mundo (seu Josias).

Nos últimos dois anos não compareceu à Festa, em protesto à falta de atenção dada a ele e seu Joaquim, que com mais de setenta anos, colaboram com o festejo desde a sua fundação e não receberam um prato de alimento antes da cinco da tarde. Confessaram que retornariam à Festa, caso o prefeito se desculpasse, o que não ocorreu.

Todas festa dá certo, só essa que não, porque eu não fui lá. Antigamente era festa tropeira, vinha cantor caipira, hoje esse cantor de fora só pra dar renda. A gente ia de tropa, de pé no chão. No outro ano ninguém convidado, ninguém ajudô, tivemo de fazê tudo sozinho e recebemo o almoço às cinco da tarde (seu Josias).

Cabe apontar que a mesma gestão que se apropriou da Festa e retirou a voz de parte dos munícipes de Silveiras apresenta em sua proposta de governo para um segundo mandato como primeira ação do item Cultura e Turismo: *Retomar a originalidade da Festa do Tropeiro, priorizando e apoiando as*

*manifestações e produções da cultura regional e local*⁵². Este discurso vem se tornando comum na atualidade e vem atrelado à idéia de implementação do turismo como o grande salvador de municípios pequenos que sofrem com a escassez de empregos. A sedução da atividade turística já estava incorporada à festa desde o início, mas não foi a mola propulsora para a sua criação. Esta surge a fim de solucionar problemas de ordem prática, como a restauração e reinauguração da Santa Casa e, paralelamente, como uma forma de apresentar Silveiras e sua cultura.

A “voz” dada ao turismo nas últimas duas décadas ecoa cada vez mais longe e sonora e traz consigo todo o arcabouço de diretrizes e caminhos que devem ser seguidos para que se consolide. Já existem inúmeras cartilhas sobre as formas de planejamento, o próprio governo federal já desenvolveu o Plano Nacional de Turismo, que os municípios devem adotar para se tornarem Municípios Turísticos ou Estâncias Turísticas (nomenclatura Embratur). Não há dúvida de que devemos estar atentos a este fenômeno moderno, pois os turistas continuarão realizando suas viagens e promoverão trocas e choques culturais em diversas regiões. A crítica diz respeito às leituras feitas pela mídia das culturas e seus espaços e as vendas feitas pelas agências de viagens freneticamente, como se estivessem comercializando apenas mais um bem de consumo, visto pelos consumidores da mesma maneira. Não se percebe que, de fato, estão vendendo experiências, ou seja, um “produto” que não pode ser controlado ou mensurado. Diante desse quadro, onde o consumo se sobrepõe a experiência, notamos a presença do discurso da folclorização das culturas, pois na sociedade do consumo o primordial é a aquisição de produtos de qualidade. A cultura, nesse sentido, deve ser algo puro, original, tradicional. Quando os conflitos e disputas emergem, suscitam desconforto e deixam de ser “adquiridos” pelos turistas.

Em artigo publicado no Jornal O Estado de São Paulo sobre o *Resgate do caminho dos tropeiros*, o secretário executivo de Turismo do Estado de São Paulo descreve com bastante clareza essa postura dos gestores da atividade e da

⁵² Plano de Governo. Coligação “Silveiras no Rumo Certo”, setembro/2003, p.3. (panfleto distribuído para os moradores da cidade)

própria academia que estuda a atividade turística, focada na “purificação” da cultura a ser conhecida e visitada.

Essas e outras histórias permeiam a rica vida dos tropeiros, responsáveis pela criação e pelo desenvolvimento de diversas cidades brasileiras, pelo traçado original da BR-116 e pelo surgimento do famoso arroz-carreteiro, entre outros tantos feitos. Resgatá-los é, no mínimo, revisitar o passado para entender e dar valor ao Brasil de hoje. (...) Vale ressaltar que essas rotas permitirão a criação de trabalho e renda para os moradores das comunidades da região. Com a passagem da tropeada, hotéis, pousadas, restaurantes, bares, lanchonetes e museus ganharão vida nova. O artesanato e a culinária típicos da região também serão beneficiados. É a cadeia produtiva do turismo trazendo o desenvolvimento (Castello Branco, 2004, p.2).

Em nenhuma passagem do texto se pensa nas dimensões interculturais e nos prováveis choques produzidos pelo encontro de grupos que querem ser ouvidos, como os moradores de Silveiras, e turistas que, em sua maioria, querem também ser ouvidos, ou melhor, servidos. A cultura é abordada apenas a partir daquilo que pode ser assimilado pelo turista, a escolha dos atrativos é feita minuciosamente e são exaltados apenas os fatos gloriosos como “o desenvolvimento de diversas cidades”, “o traçado da BR-116” e o “arroz carreteiro”. Além da abordagem ingênua da cultura, é inevitável a aparição do caráter redentor da atividade turística, que salva as cidades do seu principal mal, o desemprego.

O folk é visto, de forma semelhante à da Europa, como uma propriedade de grupos indígenas ou camponeses isolados e auto-suficientes, cujas técnicas simples e a pouca diferenciação social os preservariam de ameaças modernas. Interessam mais os bens culturais – objetos, lendas, músicas – que os agentes que os geram e consomem. Essa fascinação pelos produtos, o descaso pelos processos e agentes sociais que os geram, pelos usos que os modificam, leva a valorizar nos objetos mais sua repetição que sua transformação (Canclini, 2003, p. 211).

Os responsáveis pelas áreas de cultura e turismo de Silveiras perceberam que o seu produto não era competitivo para o mercado turístico, por isso, decidiram retomar o produto inicial, a fim de conter as reclamações dos descontentes e agradar aos turistas, produto perfeito. O que nunca é computado são as complicações e obstáculos a serem vencidos para se aproximar de uma suposta cultura tradicional. Por verem a festa e as culturas da cidade apenas como um produto, não levam em consideração as diversidades e dissonâncias existentes em todo processo de formação de uma cultura e todas as alianças e negociações que ocorrem entre os diversos grupos para se manterem vivas. Sem essa percepção dificilmente chegaremos a uma relação mais harmoniosa, se é que isso não é uma utopia, entre as inúmeras culturas existentes.

4. LUGARES DE RECONSTRUÇÃO DE MEMÓRIAS: ECOS E REVERBERAÇÕES

4.1 A desconstrução do ressentimento

Somos pobres demais para perdermos nosso passado ou nossa história.

Revi lugares comuns e a tristeza do lugar. Chocou-me a musicalidade ausente, as ruas desertas, raras crianças, nenhum jovem, as portas fechadas (Ferraz, 1984: 14).

Não há como olharmos para as histórias de ressentimento sem pesquisar dentro de uma perspectiva histórica aquilo que está intimamente ligado à psicologia social, psicologia política e a psicologia da própria história (Ansart, 2001:15). O ressentimento é uma manifestação gerada a partir de emoções e sentimentos suscitados por divergências e conflitos nas mais diferentes esferas. Para alguns autores, o ressentimento produz sensação de impotência frente a uma situação imposta que resulta em ódio, inveja, raiva, repulsa e inconformidade, e desejo de contrapô-la e revertê-la. Determinados grupos se unem por uma causa comum, não importando os custos, que isso possa implicar, não são poupadas invenções de tradições, incorporações, além da elaboração de patrimônios materiais e imateriais que corroborem para eliminar o desconforto causado pelo ressentimento.

Foi dito que o ressentimento em seu sentido psicológico é comumente compreendido como um estado ou condição duradoura, em vez de breve expressão de uma emoção, e tal característica explica em parte por que o mesmo termo pode ser aplicado aos socialmente descontentes: é provável que a estigmatização de classe possa ser caracterizada como raiva que se consome lentamente, uma frustração de longa duração ou percepção de uma injustiça contra a qual não se tem poder, ao menos no momento de reagir. É muito mais provável encontrar tal sentimento em um Estado democrático, no qual os cidadãos

acreditam que são pares de igualdade política (Konstan, 2001: 67).

O ressentimento pode acarretar a reação de um grupo que se sente excluído. Em nosso caso elucidada, ao menos em parte, o surgimento de diversos movimentos de celebração e comemoração em municípios, como Silveiras. Certamente, o ressentimento não é suficiente para nos aproximarmos da compreensão do Movimento Tropeirista em Silveiras. O que podemos apreender é que o ressentimento é o produto de um processo de marginalizações de grupos e municípios, conseqüentemente, de omissão e negação da cultura do outro. Monteiro Lobato, no início do século, Aziz Ab'Saber, na década de 1960, dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) da década de 1980 e outros, as conversas e o espaço atual da cidade de Silveiras, possibilitam encaixar as peças de um quebra-cabeça que mostra as deficiências do Estado democrático, cujo discurso é proporcionar igualdade a todos, mas não se oferece oportunidades a todos. Assim, outras variáveis influenciam no processo construção do movimento e da festa. A questão da memória, ou seja, de sua perda, como expõe Nora, faz com que floresçam movimentos para construir os “lugares de memória” (arquivos, bibliotecas, museus, festas, etc). O movimento surge num período em que se exalta o crescimento da atividade turística no país, o novo “milagre econômico” que clama pela implementação de atrativos ou “lugares de memória”. No entanto, o ressentimento parece o principal elo motivador e agregador do grupo que criou o movimento.

Então, aqui deveria ser cartão de visita, né. Aqui você andou e viu alguma coisa de interessante, fala verdade, seja franca com a gente. Porque, às vezes, por ser uma pessoa da cidade o pessoal não fala porque é falta de educação. Mas eu é que estou perguntando, você viu alguma coisa de interessante aqui? Não, a cidade é interessante pelos casarões, pela história dos tropeiros e pela localização dela na montanha, os morros, mas é maltratada. Então, não tem como você achar bonito aqui. O meu genro que fala, visite Silveiras antes que acabe (dona Zazá).

Dona Zazá mostra sua insatisfação com a realidade atual da cidade. Lembra o período em que a festa foi fundada, a cooperativa dos artesãos e o sucesso da Festa alguns anos atrás. Nesse diálogo, as emoções trazem à tona que a valorização da cultura tropeira, colocada como a representativa de Silveiras, desconstruiu o ressentimento de diversos moradores que, como dona Zazá, se fortalecem e se sentem pertencentes a um grupo.

Sentir-se participante de um grupo, confere ao indivíduo certo poder. Em Silveiras, a convivência dos munícipes com o abandono, o esquecimento e, principalmente, a necessidade de se instituir uma memória fortaleceram o grupo. Apesar dos oponentes, a festa atraiu e atrai uma grande parcela da população, até mesmo os jovens.

Todo mundo espera a festa do tropeiro, todo mundo, a cidade inteira. A Festa do Tropeiro é um marco, os jovens também gostam muito. Eles trabalham mais com artesanato, na festa é só farra (Rosângela).

O fato de a festa existir e ter como ícone o tropeiro já faz com que este sujeito histórico se torne parte da história de Silveiras, o que contribui para desconstruir o ressentimento dos munícipes.

A “invenção de tradições”, termo cunhado por Eric Hobsbawm, não se sustenta somente por ser uma invenção adequada ao grupo e ao tempo histórico, mas principalmente por conta de seus significados e representações. Em muitos casos, a tradição, mesmo não tendo desaparecido por completo, não cumpre sua função social de atender aos anseios de determinados grupos (Hobsbawm, 1997:16).

Elas parecem classificar-se em três categorias superpostas: a) aquelas que estabelecem ou simbolizam coesão social ou as condições de admissão de um grupo ou de comunidades reais ou artificiais; b) aquelas que estabelecem ou legitimam instituições,

status ou relações de autoridade, e c) aquelas cujo propósito principal é a inculcação de idéias, sistemas de valores e padrões de comportamento (Hobsbawm, 1997: 17).

Livros, jornais locais, dados estatísticos e os próprios moradores apresentavam Silveiras como uma cidade pobre, de recursos financeiros escassos, falta de empregos e decréscimo populacional. As taxas de migração para outros municípios do Vale do Paraíba para trabalhar e estudar são altas até os dias de hoje, mas, segundo alguns moradores, seriam maiores sem a Silveirarte e a Festa do Tropeiro. A falta da coesão social era sentida em Silveiras, os dois eventos agregaram um grande grupo de pessoas com interesses comuns e que se beneficiaram com a “exploração” de tradições, como o artesanato e o tropeiro.

No grupo não ocorreram relações de autoridade e poder, institucionalização (não formal) de “falas autorizadas” (Portelli, 1997). Os moradores não se sentem parte deste movimento no seu dia-a-dia, mas apenas no dia da comemoração, o que caracteriza um *status* velado, oposto aos ideais que compõem do Movimento Tropeirista.

Tal *status* aponta a propagação da tradição com o intuito de legitimar idéias, valores e padrões de comportamento, como aparecem em jornais locais, cartazes e outras mídias (vide item 1.3). Os termos “povo de hábito simples” e “sem vícios” associados ao povo silveirense retiram dos sujeitos sua subjetividade, passando a conotação de povo “apático”, o que se esquivava de conflitos e dissonâncias presentes na formação de qualquer cultura ou grupo (Guinzburg, 1987). Os românticos do século XIX representavam o campo e sua paisagem como algo idílico, onde os homens vivem num ambiente sem os “males” da civilização (Williams, 1992). Esse discurso se perpetua desde a fundação da festa e, com o crescimento dos números do turismo rural no Brasil, continua sendo incrementado com a finalidade de atrair mais turistas para o município, como se pode perceber pelos depoimentos.

A cidade de Silveiras ela é boa pra gente morar, ar fresco, não tem poluição e a gente pode deixar a janela aberta, por enquanto, pode deixar a porta aberta, carro na rua quase não passa, mas está começando a ter. Os marginais das cidades vizinhas vêm pra cá e junta com os daqui, a polícia, por sua vez, não faz o seu serviço como deveria ser feito e aí as coisas acontecem, já tem criança na rua de 14, 15 anos bêbado, outro dia estava um quase caindo na rua, quase que eu levava pra polícia, pra dormir na delegacia para ele não cair na calçada e se machucar (seu Fernando).

Tal realidade quase não aparece nas fontes documentais e midiáticas sobre Silveiras. As fendas deixadas no processo de simplificação da história e memórias de Silveiras são ocupadas por subjetividades como a de seu Fernando. O imaginário “forjado” para a “inculcação” de valores e padrões comportamentais produz uma identidade e memória opostas aos ideais do grupo fundador. Desta forma, a memória comum conquistada a “duras penas”, por não respeitar as diferenças, vai sendo desmantelada.

Quando são feitas referências a um “tipo”, seja ele chamado de “característico” ou “social”, está-se referindo a um modelo, uma imagem cristalizada, fruto de um processo redutor que, ao generalizar determinados atributos (sejam eles imaginários ou não), simplifica a complexidade cultural do grupo ao qual esse “tipo” concerne, reduzindo a expressão identitária desse grupo a uma figura a quem são atribuídas determinadas características tidas como “definidoras” ou “identificadoras” do grupo e condensando, assim, idéias relativas a ele.

Seu uso enquanto uma referência identitária serve para afirmar diferenças que estabelecem distinções entre grupos, contribuindo assim para o reconhecimento do grupo ao qual esse “tipo” está relacionado e em referência ao qual ganha sentido. No entanto, implica operar e estabelecer formas de reconhecimento relacionadas, em que frases tais como “o Gaúcho é assim ou assado (ou, conforme o caso, o baiano, o mineiro, o nordestino, o bretão, o siciliano, ou qualquer outro nacional ou internacional) referem-se a uma generalização de todo um grupo social sintetizado numa só figura (Maciel, 2001: 246).

A necessidade de reconhecimento e distinção perante outros grupos leva a selecionar apenas os elementos considerados significativos, de acordo com os

interesses do grupo. Após a escolha, ocorre sua ressemantização ou adequação à imagem que se deseja veicular, omitindo-se os detalhes que desagradam. No caso do tropeiro, são tomados apenas os fatos que o engrandecem, o heroísmo, a bravura e a honestidade. Com o estereótipo montado tem-se a sensação de que todas as reivindicações do grupo instituinte foram atendidas pela sedimentação de uma tradição para Silveiras.

Em diversas regiões brasileiras, a busca por uma imagem “verdadeira” vem da crença de que somente uma tradição pura, não contaminada afasta o falso, o perigoso, que pode levar à extinção da cultura do grupo (Maciel, 2001:247). Em relatos de jovens de Silveiras denota-se a assimilação da imagem do tropeiro a fim de superar o ressentimento do povo silveirense.

Seu Josias é um marco, um tropeiro mesmo, é a melhor lenda viva, vamos dizer assim (...) Ele está presente em todas as festas do tropeiro, ele que faz o café tropeiro, não sei se você tem conhecimento, não tem filtro, não tem nada, só põe o pó. Então, ele sempre faz as apresentações, carrega, vem com as mulinhas por aí, andando, ele é a chave principal da Festa do Tropeiro, porque ele é uma lenda viva e as pessoas geralmente vêm aqui e querem encontrar ele porque ele conta causos (...) É a principal figura, uma lenda viva mesmo (Carina).

Retomando a fala de seu Pitota em parceria com a obra de Maria Sílvia de Carvalho Franco podemos atentar para as outras atividades que também contribuíram para a formação e permanência da cultura de Silveiras. Seu Pitota, vendeiro, tomava conta de um dos armazéns do município que repassavam as mercadorias para os tropeiros.

A casa vendia de tudo, até remédio, vendia purgante, essas coisas. Conforme foi evoluindo vendia bicicleta, vendia relógio, vendia chapéu, calçado, era um armazém disso. Em 1972, justamente quando iniciou o ano de 72, em janeiro, o meu patrão, que era o chefe, resolveu cuidar só da pecuária, porque tinha virado fazendeiro e tal, resolveu passar a casa pra mim e pro meu

cunhado, aí pegamos a casa. Eu não tinha capital, mas, como eu era quase gerente, tudo eu que resolvia. Então, meu cunhado que tinha um pouco de recurso entrou com o capital, mas sem eu ele não poderia tocar porque ele não tinha as condições que eu tinha. Ficamos trinta anos sócios, depois ele saiu, era pecuarista também e eu fiquei sozinho (seu Pitota).

Seu Pitota aponta aspectos da imagem dos vendeiros e sua importância para a formação de Silveiras, além do tropeiro e mostrar a riqueza trazida por outras narrativas a respeito da história da cidade e como está se dá a partir de relações dinâmicas e complexas.

A importância dessa tradição, no sentido concreto de transmissão e de transmissibilidade, é ressaltada, em ambos os ensaios, pela lenda muito antiga (provavelmente uma fábula de Esopo) do velho vinhateiro que, no leito de morte, confia aos filhos que um tesouro está escondido no solo do vinhedo. Os filhos cavam, mas não encontram nada. Em compensação, quando chega o outono, suas vindimas se tornam as mais abundantes da região. Os filhos então reconhecem que o pai não lhes legou nenhum tesouro, mas uma preciosa *experiência*, e que sua riqueza lhes advém dessa experiência. (...) Não é o conteúdo da mensagem paterna que importa; aliás, o pai promete um tesouro inexistente e prega uma peça nos filhos para convencê-los. O que importa é que o pai fala do leito de morte e é ouvido, que os filhos respondem a uma palavra transmitida nesse limiar e reconhecem, em seus atos, que algo passa de geração para geração; algo maior que as pequenas experiências individuais particulares (*Erlebnisse*); algo maior que a simples existência individual do pai, um pobre vinhateiro; algo, porém, que é transmitido por ele; algo, portanto, que transcende a vida e a morte particulares, mas nelas se diz; algo que concerne aos descendentes (Gagnebim, 2001: 86-7).

Muitas culturas são construídas a partir de um ressentimento, fixando-se em apenas uma “figura sintetizadora” para suprir a falta de valorização das experiências que são trocadas nas relações sociais que constituem a cultura de um grupo, com desvios e dissonâncias. É preciso procurar além da simples

narrativa, não se fixando em apenas um aspecto, o que seria deturpar e empobrecer toda uma cultura.

4.2 Lugares de qual memória?

A memória, segundo Nora, passa por um período de crise crônica, pois teve seu espaço tomado pela mídia que insere, diariamente, nas residências de bilhões de pessoas informações efêmeras. Os fatos, nem bem são assimilados pelos telespectadores ou ouvintes, e estes já recebem outras e diferentes informações. A fugacidade do fato, de acordo com Nora, causa a “falência” da memória, pois, o acúmulo de informações recebidas afeta o processo de memorização. No século XX, ocorre um intenso movimento de busca por patrimônios materiais e imateriais que conseguissem preservar as memórias que se esvaem, como monumentos, praças, bibliotecas, arquivos, festas, entre outros rituais (D’Aléssio, 92/93).

A memória se compõe com a história vivida e, portanto, é repleta de experiências físicas e afetivas. Assim, a superposição de informações, além de destituir e zombar de nossas memórias, reduz a nossa capacidade de se envolver e ter compaixão, isto é, compartilhar o sofrimento do outro. Os meios de comunicação exibem imagens de mortes, assassinatos e guerras como fatos de simples assimilação, o que leva as pessoas a supervalorizarem o registro dos fatos e, ao mesmo tempo, a desaprenderem regras básicas de relacionamento. O desrespeito às pessoas também se torna responsável pela crise da memória, pois esta é constituída individualmente e a partir das relações com um grupo.

Nossas reminiscências também variam dependendo das alterações sofridas por nossa identidade pessoal, o que me leva a um segundo sentido, mais psicológico, da *composição*: a necessidade de compor um passado com o qual possamos conviver. Esse sentido supõe uma relação dialética entre memória e identidade. Nossa identidade (ou “identidades”, termo mais apropriado para indicar a natureza multifacetada e contraditória da subjetividade) é a consciência do eu que, com o passar do tempo, construímos através da interação com outras pessoas e com nossa própria vivência. Construímos nossa identidade através do

processo de contar histórias para nós mesmos – como histórias secretas ou fantasias – ou para outras pessoas, no convívio social (Thomson, 1997, p.57).

As reflexões de Pierre Nora e Alistair Thomson, embora tratem o tema partindo de vieses diferentes, pois o primeiro disserta a respeito da sua desconstrução e o segundo de sua composição, se tornam complementares. A complementaridade se dá no sentido de que os dois autores vêem aspectos diferentes sobre a composição da memória. Nora vislumbra a consolidação da memória na construção de espaços e catalogação de documentos e registros, Thomson mostra como suas contradições e artimanhas contribuem para a formação de identidade e identidades particulares e comuns, o que pode nos auxiliar na reflexão sobre os processos relativos à memória de Silveiras.

Na década de 1980, em Silveiras, com o êxito da Festa dos Tropeiros, decidiu-se fomentar a construção de uma série de “lugares de memória”, como o Dia do Tropeiro, no último fim de semana de agosto, data que coincide com o a Festa do Tropeiro. Decidiu-se também, alterar o nome da rodovia SP-66 que perpassa os municípios de Areias, São José do Barreiro e Bananal, para Rodovia dos Tropeiros, o que ocorreu por um decreto em 1982. A Festa passou a ser realizada na Praça do Tropeiro, antiga Praça da Cadeia, edifício restaurado com um projeto de Euclides da Cunha no início do século (Ferraz, 1984). Na Praça, além do nome, erigiu-se um monumento ao tropeiro e o Rancho do Tropeiro, de sapé, para a feitura e venda de alimentos no dia da Festa.



Figura 11: Praça do Tropeiro

Fonte: Da autora, 2002.



Figura 12: Rancho do Tropeiro

Fonte: Da autora, 2002.

Em 1986, a cidade tornou-se a sede da Fundação Nacional do Tropeiro no mesmo prédio do Casarão do Tropeiro, pousada e restaurante de comida tropeira, ambos administrados por seu Ocílio Ferraz e localizados na Praça da Matriz. É interessante notar que em Silveiras apenas o casarão que pertenceu ao Capitão Manuel da Silveira é tombado.



Figura 13: Casarão do Tropeiro

Fonte: Da autora, 2003.

O Espaço da Fundação consiste em uma sala, onde fica a biblioteca com diversas obras sobre tropeiros, o arquivo de cartazes e fotos da festa e documentos da fundação, o casarão do tropeiro tem muitos quartos e um restaurante que funciona diariamente e vende comida tropeira. Na porta de cada quarto um quadro conta uma parte da história de Silveiras, além de diversos utensílios espalhados pelo espaço do casarão, como jacás, cabaças, botas, entre outros utensílios utilizados pelos tropeiros. Para completar o cenário, um forno à lenha, onde são cozidos boa parte dos pratos servidos ocupa todo o fundo da casa colonial.

A Fundação pra mim é uma coisa interessante, mais ou menos há uns sete, oito anos atrás eu vim aqui em Silveira e vi esse prédio histórico lindo, muito bonito, mas nunca imaginei que um dia eu fosse estar aqui trabalhando, nunca passou pela minha cabeça. Eu conheci o professor Ocílio através das aulas no Senac, a gente se conheceu e eu tive a oportunidade de trabalhar com ele pouco tempo, lá em Lorena no Centro de Tradições Tropeiras e fui aflorando na parte gastronômica mesmo. Eu sou culinária, então, eu fazia esse tipo, esse apoio e depois que ele encerrou as atividades lá, ele passou tudo pra cá e aí me convidou pra vir pra cá, eu sou culinária, estou fazendo parte da pesquisa e a gente acabou, incorporando o trabalho juntos e estamos aí fazendo isso. Eu sempre costumo colocar pro pessoal como é importante saber a origem da comida de sua terra, claro que existem muitas coisas que a gente ainda não conseguiu descobrir, porque a nossa variedade culinária é fantástica, então a gente faz esse trabalho de pesquisa mesmo, entendeu, e a gente faz assessoria na parte culinária dos jornais, tem o Jornal Valeparaibano e até a Folha do Estado de São Paulo, quando precisam de algum quesito em termo de culinária, normalmente é algum fato histórico, eles acabam ligando para nós para perguntar como foi que surgiu. Agora está em andamento um livro que tem em torno de cem, cento e cinqüenta receitas, mas as receitas que a gente pretende fazer não são essas receitas famosas, as que todo mundo já conhece em grandes restaurantes, grandes chefes. Não é idéia nossa colocar uma receita importante, não importa que ela seja humilde, o que a gente quer fazer é uma história da comida, uma comida que tenha origem, tenha tradição. Então, o conteúdo desse livro será voltado para aquelas pequenas cozinheiras que têm uma grande comida. Então, a nossa idéia é essa, em todo o livro é pegar o pequeno e valorizar, porque se você for olhar, toda cidade pequena que você chega, existem muitas pessoas humildes, mas com receitas na área de gastronomia fabulosas, de bisavós,

tataravós, é isso. É importante a gente não deixar acabar isso, se acabar, se encerrar com elas não volta mais, entendeu (Anderson).

A busca frenética pela alimentação tradicional, mencionada por Anderson, pode ser caracterizada como uma tentativa de construção de um “lugar de memória”. Csergo mostra que as instituições culinárias regionais na França são contemporâneas do período em que se procura construir a idéia de nação, servindo como meios para diferenciar as regiões ou identificá-las (Csergo, 2002). O alimento é um signo para aqueles que o detêm e consomem de algo restaurador, um símbolo muito forte para a composição das identidades e memórias, que permanecem e se perpetuam, somente quando se ajustam às subjetividades. A proposta de Anderson e seu Ocílio de registrar em um livro os conhecimentos culinários valoriza a experiência e costumes que fazem parte da cultura de Silveiras ou do Vale do Paraíba. O que se questiona a consolidação de uma cultura, no caso, culinária, vista de forma anacrônica. Termos, como tradição, folclore, pessoas humildes, dão uma conotação de algo que não se transforma, que é preservado das ameaças modernas através dos tempos (Canclini, 2001, p.211). Recorrer à culinária para reafirmar a cultura local (Silveiras) e regional (Vale do Paraíba) num período de crise denota que os “lugares de memória”, ainda que conquistem o seu poder simbólico pelo registro, necessitam ser revisitados e reatualizados para serem reconhecidos como tais.

A diversidade de lugares inventados para corroborar a identidade tropeira de Silveiras, como Monumentos, Praças, Rancho, Fundação, etc, demonstra as dificuldades de grupos que vivem no século XX de valorizarem sua memória.

A partir de 2000, frente às interferências políticas no espaço da festa, ocorre um esforço pelo fortalecimento da memória comum cunhada para o município de Silveiras. Em 2003, o portal da cidade e, conseqüentemente, portal da Rodovia dos Tropeiros, recebe de Ocílio Ferraz o monumento de um tropeiro em uma mula, baseado em uma fotografia cedida por seu Josias. Esta talvez tenha sido uma resposta às atitudes tomadas em relação à festa. O monumento

atinge um número maior de pessoas que compartilham a imagem de Silveiras como cidade dos tropeiros. O monumento está no portal de entrada da Rodovia dos Tropeiros (embora o início da rodovia não seja no portal), sendo visto por todos que visitam as outras cidades à margem da rodovia. Diferentemente dos demais espaços em homenagem ao tropeiro, este tem uma abrangência mais significativa.



Figura 14: Portal de Silveiras

Fonte: Da autora, 2003.



Figura 15: Monumento do portal

Fonte: Da autora, 2003.

Um outro processo que foi sendo acentuado ao longo dos anos diz respeito às palestras que eram dadas no Casarão do Tropeiro, conforme cita a escritura da Fundação Nacional do Tropeiro (item 1.1), e as aulas dadas no mês de agosto nas escolas municipais que recontavam e traçavam a importância dos tropeiros para o município de Silveiras. As aulas não ficam circunscritas às salas de aula, mas também ocorrem em conversas com tropeiros, como seu Josias, que contam “causos” e ensinam a fazer balaios, preparam alimentos e brinquedos “tradicionais”. E, a partir destas aulas as crianças produzem estes materiais que são expostos na Festa do Tropeiro.

Durante a aula a gente vai falando um pouco isso, porque a história do tropeiro, o que Silveiras tem a ver com isso, né. E eu procuro ensinar pros alunos o seguinte, desde a culinária, a gente

faz a culminância do nosso trabalho levando o bolo de fubá, broa de fubá, sabe, a gente que leva. Os nossos sucos de limão, suco de couve, suco de laranja, suco de erva-cidreira, aí, fica linda a mesa, coloca as broas. A gente vai comendo e dali a gente explica pros alunos, isso aqui é feito de cana, daí eles coloca a garapa pra fervê, assim que eles faziam (os tropeiros), aí a garapa vai espumando, espumando e aí a gente tirava aquela espuma, os resíduos que ficava da cana e na hora que ela ficava limpinha colocava o pó no coador, passava a garapa ali dentro, aí o café saía docinho, porque a garapa é muito doce. Tudo isso veio da onde, então, tem que explicá pros filhos, pros netos. Este ano até eu pretendo fazer um resgate dos brinquedos, eu brinquei muito de perna-de-pau, a gente fazia os brinquedos, perna-de-pau de bambu e cada um queria colocar mais alto que o outro, a ambição era essa. A peteca de palha, a gente pegava palha, que os pais da gente matava frango e depenavam e as penas a gente colocava na peteca, galinha carijó, galinha nanica. Mas, não tem nada disso escrito, não acha escrito, se passa de boca em boca conversando com o pai, com a mãe como que fazia, era esse meu objetivo. Eu queria saber qual pai, qual mãe sabia fazer esse brinquedo, muitos sabiam (Rosana).

A elucubração da memória passa por caminhos que implicam afetos e questões físicas. As imagens ficam guardadas e, quando solicitadas, vêm à tona (Agostinho, 1980: 179). Rosana nas escolas em que leciona introduz novos elementos para a formação das “memórias” de Silveiras. As crianças e os jovens são envolvidos no processo de construção identitária. Esse “resgate”, conforme Rosana promove uma relação diferenciada com a memória do passado da cidade. As crianças e os jovens, ouvindo os relatos de seus pais ou aprendendo com seu Josias como fazer um balaio, têm a possibilidade de participar ou compartilhar experiências, o que proporciona uma reatualização de determinados fatos e memórias, que passam a ser ressignificados, pois remetem a um tempo vivido e, atualmente, visto de outra forma. Nesse mesmo sentido, outra pessoa, a partir do vivido, ou seja, da fabricação de seu próprio brinquedo ou do preparo de algum alimento, elabora a própria memória não a recebendo como algo dado e pronto. Isto só se torna possível, quando são aguçados todos os sentidos - tato, olfato, audição, visão e paladar - e despertadas as emoções que nos dão uma sensação de pertencimento, reconhecimento e afeto. A preparação e degustação dos

alimentos recriam um universo que, embora “tradicional”, valoriza costumes ainda presentes na vida das crianças e jovens, proporciona uma vivência autêntica, que é reconhecida pelos seus participantes. A manufatura dos brinquedos trabalha com a dimensão lúdica da criança, produzindo de uma memória individual e comum, pois foi vivenciada e compartilhada com os pais e colegas. Assim, a exposição, na festa de 2004, envolve o sentimento de reconhecimento, compartilhado com um grupo maior, moradores de Silveiras e visitantes. Dessa forma, a imagem de Silveiras como uma cidade com “alma” tropeira ultrapassa os limites do município.



Figura 16: Exposição dos alunos de Silveiras na 24ª Festa do Tropeiro

Fonte: Da autora, 2004.



Figura 17: Exposição dos alunos de Silveiras na 24ª Festa do Tropeiro

Fonte: Da autora, 2004.

Oliveira mostra como as trocas vivenciadas entre avós e netos, a partir de narrativas vividas e não contos de fadas carregados de questões ideológicas e já prontas, geram relações extremamente ricas e vivas.

Este relato exemplifica que, se eles de fato não contam as chamadas histórias feitas (Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve, Gata Borralheira e outras mais), contam, a todo instante, as histórias vividas. Por isso, são narrativas sempre calorosas, animadas pela força da vivência. Não trazem nada de postigo; estão banhadas de sabedorias, pois são “tecidas na substância viva da existência”, no dizer preciso de Walter Benjamin. É, portanto, uma oralidade que se manifesta de modo diverso; é também a expressão de uma cultura que se realiza principalmente no fazer e não no consumo de coisas prontas (Oliveira, 2001, p. 277).

A elaboração da cultura ocorre no fazer “e não no consumo de coisas prontas”. Nas escolas de Silveiras há uma mistura do pronto e do que se produz com a interação e apreensão da experiência do outro. Na fala de Rosana o tropeiro está sempre presente e exaltado como o herói do município. Rosana vê o tropeiro como um herói, pois seu avô e seu pai exerceram a atividade.

Quando vemos esses pontos de referência de uma época longínqua, freqüentemente os integramos em nossos próprios sentimentos de filiação e de origem, de modo que certos elementos são progressivamente integrados num fundo cultural comum a toda a humanidade (Pollak, 1989, p.10-11).

Todavia, a inculcação dessa imagem nas crianças e adolescentes em seu período de formação afeta o seu olhar sobre o histórico do município. Ainda que se compartilhem experiências, como a fabricação dos brinquedos, surge novamente a questão da composição de uma memória uníssona, que foca apenas um dos seus sujeitos participantes.

Vê-se que as memórias coletivas impostas e defendidas por um trabalho especializado de enquadramento, sem serem o único fator aglutinador, são certamente um ingrediente importante para a perenidade do tecido social e das estruturas institucionais de uma sociedade. (...) Assim, o denominador comum de todas essas memórias, mas também as tensões entre elas, intervêm na definição do consenso social e dos conflitos num determinado momento conjuntural. Mas nenhum grupo social, nenhuma instituição, por mais estáveis e sólidos que possam parecer, têm sua perenidade assegurada. Sua memória, contudo, pode sobreviver a seu desaparecimento, assumindo em geral a forma de um mito que, por não poder se ancorar na realidade política do momento, alimenta-se de referências culturais, literárias ou religiosas (Pollak, 1989, p.11).

A Festa do Tropeiro tinha objetivos bem claros, como o auxílio ao amigo tropeiro que necessitava de um posto de saúde, a arrecadação maior para fins

beneficentes. O grupo que iniciou o movimento sentiu que deveria recorrer à força da memória coletiva para alcançar os efeitos desejados. Uma memória que, nesse primeiro momento tem um fator aglutinador, mas não visa à “perenidade do tecido social”. Busca na população o apoio para uma transformação social, que não poderia ser conquistada com a anulação dos conflitos. O consenso deveria ocorrer apenas no grupo fundador do Movimento Tropeirista. A utopia do consenso social fez com que o movimento tomasse outro rumo, pois, por conta de falta de apego à memória local, sintomática de uma sociedade que convive com a “hegemonia do efêmero” (D’Aléssio, 1992/93, p.97), transformou-se num mito, que, ritualizado, conquista sua permanência ou nas palavras de Pollak, sobrevivência. Os “lugares de memória” garantiram durante algum tempo as mudanças necessárias e, ilusoriamente, o consenso, pode-se ler, a memória coletiva almejada. Entretanto, quando surgiram os primeiros sinais de crise, como a cessão da organização da festa para o poder público, por volta da sua 12ª edição, a memória instituída pelo Movimento começou a esmorecer. Com o crescimento da festa, durante algum tempo, não houve preocupação, com a manutenção e preservação da memória coletiva da cidade. A partir da 20ª edição, surgem os primeiros movimentos no sentido de retomar a essência da festa, como promover cursos de culinária tropeira, realizar palestras nas escolas, exposições dos trabalhos realizados pelos alunos e construir um novo monumento no portal da cidade.

Em diversos momentos da história tenta-se abafar as subjetividades, considerando-as responsáveis pela destruição da história e da memória e as pessoas apenas como depositárias de e não produtoras de memórias. Esquece-se, porém, que é impossível controlar memórias. Estas, no máximo, podem ser tolhidas e silenciadas durante determinado período, mas não eliminadas.

Não obstante, no espaço intermediário (na terra de ninguém dos fatos e da filosofia, e no duvidoso confim onde ambos se superpõem) se coloca o território inexplorado e exorcizado da subjetividade. O principal paradoxo da história oral e das memórias é, de fato, que as fontes são pessoas, não documentos, e que nenhuma pessoa, que decida escrever sua própria autobiografia (como é o caso de Frederick Douglass), quer concorde em

responder a uma entrevista, aceita reduzir sua própria vida a um conjunto de fatos que possam estar à disposição da filosofia de outros (nem seria capaz de fazê-lo, mesmo que o quisesse). Pois, não só a filosofia vai implícita nos fatos, mas a motivação para narrar consiste precisamente em expressar o significado da experiência através dos fatos: recordar e contar já é interpretar (Portelli, 1996, p. 20).

Os “lugares de memória” não destituem as pessoas de seu papel crítico e interpretativo. Em muitos casos, mesmo a aceitação da memória imposta, não significa que sua incorporação é aceita apenas pela necessidade de o homem se sentir pertencente a um grupo. A crise da memória causada pela interação do homem com os meios de comunicação resultou numa crise das emoções. Os homens se sentem sozinhos em meio a uma multidão, porque vêm sendo roubados na sua capacidade de olhar, dialogar e trocar com o outro.

A economia, a técnica, as comunicações de massa convertidas em *instâncias planetárias*. A transformação internacional da natureza em *artifício uniforme*. O homem contemporâneo vive *sem raízes*, foi desterrado de si mesmo. A pátria universal do presente é a homogeneidade imposta às distintas formas de experiência.

Nem os indivíduos nem as culturas humanas podem viver sem traumas um processo similar. O homem *é um ser de diferenças*. E sua auto-afirmação reclama o particularismo, o acento do próprio. Por isso, o sentir-se estrangeiro, uma nova e radical condição de *nomadismo* profundo e generalizado, define a situação da cultura contemporânea.

Da nossa interioridade mais profunda brota essa busca de algumas raízes, a imagem do solo nativo. Da pátria. Da qual, sem dúvida, sempre nos sentimos ausentes, distantes. Trata-se, como escreveu Ernst Bloch (1959, p. 1628), de “algo que a todos nos fez brilhar os olhos na infância, mas onde ninguém esteve ainda: pátria (Jiménez, 1996, p.144).

A sensação de desterritorialização gerada pela tentativa de homogeneização das sociedades causa profunda melancolia nos mais diversos grupos e a reação a essa melancolia é a eterna busca pela “pátria” citada por

Jiménez, a busca por raízes que sustentem as relações e façam com que os homens sós sintam-se parte de algo maior e significativo. Não à toa o movimento tropeirista de Silveiras surgiu em meio a um turbilhão de sensações e ressentimentos. Monteiro Lobato, Stanley Stein, Sérgio Milliet e Aziz Ab'Saber e outros perpetuaram uma visão limitada sobre o espaço dos municípios da região. Além disso, ao longo do século XX, as transformações instantâneas e a supervalorização de culturas hegemônicas, representadas por modos de vida cruéis e segregadores, contribuíram para este sentimento de isolamento e perda de identidade.

As “invenções de tradições” e de “lugares de memórias” são sintomas da desvalorização das experiências, o que gera um fosso entre comunidades, grupos e pessoas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A autêntica pátria do homem não tem perfis nem fronteiras uniformes. O sonho cosmopolita, a imagem de uma pátria universal é uma ilusão destrutiva. A verdadeira pátria é a imagem das diferenças humanas, a diversidade dos sentimentos, linguagens e culturas. Os itinerários plurais que traçamos em nosso incessante caminhar. Em direção à pátria (Jimenez, 1996: 144).

Silveiras, pequeno município localizado no Vale do Paraíba, nos mostra uma entre inúmeras trajetórias escolhidas por grupos e comunidades que se sentem excluídas para recuperar e exaltar sua cultura (culturas). Os processos que geram esse sentimento (ou ressentimento) por parte de uma cultura/grupo podem se manifestar de diversas maneiras, como a falta de recursos financeiros, o estabelecimento de limites territoriais (por exemplo: a construção da Rodovia Dutra, que não visou à integração regional), o desprezo/desinteresse que se mostra no uso de termos depreciativos como “cidades mortas”, “simples”, “num viver menor”, “tempo passa mais devagar”, entre outras. O termo exclusão dá uma conotação de superioridade do grupo que exclui, tecendo uma rede de relações complexas que compõem ciclos carregados de conflitos, dificuldades, apropriações, etc (Guinzburg, 1987). Em Silveiras vários elementos tentam colocar o município numa posição de excluído, a partir de olhares, leituras, ações políticas e culturais. A situação de exclusão vem sendo construída desde o início do século XX, por obra de um renomado morador da região, Monteiro Lobato. A cultura regional espelhava-se em alguns de seus participantes que recebiam nomes e características depreciativas, como Jeca Tatu, um dos pelo atraso do Brasil (De Luca, 1999). A expressão utilizada até hoje para indicar os caipiras, como os silveirenses e sua cultura.

No início do século XX, o país procurava deixar uma economia essencialmente agrária para se tornar industrial, o que levou a várias transformações, como a construção da Rodovia Dutra. A resposta a esses processos só veio alguns anos depois, na década de 1980, mostrando que

aflorava o ressentimento frente à exclusão político-ideológica. O município não oferecia condições básicas para a sobrevivência de seus moradores nem para sua cultura. Os meios utilizados para reverter a situação não são a crítica ou protestos, mas a organização de uma festa, repleta de rituais e monumentos que caracterizem o município, os “lugares de memória”, como reação à uma suposta “falta de memória” e com o objetivo de restaurá-la. O Movimento Tropeirista não aparece sozinho dentro dessa perspectiva, pois, segundo Pierre Nora, estamos vivenciando uma fase de perda de memória devido às interferências dos meios de comunicação. O movimento surge num momento em que proliferam outros movimentos à procura de suas raízes e identidades, por conta de uma sensação de anulação das diferenças/subjetividades e falta de valorização do diferente em prol de um discurso uniformizador. Como exemplo, o movimento negro, o movimento feminista, o movimento gay, o movimento dos sem terra e dos sem teto, entre outros, que apresentam pontos e exigências comuns. Sente-se a necessidade de união para modificar determinadas situações, instituir novas políticas e formas de convivência, um dos sintomas de uma crise que vem afligindo populações inteiras em diversos lugares do mundo. As relações sociais, a troca e transmissão de experiências/conhecimentos vêm sendo substituídas pelas informações trazidas pelos meios de comunicação. Deixamos de olhar para os nossos problemas (experiências), para nos preocuparmos com os dos outros (bairros, cidades, países, etc). As experiências são criadas e trazidas prontas e não são vivenciadas, nos meios de comunicação, monumentos, comemorações, palestras, entre outros. Inseridos neste cenário surgem os diversos movimentos que, quando se sentem “invisíveis”, voltam-se para as suas origens, raízes, culturas e memórias a fim de transgredirem esse padrão de relações sociais.

Entretanto, as amarras que esses movimentos tentam desatar para alcançar aquilo que acreditam ser a solução para os problemas incorrem nos mesmos erros tidos como geradores da situação. Em Silveiras, o Movimento Tropeirista tinha o intuito de criar e fomentar uma história, memória e cultura para a cidade e mostrar a sua relevância para a história e desenvolvimento do Vale do Paraíba, além de outras funções, como gerar empregos e recursos financeiros.

Porém, nesse trilhar, escolhe, em alguns momentos, os mesmos caminhos que critica, porque elege apenas um dos sujeitos históricos da cidade para recontar a sua história, estabelecendo uma situação de exclusão, a mesma questionada pela proposta inicial do Movimento. Em alguns momentos, há preocupação com a valorização da experiência e transmissão intergeracional, que produzem um espaço de sociabilidade, respeito e de emergência de vozes que há muito não eram ouvidas por alguém além de seu orador. Essas vozes, a partir do fortalecimento do Movimento Tropeirista, passam a ter outros significados para seus os falantes e são ressignificadas pelos seus ouvintes, aflorando os sentimentos de pertencimento, reconhecimento, mesmo com dissonâncias e diferenças. Parte desse sentimento foi anulado, quando se procurou elaborar uma cultura única e tradicionalista (Maciel, 2001) para Silveiras, visando à preservação, ou proteção de qualquer interferência que pudesse modificá-la ou eliminá-la. Depreende-se que os mesmos processos para a formação de uma “pátria universal” (Jiménez, 1996), ou seja, onde todos apresentem características, modos de vida, ideais comuns, são incorporados ao Movimento Tropeirista de Silveiras. Assim, perde-se de vista que, mesmo em populações pequenas, como Silveiras, não existe cultura, mas culturas, não existe algo puro, mas híbrido (Canclini, 2003). A almejada memória está justamente no encontro e respeito que se constrói entre as diferentes posturas, linguagens e leituras que constituem uma cultura/culturas.

O paradigma que propõe uma hierarquia cultural, onde determinadas culturas são tomadas como ultrapassadas e outras adequadas ao seu tempo, faz surgir movimentos que procuram mostrar que a diversidade tempos, espaços e memórias é que proporciona a adequação e transformação das culturas. O ideal de pátria é uma proposta que contribui para ver algumas culturas como superiores a outras. Os projetos que visam à construção de uma nação necessitam eliminar as diferenças, o que representa uma intensa falta de reconhecimento. A identidade coletiva transforma-se numa grande “colcha de retalhos”, onde cada um esboça sua subjetividade, ocasionando uma crise de identidade, grupos/culturas, criam associações, instituições, comemorações que os insiram

nessa cultura hegemônica. Em Silveiras, o próprio nome da Fundação Nacional do Tropeiro indica uma tentativa de aproximação com o projeto de nação, a construção do sentimento de pertencimento ao grupo/cultura “maior”, chamado “nação”. O tropeiro é visto como um dos grandes responsáveis pela formação da nação, pois propiciava o abastecimento e, principalmente, a integração das cidades. Para Jiménez, a identidade, construída a partir dos *diferentes sentimentos, linguagens e culturas*, vai na direção contrária do projeto de formação da pátria, voltado à valorização da uniformização.

Nesse contexto, grupos e comunidades continuarão a procurar mostrar sua cultura como relevante e digna de respeito, até por invenções de tradições, para firmar um poder simbólico que combata o hegemônico poder econômico, social e cultural.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Santo. *Confissões de Magistro*. São Paulo: Abril Cultural, 1980, p.170-206.

ALMEIDA, Aluísio. *Vida e Morte do Tropeiro*. São Paulo: Livraria Martins, Editora da Universidade de São Paulo, 1981.

AMARAL, Rita de Cássia. A alternativa da festa à brasileira. IN: *Festas – antropologia, artes e humanidades*. São Paulo, no 2, ano 2, abr/1995, p.109-115.

_____. *Festa à Brasileira – Significados do festejar no país que “não é sério”*. São Paulo, 1998. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

ANSART, Pierre. História e Memória dos Ressentimentos. IN: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (orgs.). *Memória e Ressentimento*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001, p. 15-36.

Atlas das Unidades de Conservação Ambiental do Estado de São Paulo. São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente, 2000.

AZEVEDO, Carmen Lúcia de; CAMARGOS, Márcia; SACHETTA, Vladimir. *Furacão na Botocúndia*. São Paulo: Editora Senac, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo: Hucitec: Editora da Universidade de Brasília, 1987, p.1-50.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Discurso e História. O Bandeirante: herói ou vilão. IN: *Linha D'água*, no especial, jun, 1995, p.149-159.

BELLUZZO, Ana Maria de Moraes (org.). *O Brasil dos Viajantes*. São Paulo: Objetivo: metalivros, 1999.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história.– Magia e técnica, arte e política. IN: *Obras Escolhidas*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985, p.222-232.

_____. O narrador. IN: *Textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1975, p.197-221.

BHABA, Homi. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

CALVINO, Ítalo. *As Cidades Invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

- CANCLINI, Nestor Garcia. 3ª edição. *Culturas híbridas.*, São Paulo: Edusp, 2003.
- CHAUÍ, Marilena. 8ª edição. *Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas.* São Paulo: Cortez, 2000.
- CSERGO, Julia. A emergência das cozinhas regionais. IN: FLANDRIN, Jean Louis e MONTANARI, Massimo (orgs.). 2ª edição. *História da Alimentação.* São Paulo: Estação Liberdade, 2002, p.806-824.
- D'ALÉSSIO, Márcia Barbosa Mansor. Memória: Leituras de M. Halbwachs e P. Nora. IN: *Revista Brasileira de História*, vol. 13, no 25/26, set/ago, 92/93, p.97-104.
- DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil.* São Paulo: Livraria Martins, Tomo I, 1940.
- DE LUCA, Tania Regina. *A Revista do Brasil: Um diagnóstico para a (N)ação.* São Paulo: Editora Unesp, 1999.
- DUVIGNAUD, Jean. *Festas e Civilizações.* Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará; Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.
- ELÍADE, Mírcea. 5ª edição. *Mito e Realidade.* São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil.* São Paulo: Edusp, 2000, p. 192-401.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa.* Rio de Janeiro: Ed Nova Fronteira, 1986, p. 772.
- FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. 4ª edição. *Homens livres na Ordem Escravocrata.* São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1997.
- FRANÇOIS, Etienne. A fecundidade da história oral. IN: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos e Abusos da História Oral.* Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1996, p. 34-40.
- FREYRE, Gilberto. Manifesto Regionalista de 1926. *Cadernos de Cultura.* Ministério da Educação e Cultura. Serviço de Documentação. Recife. Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 1996.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória, História, Testemunho. IN: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (orgs.). *Memória e Ressentimento.* Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001, p. 85-94.

- GOULART, José Alípio. *Tropas e tropeiros na formação do Brasil*. Rio de Janeiro: Conquista, 1961.
- GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa, Trabalho e Cotidiano. IN: JANCSÓ, István e KANTOR, Íris, (orgs.). *FESTA: Cultura & Sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: Hucitec: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial, vol II, 2001, p. 969-975.
- GUINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, Editora revista dos Tribunais, 1990.
- HOBBSAWM, Eric. *A invenção das tradições*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). 8ª edição. *História Geral da Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro: Ed Bertrand Brasil, vol I, 1989.
- _____. *Caminhos e Fronteiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- JIMÉNEZ, José. Sem pátria: os vínculos de pertinência no mundo de hoje – família, país, nação. IN: SCHNITMAN, Dora Fried (org.). *Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade*. São Paulo: Artmed, 1996, p. 138-144.
- JOB, Vera Ravagnani & VIEIRA, Rogich (org.). *O tropeiro e a integração geográfica e cultural do Brasil Sorocaba*.: Secretaria de Educação e Cultura, 1997.
- KONSTAN, David. Ressentimento – História de uma emoção. IN: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (orgs.). *Memória e Ressentimento*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001, p. 59-84.
- LE GOFF, Jacques. *Por amor às cidades: conversações com Jean Lebrun*. São Paulo: Editora Unesp, 1998.
- LENHARO, Alcir. *As Tropas da moderação: o abastecimento da corte na formação política do Brasil, 1802 –1842*.. São Paulo: Símbolo, 1979.
- LUCENA, Célia. Imagens e significados do banquete na Festa do Rosário. IN: *História Oral: Revista da Associação Brasileira de História Oral*, n.7, jun. 2004. São Paulo: Associação Brasileira de História Oral, v.7, p.199-215.

MACIEL, Maria Eunice. Memória, Tradição e Tradicionalismo no Rio Grande do Sul. IN: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (orgs.). *Memória e Ressentimento*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001, p. 239-268.

MATOS, Olgária Chain Féres. Construção e desaparecimento do herói: uma questão de identidade nacional. IN: *Tempo Social* (Revista de Sociologia da USP) São Paulo, vol 6, no 1-2, jun/1995, p.83-95.

MELERO, Margareth Yayo Gimbo. *Cidades Mortas, Passado e Presente vivo: a conservação da memória em São José do Barreiro*. São Paulo, 2000. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo.

MENDES, Denise. *Calçada do Lorena: o caminho dos tropeiros para o comércio do açúcar paulista*. São Paulo: USP, 1994. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História da Universidade de São Paulo.

MICELI, Paulo. 4ª edição. *O mito do herói nacional*. São Paulo: Contexto, 1994.

MORIN, Edgar. *O homem e a morte*. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1997.

MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. *O Café*. Catálogo da exposição realizada na Praça do Banco Real. São Paulo, 28 de agosto a 20 de outubro de 2000, p. 15-29.

MUMFORD, Lewis. *A cidade na história*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

NORA, Pierre. Entre Memória e História – A problemática dos lugares. IN: *Projeto História*. São Paulo, no 10, dez/1993, p. 7-28.

OLIVEIRA, Maria Alice Oliva de. *Espaço, tempo e memória: construção e transformação do espaço em São Luiz do Paraitinga a Natividade da Serra*. São Paulo, 2000. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. Avós e Netos nas classes populares: a recusa de não se sentir em lugar algum e a redescoberta de novo projeto de vida. IN: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (orgs.). *Memória e Ressentimento*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001, p. 269-286.

Palestra proferida por Paolo Jedlowsky no dia 11 de setembro de 2003, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

PASSERINI, Luisa. A “lacuna” do presente. IN: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1996, p. 211-214.

POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento, Silêncio. IN: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol 2, no 3, 1989, p. 3-15.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. IN: *Projeto História: Cultura e Representação*. São Paulo, No 14, 1997, p. 25-40.

_____. A Filosofia e os fatos – Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. IN: *Tempo*. Rio de Janeiro, vol 1, no 2, 1996, p. 50-72.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROMANO, Ruggiero (org). Festa. IN: *Religião – Rito. Enciclopédia Einaudi*. Porto: Casa da Moeda; Imprensa Nacional. vol 30, 1994, p. 403-414.

RONCAYOLO, Ronaldo. Cidade. IN: *Região. Enciclopédia Einaudi*. Porto: Casa da Moeda; Imprensa Nacional, vol 8, 1986, p.397-412.

ROSS, Jurandyr L. S. (org.) *Geografia do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1995, p. 58.

SANT’ANNA, Denise Bernuzzi. Propaganda e História: Antigos Problemas, Novas Questões. IN: *Projeto História*, São Paulo: EDUC, 1997, no 14, p. 89-112.

SARLO, Beatriz. *Paisagens Imaginárias*. São Paulo: Edusp, 1997.

SCHMIDT, Carlos Borges. Tropas e Tropeiros. IN: *Journal of Interamerican Studies*, vol 1, 1959, no 2, p.103-121.

SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da Vida Privada no Brasil – República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Cia das letras, vol. 3, 1998, p.7-48.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum – estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. Folclore, Antropologia e História Social. IN: *As peculiaridades dos Ingleses e outros artigos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001, p. 227-252.

THOMSON, Alistair. Reconstituo a memória: Questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. IN: *Projeto História*. São Paulo, no 15, abr/1997, p. 51-164.

TRINDADE, Jaelson Bitran. *Tropeiros*. Curitiba: Editoração Publicações e comunicações, 1997.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade*. Companhia das Letras: São Paulo, 1989.

_____. *Marxismo e Literatura*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

7. FONTES

Fontes Orais:

Entrevistas

BERTOCO, VÍnia Barbieri. Barraqueira, 45 anos. Entrevistadora: Luana Manzione Ribeiro, Praça do Tropeiro, 24/08/2003.

CARDOSO, Elza. Silveirense. Entrevistadora: Luana Manzione Ribeiro, Residência da entrevistada, 23/08/2003.

CARDOSO, Fernando. Silveirense. Entrevistadora: Luana Manzione Ribeiro, Residência do entrevistado, 23/08/2003.

CARDOSO, Geraldo (Seu Dedé). Ex-tropeiro e artesão. Entrevistadora: Luana Manzione Ribeiro, Residência do entrevistado, 22/08/2003.

CARDOSO, Rosana. Historiadora e professora. Entrevistadora: Luana Manzione Ribeiro, Residência da entrevistada, 10/04/2004 e 30/08/2004.

CINTRA, Clotário de Andrade. (Seu Pitota), 91 anos, aposentado. Entrevistadora: Luana Ribeiro, Centro de Silveiras, Residência do entrevistado, 19/04/2003 e 20/04/2003.

COSTA, Marina Nunes da Silva, 36 anos, agropecuarista (filha de ex-tropeiro). Entrevistadora: Luana Manzione Ribeiro, Zona Rural de Silveiras, Residência do entrevistado, 18/04/2003.

COSTA, Roque Celso, 40 anos, agropecuarista (filho de ex-tropeiro). Entrevistadora: Luana Manzione Ribeiro, Zona Rural de Silveiras, Residência do entrevistado, 18/04/2003.

FERRAZ, Ocílio, professor e empresário. Entrevistadora: Luana Ribeiro. Silveiras, Casarão do Tropeiro, 22/08/2002, 15/03/2003 e 17/04/2003.

FERREIRA, Aparecida. Entrevistadora: Luana Manzione Ribeiro. Silveiras, na Praça do Tropeiro, 20/04/2003.

FILHO, José Ricardo. Professor aposentado de Filosofia e vice-presidente da Fundação Nacional do tropeirismo. Entrevistadora: Luana Manzione Ribeiro. Silveiras, Casarão do Tropeiro, 23/08/2003.

FLORENCIO, Josias Mendes. (Seu Josias) Tropeiro, 73 anos. Entrevistadora: Luana Ribeiro. Silveiras, praça da cidade, 22/08/2002 e Residência Seu Josias 19/04/2003 e 25/08/2003.

LIMA, Walter Cunha de Lima. Barraqueiro. Entrevistadora: Luana Manzione Ribeiro, Praça do Tropeiro, 24/08/2003.

MACIEL, Antonio de Santa Terezinha, 68 anos, músico e produtor de licor. Entrevistadora: Luana Ribeiro, Silveiras, Casarão do Tropeiro, 17/04/2003.

OLIVEIRA, José Luiz. Visitante da festa, nascido em Taubaté. Entrevistadora: Luana Ribeiro. Praça da Matriz, Centro de Silveiras, 29/08/2004.

PEREIRA, Anderson, 32 anos, chefe de cozinha do Casarão do Tropeiro. Entrevistadora: Luana Ribeiro. Casarão do Tropeiro, Centro de Silveiras, 23/08/2002, 16/03/2003 e 20/04/2003.

Padre Rivelino. Entrevistadora: Luana Ribeiro. Residência do Padre, Centro de Silveiras, 18/04/2003.

RAMOS, José Joaquim (Seu Joaquim Governo). Tropeiro. Entrevistadora: Luana Ribeiro. Bairro do Bom Jesus, Silveiras, Residência do Seu Josias, 19/04/2003.

RODRIGUES, Nilza de Fátima Ribeiro. Merendeira e Cozinheira da Festa do Tropeiro, 39 anos. Entrevistadora: Luana Ribeiro. Residência do Padre, Centro de Silveiras, 24/08/2003.

SANTOS, Willian César dos. Barraqueiro. Entrevistadora: Luana Manzione Ribeiro, Praça do Tropeiro, 25/08/2003.

TINOCO, Carina Ricci, 25 anos, inspetora escolar. Entrevistadora: Luana Manzione Ribeiro. Silveiras, Casarão do Tropeiro, 24/08/2002 e 10/04/2004.

VAZ, Geralda, 70 anos, esposa de tropeiro. Entrevistadora: Luana Ribeiro, Silveiras, Casarão do Tropeiro, 18/04/2003.

VAZ, Rosângela Aparecida, 19 anos, estudante (neta de tropeiro). Entrevistadora: Luana Ribeiro, Silveiras, Casarão do Tropeiro, 18/04/2003.

Fontes escritas:

Livros

ALVES, José de Miranda. *Silveiras: História e Tradição*. Silveiras: Publicação Particular.

Vol 1, 1975.

FERRAZ, Ocílio. *Voltando às origens*. Silveiras: Fundação Nacional em Defesa do Tropeirismo, 1984.

FLORENÇANO, Paulo Camilher & ABREU, Maria Morgado de. *Culinária Tradicional do Vale do Paraíba*. IN: Cadernos Culturais do Vale do Paraíba. Taubaté: Centro Educacional Objetivo, 1987.

LOBATO, Monteiro. *Idéias de Jeca Tatu*. São Paulo: Ed Brasiliense, 1946, p. 230.

_____. *Cidades Mortas*. São Paulo: Ed Brasiliense, 1995.

MAIA, Tom. *O folclore das tropas, tropeiros e cargueiros no Vale do Paraíba*.

Rio de Janeiro: MEC-SEC: FUNARTE: Instituto Nacional do Folclore, 1981

MAIA, Tom & MAIA, Thereza Regina de Camargo. *Vale do Paraíba: Velhas Cidades*. São Paulo: Companhia Editora Nacional: Editora da Universidade de São Paulo, 1977.

TOLEDO, Francisco Soderio. *Silveiras I: Memória e Vida*. Lorena: Faculdades Integradas Teresa D'Ávila (Setor de Pesquisa e Documentação), 1979, vol 10.

Artigos de jornais

“Balancete da Festa do Tropeiro”. *Jornal de Silveiras*, Silveiras (SP), Ano I, no 16, Out/1990, p.4.

“O tropeirismo no Vale do Paraíba”. *Jornal do Vale*, São José dos Campos, 18/07/1986, p. 9.

“Silveiras conta a saga das tropas”. *Jornal do Vale*, São José dos Campos, 29/08/1986, Segundo Caderno, p. 3.

“Como uma grande família”. *Jornal Valeparaibano*, São José dos Campos, 10/07/1987,

p. 6-7.

“Silveiras – uma cidade onde o tempo corre lento”. *Jornal Valeparaibano*, São José dos Campos, 02/10/1992, Caderno Fim de Semana, p. 19.

CARDOSO, José. *Silveiras, 150 anos*. IN: Jornal do Momento, Silveiras, Edição Especial 150 anos, 28/02/1992, p.1-2.

CASTELLO BRANCO, Marco Antonio. *Resgatando os caminhos dos tropeiros*. O Estado de São Paulo, São Paulo, 17/08/2004, Caderno Viagem, p. V2.

LIMA, Roberto Dias. *Editorial*. Jornal de Silveiras, Silveiras (SP), Ago/1990, no 15, p.2.

NORDSKOG, Elisa. "Silveiras revive suas tradições". Jornal Valeparaibano, São José dos Campos, 28/08/1992, Caderno Fim de Semana, p. 19.

Cartazes

FERRAZ, Ocílio. *Reviva Silveiras, Arte, Cultura e Tradição*. 1984. Cartaz da Programação.

Prefeitura Municipal de Silveiras. *20ª Festa do Tropeiro*. 2000. Cartaz de Divulgação.

Documentos cartoriais

1º CARTÓRIO DE NOTAS E OFÍCIO DE JUSTIÇA DE CACHOEIRA PAULISTA. Escritura. Livro 149, folhas 57-62, 22/10/1985. Jurinda Alves Capucho, escritã deste cartório, dá fé que Sr Ocílio Ferraz e sua esposa, Helenita Buzzi Ferraz desejam instituir uma fundação destinada a promover e divulgar atividades culturais, manter cursos educacionais e simpósios que visem difundir a cultura tropeira e seu ciclo histórico.

Partitura musical

MACIEL, Antonio (letra) & TURINI, Ernani (música). Partitura da Missa do Tropeiro, Silveiras, 1995.

Plano de Governo

Plano de Governo. Coligação "Silveiras no Rumo Certo", setembro/2003, p.3. (panfleto distribuído para os moradores da cidade)

Vídeos

São Paulo Antiga – Uma encomenda da modernidade. Direção de Adilson Ruiz.

São Paulo: Studio AR, 1995, 13 min.

Voto Tropeiro. Produção de Aparecida. São José dos Campos: TV Vanguarda, exibido em 28/09/1996, reportagem, (06 min).

Tropeiros / Silveiras. Produção de Alex. São José dos Campos: TV Vanguarda, exibido em 22/08/1998, reportagem, (04 min e 19 seg).